



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
CAMPUS AVANÇADO DE ASSU – CAA
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLV
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS UNIDADE ASSU

**DA TRADIÇÃO ORAL À MODERNIDADE: LETRAMENTO LITERÁRIO A
PARTIR DA LEITURA DE CONTOS DE CÂMARA CASCUDO E ANA MARIA
MACHADO**

FRANCISCA GLEICIANE VERAS DE SOUZA RODRIGUES

Assú/RN
2021

FRANCISCA GLEICIANE VERAS DE SOUZA RODRIGUES

**DA TRADIÇÃO ORAL À MODERNIDADE: LETRAMENTO LITERÁRIO A
PARTIR DA LEITURA DE CONTOS DE CÂMARA CASCUDO E ANA MARIA
MACHADO**

Dissertação apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – *Campus Assú*, como parte das exigências do Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, para obtenção do título de Mestra.

Linha de pesquisa: Leitura e produção textual: diversidade social e práticas docentes.

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Conceição Silva Dantas Monteiro

Assú/RN
2021

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

S729d SOUZA RODRIGUES, FRANCISCA GLEICIANE VERAS DE
DA TRADIÇÃO ORAL À MODERNIDADE:
LETRAMENTO LITERÁRIO A PARTIR DA LEITURA DE
CONTOS DE CÂMARA CASCUDO E ANA MARIA
MACHADO.. / FRANCISCA GLEICIANE VERAS DE
SOUZA RODRIGUES. - RIO GRANDE DO NORTE, 2021.
106p.

Orientador(a): Profa. Dra. Maria da Conceição Silva Dantas Monteiro.

Dissertação (Mestrado em Programa de Mestrado Profissional em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Programa de Mestrado Profissional em Letras. 2. Literatura. 3. Contos. 4. Ensino Fundamental. 5. Ana Maria Machado. I. Silva Dantas Monteiro, Maria da Conceição. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

FRANCISCA GLEICIANE VERAS DE SOUZA RODRIGUES

DA TRADIÇÃO ORAL À MODERNIDADE: LETRAMENTO LITERÁRIO A PARTIR DA LEITURA DE CONTOS DE CÂMARA CASCUDO E ANA MARIA MACHADO

Dissertação apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – *Campus Assú*, como parte das exigências do Programa do Mestrado Profissional em Letras-PROFLETRAS, para obtenção do título de Mestra.

Linha de Pesquisa: Leitura e produção textual: diversidade social e práticas docentes.

Dissertação aprovada em _____ de _____ de 2021.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Maria da Conceição Silva Dantas Monteiro
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
Orientadora

Profa. Dra. Nádia Maria Silveira Costa de Melo
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
Examinadora Interna

Profa. Dra. Franselma Fernandes de Figueirêdo
Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA
Examinadora externa

À minha família,
pela dedicação e amor diários.

Ao meu esposo, Danilo,
por nunca soltar minha mão nessa longa jornada da vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me dar diariamente forças e inspiração para seguir o meu caminho.

Aos meus pais, Dasdores e Valdenir, por sempre me incentivarem a estudar, pelos ensinamentos, proteção, orações e amor incondicional.

Ao meu esposo, Danilo, com quem eu escolhi dividir minha vida, companheiro de uma longa caminhada, obrigada pela torcida e compreensão das minhas ausências, pelas suas palavras de apoio e gestos de amor dedicados a mim.

A minha irmã, Glauciane e aos meus sobrinhos Arthur, Aninha e Álvaro, por me proporcionarem risadas e um coração leve toda vez que os via e olhava para seus olhinhos.

Aos verdadeiros amigos, por me apoiaram em toda essa trajetória, confiando em meu potencial e torcendo para que tudo desse certo. Em especial à Karolina Bonaffini, por ter me auxiliado em momentos de dúvidas, e partilhado seus conhecimentos.

À Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, por me acolher tão bem e me permitir cursar o mestrado em uma instituição de excepcional qualidade.

A todos os meus colegas de turma PROFLETRAS-Assú 2018, pelo apoio e ensinamentos, em especial, Kalykson Oliveira e Ronny Queiroz pelos momentos de descontração, apoio e amizade.

Às amigas, companheiras de viagem e de trabalhos acadêmicos, Adriana Pinho, Francinelma Moura e Sandra Oliveira, pelo companheirismo, risadas e grandes partilhas.

À Dona Dulce, que sempre nos recebeu com bastante carinho em sua residência em Assú, abrindo suas portas e coração para todas nós.

À minha Orientadora Dra. Maria da Conceição Silva Dantas Monteiro, por ter aceitado me auxiliar nessa empreitada e por ter me fornecido tantas contribuições preciosas. Obrigada por compartilhar sua grande sabedoria comigo, por suas valiosas observações, sempre com muita delicadeza e paciência. Para sempre, minha estimada admiração e gratidão.

À coordenadora do Profletras-Unidade Assú, Dra. Nádia Maria Silveira Costa de Melo, pelo acolhimento e gentileza com o qual sempre nos atendia.

A todo corpo docente que compõe o quadro do Profletras-Unidade Assú, que estiveram conosco partilhando seus conhecimentos nesse momento tão importante.

Aos meus alunos, por aceitarem participar deste estudo e por, diariamente, me ensinarem a necessidade de nunca parar de buscar por conhecimento.

À Secretaria Municipal de Educação de Maracanaú, pela possibilidade de afastamento das minhas atividades laborais, às quintas e sextas, a fim de cursar as disciplinas do mestrado.

Ao núcleo gestor da Escola Municipal de Ensino Fundamental do Jatobá, pela confiança em meu trabalho e pelo grande compromisso com a Educação.

A todos os professores e colegas da Escola Municipal de Ensino Fundamental do Jatobá, pelas partilhas e torcidas diárias.

À minha ex-professora e atual colega de profissão, Ana Márcia Julião, pelo incentivo nessa trajetória e por me apresentar o belo caminho da Literatura.

A todos os meus ex-professores que contribuíram na construção do meu crescimento pessoal e profissional.

Ao PROFLETRAS, pela oportunidade de incentivar professores a nunca deixarem de estudar e buscar crescimento pessoal e profissional, por marcar positivamente tantas histórias e vidas.

À CAPES: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

A todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram e torceram por mim durante toda a realização deste sonho, meus mais sinceros agradecimentos.

A literatura desenvolve em nós a quota de
humanidade na medida em que nos torna
mais compreensivos e abertos para a
natureza, a sociedade, o semelhante.
(Antonio Candido)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo contribuir para o letramento literário dos discentes de uma escola de Ensino Fundamental II, na cidade de Maracanaú-CE, inserindo-os em uma prática significativa de leitura, buscando mais autonomia e criticidade durante a leitura de textos literários. Isso será possível através da implementação e análise de oficinas propositivas. Para a realização da pesquisa, a base sobre os conceitos de leitura e letramento, foi fundamentada em Kleiman (2013) e Soares (2009), que propõem uma visão mais interativa com o texto. Para o entendimento sobre o letramento literário, baseou-se em Cândido (1989, 2017) e Cosson (2014, 2016). Gotlib (2004) auxiliou na compreensão sobre o gênero literário conto. A fim de entender sobre a importância da influência do professor leitor na formação de novos leitores, apoiou-se em Lajolo (2011) e Silva (2004). No que diz respeito a como acontece o estudo da literatura e a leitura dos textos literários na escola, ancorou-se em Zilberman (2012) e Dalvi (2013). Recorreu-se, também às orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 1998) e da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2016) sobre o ensino de Língua Portuguesa. Na metodologia, o caráter da pesquisa é de natureza qualitativa e interventiva, com base na pesquisa-ação, uma vez que se pretende ocorrer em um contexto social concreto, objetivando uma melhoria na prática docente, com o intuito de promover avanço na aprendizagem dos discentes. As oficinas propositivas foram baseadas na sequência básica proposta por Cosson (2014, 2016), na qual é dividida em quatro momentos: motivação, introdução, leitura e interpretação. Nessas oficinas, trabalhou-se com dois contos de Luís da Câmara Cascudo e recontados por Ana Maria Machado, presentes no livro *Histórias à brasileira* (2010), de autoria de Machado. A escolha pelo gênero conto foi feita por se tratar de textos que costumam estimular a curiosidade e a ludicidade dos alunos. Para a geração de dados, utilizou-se os seguintes instrumentos: anotações de campo por parte da professora, registros em diários de leitura pelos alunos, e questionários realizados durante todo o processo de intervenção. Espera-se como resultado da pesquisa que os alunos consigam compreender e interpretar os textos literários com mais proficiência, pois percebeu-se a importância de abordar o ensino de leitura sob a perspectiva do letramento literário, considerando essencial a interação entre leitor e texto. Além disso, o professor deve exercer o papel de mediador, elaborando e organizando melhores estratégias para motivar os alunos a participarem das atividades propostas, em que o foco principal seja a construção da autonomia e criticidade durante a prática leitora, trazendo boas contribuições para a educação literária dos estudantes.

Palavras-chaves: Letramento Literário. Sequência Básica. Conto Popular. Ensino Fundamental.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo contribuir a la alfabetización literaria de los alumnos de una Escuela Primaria II, en la ciudad de Maracanaú-CE, insertándolos en una práctica lectora significativa, buscando mayor autonomía y criticidad a la hora de leer textos literarios. Esto será posible mediante la implementación y el análisis de talleres de trabajo proposicionales. Para llevar a cabo la investigación, la base de los conceptos de lectura y alfabetización se basó en Kleiman (2013) y Soares (2009), quienes proponen una visión más interactiva con el texto. Para la comprensión de la alfabetización literaria, se basó en Cândido (1989, 2017) y Cosson (2014, 2016). Gotlib (2004) ayudó en la comprensión del género literario de cuentos. Para comprender la importancia de la influencia del profesor lector en la formación de nuevos lectores, fue apoyado por Lajolo (2011) y Silva (2004). En cuanto a cómo se desarrolla el estudio de la literatura y la lectura de textos literarios en la escuela, se basó en Zilberman (2012) y Dalvi (2013). También se utilizaron los lineamientos de los Parámetros Curriculares Nacionales - PCN (BRASIL, 1998) y la Base Curricular Nacional Común (BRASIL, 2016) sobre la enseñanza de la Lengua Portuguesa. En la metodología, el carácter de la investigación es de naturaleza cualitativa e intervencionista, basado en la investigación acción, ya que se pretende que se produzca en un contexto social concreto, con el objetivo de una mejora en la práctica docente, con el fin de promover el avance en la el aprendizaje de los estudiantes. Los talleres intencionados se basaron en la secuencia básica propuesta por Cosson (2014, 2016), que se divide en cuatro etapas: motivación, introducción, lectura e interpretación. En estos talleres se eligieron dos cuentos de Luís da Camara Cascudo y contados por Ana Maria Machado, presentes en el libro *Histórias à brasileira* (2010), de Machado, que estimulan la curiosidad y la alegría de los estudiantes. Para la generación de datos se utilizaron los siguientes instrumentos: notas de campo del docente, registros en diarios de lectura de los estudiantes y cuestionarios realizados durante todo el proceso de intervención. Como resultado de la investigación, se espera que los estudiantes sean capaces de comprender e interpretar textos literarios de manera más competente, ya que se percibe la importancia de abordar la enseñanza de la lectura desde la perspectiva de la alfabetización literaria, considerando la interacción entre lector y texto esencial. Además, el docente debe desempeñar el papel de mediador, desarrollando y organizando mejores estrategias para motivar a los estudiantes a participar en las actividades propuestas, en las que el foco principal es la construcción de autonomía y criticidad durante la práctica lectora, trayendo buenos aportes a la educación de los estudiantes.

Palabras llave: Alfabetización literária. Secuencia básica. Cuento Popular. Enseñanza fundamental.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Histórias de Lobisomem.	58
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
SME	Secretaria Municipal de Educação
AFROART	Expressões Culturais Afro-brasileiras no Ambiente Escolar
PPP	Projeto Político Pedagógico
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 A LEITURA NA ESCOLA	19
2.1 CONCEPÇÃO DE LETRAMENTO	21
2.2 O LETRAMENTO LITERÁRIO	23
2.3 O PROFESSOR LEITOR E A FORMAÇÃO DE LEITORES	27
2.4 O TEXTO LITERÁRIO NA SALA DE AULA	30
2.5 A SEQUÊNCIA BÁSICA DE LETRAMENTO	32
3 O GÊNERO CONTO	35
3.1 O CONTO POPULAR NO LETRAMENTO LITERÁRIO	36
3.2 CONTRIBUIÇÕES DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO	38
3.3 A LITERATURA DE ANA MARIA MACHADO	40
4 CAMINHOS METODOLÓGICOS	42
4.1 TIPO DE PESQUISA	42
4.1.1 A Instituição escolar	43
4.1.2 Participantes da pesquisa	46
4.1.3 A Professora Pesquisadora: leitora e educadora	46
4.2 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS PARA GERAÇÃO DE DADOS	49
4.2.1 Categorias para análise de dados	50
4.2.2 O Corpus Literário	51
4.2.3 Etapas da Sequência Básica na pesquisa	52
5 EXECUÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	54
5.1 DIÁLOGO INICIAL E DIAGNÓSTICO	55
5.1.2 Oficina 01: Motivação para as oficinas e para a leitura de textos literários	56
5.1.3 Oficina 02: Antigamente, bem antigamente em Bambuluá.	59
5.1.4 Oficina 03: A chavinha de ouro	59
5.1.5 Oficina 04: Adivinha, Adivinhão. Arriscando a sorte então!	66
5.1.6 Oficina 05: O roubo da coroa do rei	68
5.1.7 Oficina 06: Um conto me disse.	74
5.2 RESULTADOS E DIVULGAÇÃO DOS ESTUDOS	76
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	81
ANEXOS	84

1 INTRODUÇÃO

As aulas de Língua Portuguesa no atual contexto educacional, por vezes, são permeadas pela presença dos gêneros literários, independentemente de ser no Ensino Fundamental ou Médio. Porém, percebemos que em muitos momentos, a forma como esses gêneros são abordados nas aulas mostra-se insatisfatória, uma vez que o enfoque acontece primordialmente com base em análises linguísticas, que evidenciam somente a gramática e buscam apenas a exaltação da norma culta vigente.

No entanto, esse cenário começou a mudar com o surgimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) e da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2016). Logo essa visão passou a sofrer alterações e as aulas de língua portuguesa passaram a evidenciar um estudo mais amplo sobre os gêneros do cotidiano, numa perspectiva sociointeracionista e reflexiva sobre a língua. Tal premissa está explicitada no Eixo Leitura da BNCC (2016, p.70) que nos orienta a “fazer apreciações e valorações estéticas, éticas, políticas e ideológicas, dentre outras, envolvidas na leitura crítica de textos verbais e de outras produções culturais”. Dessa maneira, a prática docente passou a contar com orientações que buscam a utilização de uma gama maior de textos e com mudanças significativas na forma de que como devem ser explorados em sala de aula. A leitura crítica é um dos pontos recomendados pelos documentos que regem a prática de ensino de Língua Portuguesa no Brasil. Dentro dessa variedade, priorizamos nesta pesquisa, o trabalho com os gêneros literários.

Tentar estimular ao aluno a possuir o gosto pela leitura, torna-se uma prática necessária em razão das recentes pesquisas que mostram uma grande defasagem no que se refere à prática de leitura entre a população brasileira, o que acaba refletindo nos resultados esperados dentro das escolas.

Tal cenário é evidenciado por diversas pesquisas sobre o tema, uma das mais recentes realizada no país, foi a Retratos da Leitura no Brasil, idealizada e produzida pelo Instituto Pró-Livro e Itaú Cultural (2020, p.20), na qual mostrou que o Brasil perdeu bastante leitores em um período de quatro anos, entre 2015 e 2019, isso porque a porcentagem caiu de 56% para 52%, o que equivale a 4,6 milhões a menos de leitores assíduos. Vale ressaltar que a maior queda ficou evidenciada no grupo de pessoas que possuem ensino superior, no qual, no ano de 2015 a porcentagem era de 82%, passando para a margem de 68%, em 2019.

Ainda conforme a pesquisa do Instituto Pró-Livro e Itaú Cultural (2020), o brasileiro lê em média 2,5 livros anualmente, o que é considerado um número baixo em comparação a outros países. Vale ainda destacar dois pontos que foram levantados durante a realização do

questionário com os leitores, e que nos trazem reflexões para este trabalho: a primeira pergunta quis saber qual o significado da leitura na vida dessas pessoas, no qual 64% dos entrevistados afirmaram que a leitura traz conhecimento. A segunda indagação foi a respeito de como essas pessoas começaram a se interessar pela literatura, 52% responderam que foi por indicação da escola ou de um professor/professora.

Nesse momento percebemos mais uma vez a importância da inserção da leitura nas aulas, principalmente a leitura literária, porém sabemos que ter acesso a esse tipo de leitura se torna uma preocupação frente às dificuldades encontradas por docentes, sejam elas estruturais: por falta de local adequado para a realização das leituras, bibliotecas compostas por acervo insuficiente, que pouco tem a contribuir com as diferentes etapas do desenvolvimento cognitivo dos alunos. Ou ainda, a falta de incentivo do poder público, pela não elaboração e efetivação de mais políticas que versem sobre a importância das formações continuadas para os docentes, em prol, não somente da evolução do ensino como um todo, mas também na melhoria das metodologias de leitura aplicadas em salas de aula.

Os fatores elencados anteriormente são apenas alguns que podem interferir para que tal prática não ocorra de forma significativa nas aulas de Língua materna, que por muitas vezes resume-se a ler apenas os textos ou trechos dispostos no livro didático e a responder questões que tratam de aspectos da superfície textual, exercícios muitas vezes mecânicos, que não contribuem para o desenvolvimento de um pensamento crítico, tão pouco para a troca de experiências entre o leitor e o texto.

Algo que vai de encontro com o que nos diz a BNCC (2016, p.136), na qual afirma em seu âmbito do Campo artístico literário que, enquanto escola e educadores, temos o papel de possibilitar o contato dos estudantes com as manifestações artísticas de modo geral, para que eles possam reconhecê-las e valorizá-las, levando em consideração a formação de um leitor literário focado não só na fruição, mas também em uma visão crítica. Em suas linhas o documento ainda pontua sobre a função dessa literatura e da arte de modo geral, no qual destaca que deve ser ancorada na possibilidade de uma abordagem mais humanizadora, transformadora e mobilizadora. O texto ainda conclui que devemos “garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura.” Diante do exposto, vale ressaltar a importância de sempre buscarmos por uma abordagem mais humanizadora e crítica do texto literário dentro das aulas de Língua Portuguesa, uma perspectiva que possa de alguma maneira ajudar a transformar, e, até mesmo mobilizar a realidade vivida pelos estudantes.

No entanto, o que notamos é que na maioria das vezes, a comunidade escolar como um todo, e até mesmo os familiares continuam a acreditar e a permear a ideia de que os estudos dos gêneros literários são os únicos necessários e eficazes para resolver todas as dificuldades próprias do processo de aprendizagem linguístico, no qual, os problemas relacionados às habilidades de compreensão leitora, à ortografia, e até mesmo à produção de textos possam ser solucionados apenas com os estudos desses gêneros. Essa visão, portanto, acaba nos levando àquilo que vem ocorrendo com recorrência nas práticas atuais: o texto literário usado como suporte, ou pretexto, para meras análises linguísticas, esquecendo-se da compreensão e interação com o texto.

Contudo, mesmo com a comprovação da necessidade de uma maior valorização e diversificação de trabalhos mais adequados aos textos literários, o que ainda presenciamos nas aulas é uma resistência cada vez maior das crianças e jovens em despertar o gosto pela leitura literária. Desse modo, consideramos essencial que os docentes estejam sempre renovando suas práticas em relação à abordagem do texto literário em sala de aula, para que assim despertem nos alunos o gosto pela leitura literária, de modo que os discentes possam estreitar relações com o gênero de maneira mais reflexiva, crítica e autônoma, tornando-os leitores cada vez mais competentes e conscientes de seu papel enquanto cidadãos.

Para isso, é necessário que a leitura do texto literário se torne uma prática comum na sala de aula, como explica Cosson (2016, p.29) em sua obra intitulada *Letramento literário: teoria e prática*, na qual afirma que aprendemos a ler literatura da mesma maneira que aprendemos as demais coisas na vida, e isto, poderá ser um aprendizado bem-sucedido ou não. Para que isso ocorra, dependerá da maneira que será realizado, pois, uma pessoa que passou boa parte da vida escolar apenas respondendo a questionários e fichas, sem pensar criticamente sobre essas atividades, possivelmente não enxergará toda a beleza e encanto de uma obra literária cheia de complexidades, no entanto, se o trabalho com a obra literária for eficaz, o leitor poderá compreender o que está envolto nessa leitura e se entregará mais facilmente em toda sua intensidade.

Por esse motivo, é extremamente relevante que as aulas de Língua Portuguesa e a instituição escolar estejam ancoradas em metodologias e estratégias que possam facilitar o acesso à Literatura, uma vez que, muitas vezes, a escola é uma das poucas ou até mesmo a única porta de entrada a esses meios culturais.

Outro ponto crucial, e que sempre devemos lembrar é a importância que se dá às bibliotecas, que muitas vezes se tornam depósitos de livros, sem função significativa, que não podem ter seus exemplares emprestados, manuseados, impossibilitando assim, que sejam

utilizados de forma ampla pela comunidade escolar. Isso só fomenta as crenças de que o texto literário é inacessível às aulas de Língua Portuguesa. Em contrapartida, Cosson (2016, p.17) salienta a importância desse tipo de leitura, pois “a literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada”. Desta forma, a literatura é vista não só como um conhecimento, mas um reconhecimento da própria identidade humana, no qual podemos exercer outros papéis, nos enxergar em outras realidades e experiências.

Logo, há duas questões principais que levantam os motivos da realização desta pesquisa: Qual a importância de rever nossa prática enquanto docentes no que se refere ao ensino de literatura e a leitura de textos literários? Quais estratégias podemos utilizar para auxiliar na formação de um leitor mais autônomo e crítico?

Dessa forma, torna-se essencial que possamos analisar experiências na área da Literatura, para que nos possibilite verificar e refletir sobre a maneira como o texto literário é utilizado em sala de aula, para que assim, os docentes possam adotar medidas mais eficazes ou renovar aquelas já utilizadas em sala, com o fito de despertar em seus alunos o prazer pela leitura, consequentemente formando leitores mais críticos, autônomos e reflexivos.

Sendo assim, para que essas estratégias de letramento ocorram de forma mais significativa dentro da sala de aula escolhida, priorizando o contato e a interação com o texto literário, optamos por trabalhar com a proposta de Sequência Básica de Letramento Literário, de Cosson (2016), a partir do qual podemos proporcionar um exemplo prático a ser seguido pelos docentes que necessitem de estratégias mais claras, desta maneira, podendo auxiliar de forma positiva nas práticas pedagógicas utilizadas, com o objetivo de aprimorar e ampliar o letramento dos estudantes.

Diante do exposto, a proposta de intervenção que será descrita ao longo desta pesquisa, propõe-se a desenvolver estratégias de Letramento Literário em uma turma de 6º ano, de uma escola pública do ensino fundamental localizada no município de Maracanaú, no Ceará, com o objetivo de melhorar e tornar mais eficaz a leitura literária, utilizando como suporte o gênero conto, buscando desta forma desenvolver a construção do hábito de ler criticamente o texto literário. Para tal, optamos por trabalhar com dois contos presentes no livro *Histórias à brasileira*, produzido pela escritora Ana Maria Machado, trata-se de uma obra que reúne vários contos populares da cultura brasileira, muitos deles foram levantados e registrados pelo escritor Câmara Cascudo. Os textos escolhidos para trabalharmos foram *A princesa de Bambuluá* e *Adivinha Adivinhão*, pelo contexto de encantamento e linguagem acessível para alunos do 6ºano.

Com o objetivo de atrair o discente para a leitura de textos literários em sala de aula, de forma que mostre uma postura autônoma e crítica, serão necessárias práticas mais significativas de leitura desse gênero, que transpassem a mera exposição de conteúdo, dentre elas, podemos citar o planejamento prévio com objetivos que contribuam de forma efetiva para uma análise textual que vise o desenvolvimento pleno da capacidade leitora.

No primeiro capítulo da pesquisa, discorreremos sobre as contribuições da leitura em sala de aula e de que maneira essa leitura vem sendo explanada durante nossas práticas pedagógicas. Além disso, pontuamos sobre o conceito de Letramento e suas contribuições para as aulas de Língua Portuguesa, tendo como âncora Soares (2009, 2014).

Ainda no primeiro capítulo, há considerações sobre a necessidade de empregar de forma mais significativa o texto literário nas aulas de Língua Portuguesa. Há também, reflexões sobre a maneira que esses textos estão sendo inseridos e utilizados nos planejamentos dessas aulas e como a postura de um professor leitor pode contribuir com a construção de uma prática leitora em seus alunos. Para tais assuntos, temos por embasamento os estudos de Zilberman (2012), Dalvi (2013), Cosson (2016) e Candido (2017). Em seguida, dissertamos sobre as concepções e contribuições do Letramento Literário para os estudos da Literatura na escola, como também, apresentamos a proposta de Cosson (2016), a qual foi aplicada nesta pesquisa, a chamada Sequência Básica de Letramento Literário.

Ao decorrer do segundo capítulo, tratamos sobre o Gênero Conto e sua contribuição para os estudos da Literatura. Dissertaremos ainda sobre a Conto Popular dentro do Letramento Literário e como sua prática, se bem abordada, pode contribuir de forma significativa para uma boa análise dos textos literários. Também neste capítulo, traçamos sobre as contribuições quanto ao gênero conto e a literatura popular, do autor Luís da Câmara Cascudo, como também, o olhar sobre a literatura da autora Ana Maria Machado.

No terceiro capítulo, descrevemos os caminhos metodológicos desta pesquisa qualitativa, desenvolvida em uma turma de sexto ano, em uma escola municipal de Maracanaú - CE. A referida turma possui 35 estudantes matriculados, dos quais 30 frequentam regularmente as aulas e a faixa etária varia entre 10 e 12 anos de idade. Para este estudo, planejamos e realizamos seis oficinas em que utilizamos a proposta de Sequência Básica de Letramento de Cosson (2016) para o estudo de contos de Câmara Cascudo e recontados por Ana Maria Machado. Antes de realizar o trabalho com a turma objeto de estudo, orientamos fazer um questionário com os alunos, para saber quais temas lhes chamariam mais atenção, e que o mais gostavam e costumavam ler em seus momentos cotidianos.

Ressaltamos ainda que durante a análise dos textos escolhidos, as oficinas que utilizam a estratégia de sequência básica foram planejadas para acontecerem em quatro momentos, a saber: 1 – **Motivação**; que consiste no momento de preparação do aluno para adentrar ao texto literário, 2 – **Introdução**; é o momento de apresentar a obra e o autor/autora de forma breve, 3 – **Leitura**; consiste na etapa essencial da sequência básica e deve ser acompanhada pelo docente, 4 – **Interpretação**; é o passo onde acontecerão as inferências sobre a leitura para a construção dos sentidos do texto.

Portanto, sabemos que a leitura de textos literários pode proporcionar o contato com um universo muito enriquecedor: conhecer diversos tipos de personagens, explorar espaços mágicos, fictícios ou reais, ser apresentado a vários tipos de enredos, desde os históricos e verídicos aos ficcionais e metafóricos, entender o desenrolar de um tempo cronológico ou psicológico, perceber as descrições de ambientes e situações, ou ainda a maneira que cada história é apresentada e todos os conflitos que as cercam.

Tudo isso confere ao leitor a capacidade de estabelecer relações de sentido entre suas vivências particulares e ao texto lido, fazendo com que possa compreender melhor a realidade social, tornando-se um leitor crítico e que compreende o papel da leitura em seu cotidiano. Embora, a construção desse papel ainda represente um grande desafio para educadores, gestores, pais e comunidade escolar como um todo. Diante de tal panorama, é imprescindível agirmos utilizando práticas de leitura que possibilitem ampliar a capacidade de compreensão desses alunos, seja para auxiliar nas aulas de Língua Portuguesa, seja nas demais disciplinas escolares, ou para levarem como aprendizado por toda a vida.

2 A LEITURA NA ESCOLA

Sabemos que a leitura é essencial, lemos por distração ou para o lazer, muitas vezes para adquirir um conhecimento específico, obter alguma informação ou até para tomarmos uma decisão. Fazemos leituras despreziosas ou com objetivos específicos diariamente.

No que tange à leitura, Kleiman (2013, p. 12) traz considerações importantes, dentre as quais afirma que “a leitura é um ato social, entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados”. Nessa perspectiva, compreendemos que a leitura é um processo de construção de sentidos, visto que ao produzir um texto, o autor leva em consideração as suas vivências particulares, o conhecimento de mundo adquirido ao longo da vida, e isso de uma forma ou de outra vai chegar até o leitor. Na

outra ponta, o leitor desse texto, absorve essas informações que foram transferidas pelo autor, projeta suas experiências de mundo e constrói a partir desse momento as suas inferências, conhecimento e aprendizagem.

No entanto, no Brasil, infelizmente, ainda é pequena a parcela da sociedade que pode ter acesso à leitura de forma abrangente, uma vez que livros e bibliotecas são muitas das vezes recursos cada vez mais escassos. A escola, por sua vez, tem papel primordial nessa tarefa; além de possibilitar o contato com livros e acervos, também deve incentivar o gosto pela leitura, de gêneros diversos ou literários, desta forma, ampliando a competência leitora dos seus discentes.

Assim, a instituição escolar deve ser o principal agente precursor da leitura, como contribui Regina Zilberman (2012, p. 55), quando explicita “a entidade que assegura a integração a um governo de participação popular é a escola; e, segundo sua organização é o letramento que se constitui na alavanca que aciona a aprendizagem como um todo”, visto que a escola é responsável por habilitar os sujeitos no mundo da leitura, situando o texto como primordial dentro do processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, ao evidenciar principalmente a leitura literária, permite que o processo de letramento seja ampliado, uma vez que com a leitura desses textos é possível construir atividades interpretativas mais amplas sobre o papel humano e o mundo que nos rodeia.

Com o passar dos anos, a leitura tem sido objeto de estudo de muitos pesquisadores no Brasil e no mundo afora. Nessa perspectiva, os documentos oficiais do país, como os Parâmetros Curriculares Nacionais e, mais recentemente, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, versam sobre a necessidade de que essa prática seja mais valorizada e aprimorada dentro das atividades cotidianas nas aulas de Língua Portuguesa, mas para que isso ocorra, de maneira exitosa, necessitamos da utilização de estratégias claras e objetivas, a fim de que a leitura em sala faça sentido para o aluno, e que além de uma prática regular, torne-se também um momento prazeroso e de aprendizado, seja para a vida – enquanto formação crítica e humanizadora – seja para auxiliar na ampliação das competências leitoras desses discentes.

Ao longo deste capítulo, nas subseções a seguir, discorreremos sobre as contribuições que uma abordagem significativa do texto literário pode trazer para a ampliação da capacidade leitora dos alunos, além de dissertar sobre os conceitos de Letramento e de Letramento Literário, e refletir sobre o papel do professor leitor, finalizando com explanações sobre a estratégia de Sequência Básica proposta por Rildo Cosson.

2.1 CONCEPÇÃO DE LETRAMENTO

Magda Soares (2009) afirma em sua obra “Letramento: um tema de três gêneros” que a palavra Letramento ainda é recém-chegada ao vocabulário da Educação e das Ciências Linguísticas, um termo que só começou a ser difundido em meados da segunda metade da década de 80. A autora ressalta também que uma das primeiras ocorrências da nova nomenclatura surgiu no livro de Mary Kato, de 1986, intitulado “No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística”, no qual afirma e acredita que a língua falada culta que temos hoje é consequência do Letramento. Posteriormente, houve mais contribuições de especialistas sobre o termo, como Leda Verdiani, em sua obra “Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso”, de 1988, no qual trouxe considerações essenciais sobre as diferenças entre Alfabetização e Letramento.

Desde então, as discussões acerca do Letramento tomaram novas e importantes proporções com o passar dos anos dentro do campo Linguístico e Educacional, trazendo dessa forma, contribuições basilares para uma abordagem mais produtiva e eficaz do ensino da Língua Materna. No entanto, hodiernamente muitos educadores que ainda não conhecem o termo continuam prendendo-se apenas ao conceito de Alfabetização. Mas, afinal qual seria a diferença entre essas duas nomenclaturas: Alfabetização e Letramento?

Na obra *Alfabetização e Letramento*, Magda Soares (2014) nos traz considerações importantes sobre o termo Alfabetização, no qual afirma tratar-se do “processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita”. Embora afirme que a aprendizagem da língua materna seja um processo permanente e nunca interrompido, a autora acha importante diferenciar o processo de *aquisição da língua*, do processo de *desenvolvimento da língua*. No qual nos explicita que

[...]Não parece apropriado, nem etimologicamente nem pedagogicamente, que o termo alfabetização designe tanto o processo de *aquisição* da língua escrita quanto o de seu *desenvolvimento*: etimologicamente o termo *alfabetização* não ultrapassa o significado de “levar à aquisição do alfabeto”, ou seja, ensinar o código da língua escrita, ensinar as habilidades de ler e escrever; pedagogicamente, atribuir um significado muito amplo ao processo de alfabetização seria negar-lhe a especificidade, com reflexos indesejáveis na caracterização de sua natureza na configuração das habilidades básicas de leitura e escrita, na definição da competência de alfabetizar (MAGDA SOARES, 2014, p. 15).

Seguindo esse pensamento, a expressão alfabetizar trata-se do processo de ensinar a ler e escrever, decifrar o código linguístico em sua materialidade e poder entender o seu significado. Da mesma forma, o termo analfabeto refere-se àquele indivíduo que ainda não

possui domínio sobre estas habilidades: de ler e escrever. Sua compreensão sobre o que os códigos passam é limitada. Dessa forma, apenas o termo alfabetizado não é o suficiente para traduzir tudo o que a competência de leitura e escrita nos proporciona. Isso explica a necessidade de um termo que atendesse mais profundamente a essa definição.

Essa necessidade nos trouxe o termo Letramento, que hoje é algo mais difundido nas academias de graduação e instituições escolares. Consoante Soares (2009), letramento é a tradução da palavra inglesa *literacy* que se originou da palavra Latina *littera*, que significa "letra". Posteriormente, foi acrescentado à palavra *littera* o sufixo - cy, que denota situação ou qualidade, formando-se então a expressão inglesa *literacy*., que traduzindo para português é: “o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever”. A autora ainda informa que um semelhante processo ocorreu na língua portuguesa, ou seja, ao radical *Letra-* foi adicionado o sufixo *-mento*, formando, desta forma, um novo vocábulo: Letramento. Soares (2009) constrói a definição desse termo como “o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. (p. 18). Nessa perspectiva, apropriar-se da escrita não se refere a dominar o código linguístico, mas sim, utilizar essa linguagem nas práticas sociais que permeiam o seu cotidiano.

Soares (2009) também explica que existe uma diferença entre saber ler e escrever – ser alguém alfabetizado – de alguém que vive na condição de quem sabe ler e escrever – ser um sujeito letrado –. Na primeira condição a pessoa aprende a decifrar e compreender o código linguístico, porém, se esse indivíduo, além de conseguir ler e escrever também for capaz de utilizar essas habilidades nas suas práticas sociais de leitura e escrita, torna-se um ser letrado. Explana ainda que

Observação importante: ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e a escrever: aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e de decodificar a língua escrita; apropriar-se da escrita é tornar a escrita "própria", ou seja, é assumi-la como sua "propriedade" (SOARES, 2009, p. 39).

Dessa maneira, isso mostra que existe uma diferença considerável entre letramento e alfabetização e, por conseguinte, entre os termos letrado e alfabetizado. Uma vez que, alfabetizar é ensinar pura e simplesmente a ler e escrever, a decifrar o que o código linguístico tem a nos mostrar, enquanto que “letrar”, é fazer com que o indivíduo consiga utilizar socialmente da escrita e da leitura, respondendo de modo adequado às demandas da sociedade em que ele, enquanto cidadão e sujeito social, está inserido, munindo-se da leitura e escrita como ferramentas essenciais para a realização de suas práticas sociais do cotidiano.

Atualmente, notamos que a percepção que tínhamos sobre Alfabetização vem modificando-se conforme a expansão do conceito de Letramento, pois percebeu-se que é possível realizar o processo de alfabetizar letrando, atendendo às novas demandas da sociedade em relação a uma formação cultural letrada. Soares (2014, p. 20) reafirma isso ao confirmar que “qualquer sistema de comunicação escrita é profundamente marcado por atitudes e valores culturais, pelo contexto social e econômico em que é usado”. Assim sendo, a leitura e escrita são processos culturais com funções sociais consolidadas, e altamente necessárias para uma utilização mais eficaz dos diversos recursos linguísticos que o sujeito moderno utiliza em suas interações cotidianas.

Vale ressaltar, que nessa visão a Alfabetização é encarada como um processo que deve ser permeado por premissas não somente analíticas, mas também críticas. O indivíduo enquanto sujeito social deve enxergar-se como alguém protagonista e detentor da capacidade de transformar o seu contexto social, e a leitura e escrita devem ser utilizadas como instrumentos para melhorar as capacidades cognitivas humanas, visando uma atuação melhor e mais significativa nas suas vivências letradas do cotidiano. Assim como conceitua Freire (1967)

Só assim a alfabetização cobra sentido. É a consequência de uma reflexão que o homem começa a fazer sobre sua própria capacidade de refletir. Sobre sua posição no mundo. Sobre o mundo mesmo. Sobre seu trabalho. Sobre seu poder de transformar o mundo. Sobre o encontro das consciências. Reflexão sobre a própria alfabetização, que deixa assim de ser algo externo ao homem, para ser dele mesmo. Para sair de dentro de si, em relação com o mundo, como uma criação. Só assim nos parece válido o trabalho da alfabetização, em que a palavra seja compreendida pelo homem na sua justa significação: como uma força de transformação do mundo (FREIRE, 1967, p. 142).

Portanto, urge que o Letramento seja encarado como uma prática a ser aliada ao processo de Alfabetização, com o intuito de alfabetizar com qualidade, pensando essencialmente na proposta de Letramento enquanto instrumento de transformação social e de exercício da cidadania. Processo este em que o indivíduo após se familiarizar-com os códigos linguísticos, com a leitura e a escrita, consegue utilizá-los de maneira eficaz dentro das suas práticas cotidianas, e nos mais diversos contextos sociais que possam surgir.

2.2 O LETRAMENTO LITERÁRIO

Desde os anos iniciais do Ensino Fundamental, muitos professores em suas práticas de ensino costumam apresentar e utilizar o texto literário em seus métodos pedagógicos, apresentando-os a seus alunos. Esse contato pode ocorrer muitas vezes através de uma contação de histórias ou da leitura de livros infantis disponibilizados pela própria escola. Alguns desses estudantes também conseguem ter ainda mais contato com outros textos literários em seu ambiente familiar, antes mesmos de serem inseridos na escola, ampliando o seu repertório literário e iniciando-se no processo de letramento. Para Cosson (2014), isso trata-se de um “processo de apropriação da literatura enquanto linguagem”. A leitura então fará parte das experiências do indivíduo enquanto sujeito social, buscando utilizá-la e adequá-la conforme as demandas do seu cotidiano.

O autor ainda pontua que é salutar assumirmos uma prática pedagógica pautada no letramento literário

Na prática pedagógica, o letramento literário pode ser efetivado de várias maneiras, mas há quatro características que lhe são fundamentais. Em primeiro lugar, não há letramento literário sem o contato direto do leitor com a obra, ou seja, é preciso dar ao aluno a oportunidade de interagir ele mesmo com as obras literárias. Depois, o processo do letramento literário passa necessariamente pela construção de uma comunidade de leitores, isto é, um espaço de compartilhamento de leituras no qual há circulação de textos e respeito pelo interesse e pelo grau de dificuldade que o aluno possa ter em relação à leitura das obras. Também precisa ter como objetivo a ampliação do repertório literário, cabendo ao professor acolher no espaço escolar as mais diversas manifestações culturais, reconhecendo que a literatura se faz presente não apenas nos textos escritos, mas também em outros tantos suportes e meios. Finalmente, tal objetivo é atingido quando se oferecem atividades sistematizadas e contínuas direcionadas para o desenvolvimento da competência literária, cumprindo-se, assim, o papel da escola de formar o leitor literário. (COSSON, 2014, p. 185-186)

Evidencia-se, portanto, a necessidade de que no contexto escolar o letramento literário seja aplicado de forma satisfatória, pautado nesses quatro elementos citados por Cosson (2014), assim poderá haver êxito na abordagem da leitura, afastando-se do que ainda é utilizado atualmente: aulas mecânicas e distantes da realidade dos educandos.

Todavia, conforme os anos finais do Ensino Fundamental vão se aproximando, o contato com a literatura dentro de sala, principalmente a de fruição, torna-se cada vez mais escasso, ou na maioria das vezes realizado de maneira não satisfatória. Cosson (2016, p. 21) reafirma isso quando explicita que “no ensino fundamental, a literatura tem um sentido tão extenso que engloba qualquer texto escrito que apresente parentesco com ficção ou poesia”. Dessa maneira, o que percebemos é o texto literário sendo utilizado como pretexto para análises superficiais da língua.

O que notamos ainda, é que os livros didáticos nos apresentam textos literários muitas vezes fragmentados, com muitos trechos deslocados de seus contextos, e que geralmente são abordados através de questões de compreensão textual simplória ou de cunho puramente gramatical. Sobre essa realidade Cosson (2016) pontua que:

No ensino fundamental, predominam as interpretações de texto trazidas pelo livro didático, usualmente feitas a partir de textos incompletos, e as atividades extraclasse, constituídas de resumos dos textos, fichas de leitura e debates em sala de aula, cujo objetivo maior é recontar a história lida ou dizer o poema com suas próprias palavras (COSSON, 2016, p. 22).

Sendo assim, os estudantes acabam desconsiderando a importância da leitura desses textos, por ser algo distanciado de suas realidades, e acabam enxergando-os apenas como mais uma atividade escolar, pois não fica claro qual objetivo e relevância de tal estudo para suas vidas, é imprescindível que os docentes tentem conduzir os alunos para a leitura desse tipo de texto de forma mais significativa, auxiliando-os na construção dos sentidos amplos presentes nesse tipo de leitura.

Nesta seção, ao discorrer sobre o Letramento Literário, pudemos verificar como podemos desenvolvê-lo de forma mais efetiva dentro das nossas práticas escolares, usando como pressuposto teórico os estudos de Cosson (2014, 2016). Agora veremos o que os textos oficiais versam sobre o ensino da literatura. Vejamos que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) nos trazem considerações importantes sobre o texto literário

O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias (BRASIL, 1998, p. 27).

Dessa forma, os PCN sugerem que o trabalho realizado com a leitura literária deve ser encarado como uma ferramenta para contribuir com a formação de leitores críticos, capazes de reconhecer as subjetividades existentes nesses textos, e não priorizar somente análises morais e/ou gramaticais de forma superficial, que acabam não contribuindo de forma efetiva para uma ampliação da compreensão dos sentidos presentes no texto.

Da mesma maneira, a BNCC (2016) em seu Campo Artístico-Literário também traz considerações importantes sobre como os textos literários devem ser abordados

O que está em jogo neste campo é possibilitar às crianças, adolescentes e jovens dos Anos Finais do Ensino Fundamental o contato com as manifestações artísticas e produções culturais em geral, e com a arte literária em especial, e oferecer as condições para que eles possam compreendê-las e fruí-las de maneira significativa e, gradativamente, crítica. Trata-se, assim, de ampliar e diversificar as práticas relativas à leitura, à compreensão, à fruição e ao compartilhamento das manifestações artístico-literárias, representativas da diversidade cultural, linguística e semiótica (BNCC, 2016, p. 154).

Fica evidente, portanto, que a Base Nacional Comum Curricular também busca a formação de um leitor crítico e fruidor das artes, em especial à arte literária. Para isso, é primordial que o discente esteja em constante contato com produções literárias diversas, para que assim possa ampliar o seu repertório de leitura, obtendo dessa forma uma construção mais significativa das suas experiências com o texto literário.

À vista disso, nossas experiências com a leitura tornam-se mais expressivas, visto que é na leitura e na escrita do texto literário que podemos nos encontrar com nossa essência enquanto seres humanos, interagimos com a comunidade em que estamos inseridos, e podemos traçar ideais e reflexões sobre o corpo social ao qual fazemos parte.

Assim como pontua Cosson (2016, p. 17) “no exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos”. Portanto, é uma oportunidade única de, além de termos contato com o mundo externo ao nosso, ainda temos a capacidade de nos reconhecemos enquanto sujeitos agentes.

Desse modo, para que isso ocorra, não somente o professor deve estar engajado nesse projeto como também a escola, exercendo seu papel de fornecer o máximo de contato possível que o aluno possa ter com diversas leituras, assim como assevera Soares (2008)

É função e obrigação da escola dar amplo e irrestrito acesso ao mundo da leitura, e isto inclui a leitura informativa, mas também a leitura literária, a leitura para fins pragmáticos, mas também a leitura de fruição, a leitura que situações de vida real exigem, mas também a leitura que nos permita escapar por alguns momentos da vida real (SOARES, 2008, p. 33).

Por esse motivo, é essencial que a escola utilize práticas relacionadas à compreensão de texto, exercícios voltados para a produção escrita, e inclusive o ensino de regras gramaticais de

acordo com a norma padrão vigente na nossa língua. Porém, a instituição escolar não pode se afastar do seu papel em apresentar o texto literário aos alunos, em ampliar o conhecimento de mundo desses estudantes, e conseqüentemente, proporcioná-los o acesso a todas as possibilidades que o texto literário oferece.

Cândido (1989) também traz contribuições importantes sobre esses aspectos da literatura, e destaca que

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante (CÂNDIDO, 1989, p. 117).

Seguindo essa visão, a literatura deve ser vista como ferramenta essencial para a formação de um indivíduo consciente do seu papel, enquanto sujeito inserido em um contexto social. Esse ponto de vista está de acordo com a ótica defendida por Cosson (2016), no qual assevera que o letramento através dos textos literários deve transpassar os muros da escola.

Assim sendo, para que isso ocorra, é primordial que docentes e instituição escolar pensem e elaborem estratégias mais eficazes, pautadas em propostas didáticas pertinentes, que visem aproximar mais os estudantes do texto literário, incentivando-os a ter contato com esse tipo de leitura em seu cotidiano, pois se não houver um incentivo por parte da escola e do professor, ficará mais difícil que esse estudante, por conta própria, passe a gostar de literatura, e supra suas dificuldades em relação à compreensão textual.

2.3 O PROFESSOR LEITOR E A FORMAÇÃO DE LEITORES

É cada vez mais comum depararmos com muitos educadores tecendo comentários acerca das dificuldades de leitura que seus alunos apresentam ao longo da vida escolar. Tal cenário pode ocorrer pelo fato de que muitos discentes ingressam no ensino fundamental sem conseguirem ler e interpretar um texto de forma proficiente, isto é, não fazem o uso eficiente da leitura em suas práticas sociais. Isso gera bastante inquietação nesses professores, uma vez que o domínio dessas habilidades colabora para uma maior inclusão em práticas letradas, principalmente, no universo escolar.

Pensando nessa perspectiva, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de

Língua Portuguesa afirmam que:

O domínio da linguagem como atividade discursiva e cognitiva e o domínio da língua como sistema simbólico utilizado por uma comunidade linguística, são condições de possibilidades de plena participação social. (PCN, 1998, p. 19)

O documento ainda tece que para que haja uma melhoria na qualidade do ensino faz-se necessário investir substancialmente em ferramentas e estratégias que melhorem o aprendizado e domínio da leitura. No entanto, ainda percebemos muitos entraves quando se trata de exercer a prática leitora em sala de aula.

Sabemos que a leitura sempre esteve presente ao longo da história da humanidade, independentemente de ser utilizada para o prazer ou para o aprendizado, sempre estaremos rodeados por informações que necessitam de uma leitura. Mas, mesmo assim, ainda encontramos desafios em envolver os alunos em práticas leitoras mais significativas. Por que muitos alunos não leem? Por que alguns ainda chegam ao ensino fundamental sem atingir as habilidades básicas de proficiência leitora? Essas são questões que permeiam as inquietações de vários educadores.

É importante ressignificar a concepção que muitos professores ainda trazem sobre o que é o ato de ler, visto que não deve ser encarada como uma prática de pura decodificação, nem adivinhação dos códigos, é importante que possamos atribuir significados àquilo que lemos. Assim como contribui Lajolo (2011, p. 54):

Ler não é decifrar como num jogo de adivinhações o sentido de um texto. É a partir do texto ser capaz de atribuir-lhe significados, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura ou rebelar-se contra ela propondo outra não prevista.

Nesse sentido, o ato de ler exige compreensão crítica da leitura. Ler é um ato de descoberta, do mundo e de nós mesmos, da sociedade em que vivemos, e da comunidade com a qual trocamos experiências diariamente.

Na maioria dos casos o ato de ler é iniciado na escola, a qual tem a função de despertar nesses estudantes o desejo pela leitura e pelo conhecimento de modo geral, propiciando meios favoráveis para que eles adentrem em um universo de prática leitora, e muitas vezes o ambiente escolar é a única porta de entrada para que haja uma maior interação com meios culturais.

Porém, para que a leitura seja de fato efetivada dentro de uma instituição escolar é

necessário que haja condições favoráveis, tais como: uma boa preparação do professor, a construção de uma estrutura com acervos específicos e que abranja os vários níveis cognitivos dos alunos, além da melhoria do ensino de modo geral.

Ainda há muitos obstáculos que dificultam a efetivação de uma prática leitora, principalmente quando se trata de estrutura, tais como: a ausência de bibliotecas e salas de leitura e, acervos diversificados. Porém, não somente a questão estrutural, mas também, a formação docente possuem papel fundamental no êxito do processo de formar novos leitores, uma vez que é indispensável a presença de professores que possuem o hábito de ler, desta forma podendo transmitir o prazer da leitura para seus alunos.

Quando há alguma falha nesse processo de formação docente, conseqüentemente, há também uma maior contribuição para dificuldade na formação de leitores. Para que o interesse pela leitura seja expandido os estudantes precisam se identificar e se interessar por aquilo que irão ler. Nesse momento o professor, como mediador, tem papel fundamental em estimular essa busca pelo novo, mostrando repertórios diversificados, condizentes com a faixa-etária dos discentes.

Além disso, é necessário que esses educadores tenham tempo para planejarem suas atividades de leitura e consigam organizar seus acervos com antecedência. Para que haja um diálogo entre os estudantes e a obra, o professor precisa elaborar com cautela as estratégias que irá tomar e, para isso, ele precisa ter vivenciado a leitura da obra antes de apresentá-la à sua turma.

Incentivar o hábito da leitura requer também que o educador esteja disposto a pesquisar e planejar atividades atrativas, a inserir a leitura dentro da didática de sua aula. E nesse contexto a escola precisa ser um ambiente favorável para que esse estímulo aconteça da melhor forma possível. Assim como afirma Silva:

O professor guia o aluno através do mundo do saber elaborado, sistematizado historicamente e sempre aberto à recriação e novas contribuições. O aluno guia o professor através de necessidades e desafios revelados no contexto da sala de aula (SILVA, 2004, p.89).

Em síntese, ao adotar uma postura mediadora, mostrando-se ser um bom leitor, o professor de Língua Portuguesa acaba estimulando essa prática em seus alunos, de maneira que possa aguçar a curiosidade e autonomia dos discentes, que acabam buscando livremente por outras leituras. Para que haja êxito, essa relação precisa ser íntima, clara e sempre

compartilhada com os estudantes durante as aulas de leitura, pois é nessa vivência e na troca de experiências que poderão começar a construir o hábito e manter uma prática leitora.

2.4 O TEXTO LITERÁRIO NA SALA DE AULA

Tornar a leitura em sala de aula uma prática corriqueira e estratégica ainda é um grande desafio para muitos educadores, e quando se trata da leitura de textos literário, os entraves são maiores, seja pelo limitado acesso a livros na escola e a bibliotecas, seja pelo tratamento superficial que é dado a esse tipo de texto dentro dos livros didáticos. Esses obstáculos só nos mostram que o acesso a literatura enquanto “direito humano” (CANDIDO, 2017) não vem sendo respeitado em sua integralidade.

Antonio Candido, em sua obra “Vários Escritos” no capítulo *O direito à literatura* traz essa discussão, no qual defende a premissa de que o contato com a arte e a literatura deve ser considerado um direito humano, destacando sua importância no meio cultural, ainda ressalta que esse contato deve acontecer independentemente de classe social, pois é inerente aos bens materiais ou imateriais que todo ser humano deveria desfrutar.

Dessa forma, assim como todos têm direito à moradia, alimentação, saúde, instrução, liberdade, dentre outros bens que nos permitem viver dignamente, também deveríamos ter direito irrestrito ao contato com a arte e a literatura, visto que ambos são essenciais para a educação humana.

Candido (2017) ainda pontua que a arte literária é algo inerente a existência humana, pois não há como vivermos sem interagirmos com algum nível de ficção. Em suas palavras:

[...] a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. (CANDIDO, 2017, p. 176)

Diante do exposto, fica claro que o tratamento dado aos textos literários, na sala de aula, ainda não é o mais adequado, coloca-se a literatura num patamar quase que inalcançável, como se somente alguns pudessem desfrutar de tal arte.

Na tentativa de mudar o panorama, os currículos escolares começaram a dar mais espaço aos textos literários, afirmando a importância que esses estudos devem ter. Cândido (2017) reforça isso quando afirma “por isso que nas nossas sociedades a literatura tem sido um

instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada uma como equipamento intelectual e afetivo” (p. 177). Por esse motivo, é evidente a importância de inserir o texto literário cada vez mais nos currículos escolares, mas de forma que possa favorecer o crescimento da autonomia discente e reflexão sobre os tipos de leituras que vem realizando.

A consciência sobre a essencialidade de ter acesso aos textos literários existe e está aumentando cada vez mais em nossa sociedade. Mas, muitas vezes, levantamos os seguintes questionamentos: de que forma esses textos estão sendo levados para a sala de aula, e de que maneira estão sendo abordados nas práticas pedagógicas?

A maneira de abordagem ao texto literário nas aulas de Língua Portuguesa ainda é permeada por dúvidas por grande parte dos educadores, oriundas da falta de formação continuada sobre o assunto. Formação essa, que deveria explanar sobre os tipos de leituras mais recomendadas para cada ciclo escolar, conforme o amadurecimento cognitivo dos discentes. Desde a educação infantil ao Ensino Médio, quais práticas seriam mais viáveis para uma mais estreita aproximação com o mundo literário.

Para isso, é necessário que haja um estreitamento do contato desses discentes com o livro, o que percebemos, na maioria das vezes, são bibliotecas sem a devida utilização ou servindo de depósitos de livros didáticos. Isso acontece quando há um espaço destinado para tal atividade, uma vez que não é toda escola que possui o privilégio de contar com mais um espaço em sua estrutura, que pode ser encontrada em estado precário. É importante ressaltar, que a existência de uma biblioteca utilizável, facilitaria e influenciaria a realização de leituras autônomas por partes dos alunos.

Em relação ao tratamento dado ao ensino de literatura, o que ainda presenciamos é a crença de que a literatura não deve ser ensinada como as outras matérias, por envolver o espaço ficcional. Às vezes, é abordada apenas como uma leitura por prazer, esquecendo-se de que se trata também de um conteúdo, que deve ser estudado, analisado, problematizado e avaliado como qualquer outra disciplina.

No entanto, o que temos é uma abordagem superficial do texto literário, desassociado da realidade dos estudantes, pois eles não se enxergam naquelas narrativas contadas em sala, e isso só os distancia da arte literária. Dalvi (2013) corrobora com essa visão quando afirma

Os textos literários são apresentados em desarticulação com o mundo da vida, com a história e o contexto social-econômico-cultural. Principalmente para alunos economicamente desfavorecidos, o acesso ao circuito literário é, às vezes, tão impensável quando um cruzeiro para as ilhas gregas. No entanto, a

escola se esquece de que talvez fosse o caso de apurar o olhar para a análise de formas literárias populares, como a música que toca nas rádios, a novela, o filme de Hollywood, o grafite como poesia visual etc., buscando nessas manifestações seus pontos de contato com a dita alta literatura, a fim de mais construir pontes que erguer muros (DALVI, 2013, p. 75).

Por essa ótica, tornar o texto literário algo acessível a qualquer classe social é de extrema importância para que ocorra uma ampliação do interesse desses jovens pela leitura, e é na sala de aula que esse contato pode ser iniciado. Quando isso acontece de maneira significativa, trazendo o estudante para dentro da leitura, interagindo diretamente com os encantos do mundo literário, esse momento torna-se mais interessante e extremamente importante para a construção de uma identidade humana com senso crítico da realidade.

Quando Candido (2017, p. 188) afirma que “verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidades, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza”, o autor vai justamente ao encontro com todas as discussões levantadas ao longo dessa seção, pois a literatura além de poder possibilitar uma visão mais profunda das vivências da existência humana, ainda possibilita enxergarmos-nos como sujeitos agentes e, assim sendo, detentores do direito de ter acesso a esse tipo de arte, tomando-a como parte de nós mesmos.

2.5 A SEQUÊNCIA BÁSICA DE LETRAMENTO

Quando tratamos sobre a abordagem dada aos textos literários em sala de aula, frequentemente nos deparamos com um processo superficial e que deixa muito a desejar em relação a tudo que podemos extrair dos textos literários e do ensino da literatura.

Por esse motivo, pensar em estratégias que possam tornar o momento de leitura algo mais significativo para o alunado, configurou-se como essencial. Como também, munir-se de condições metodológicas capazes de fazer com que essa leitura traga para o aluno um aprendizado e partilha de vivências, e, que o possibilite construir uma criticidade maior em relação àquilo que lê.

À vista disso, a proposta de sequência básica desenvolvida por Cosson (2016), pode auxiliar no ensino da literatura no ensino básico, na qual trata-se de uma proposta destinada aos docentes que desejam realizar uma prática apreciável acerca dos textos literários, tornando-se um momento de aprendizagem, tanto para os educadores quanto para os estudantes, uma vez

que ainda encontramos grandes desafios quanto se trata da abordagem dada à literatura em sala de aula.

No entanto, antes de explicarmos sobre as etapas da sequência básica proposta por Cosson, é interessante verificarmos os apontamentos que o autor faz em sua obra *Círculos de leitura e letramento literário*, sobre o processo de leitura, no qual ancora-se em Leffa (1999) para explicar sobre as teorias existentes sobre a leitura, que são divididas em três grandes grupos.

O primeiro grupo é centrado no texto, a leitura foca no sentido que podemos extrair desse texto, esse processo passa tanto pelo nível das letras e palavras quanto pelo nível do significado, que trata do conteúdo abordado no texto. Desse modo, a leitura é concebida como um processo de decodificação, a ênfase está no código visível na superfície textual, no qual dominar esse código já é o suficiente para ter êxito na leitura.

O segundo grupo traz o leitor para o centro, é o leitor que irá testar hipóteses sobre aquilo que lê, é ele quem vai elaborar estratégias para compreender o texto, com base em seu conhecimento de mundo e expectativas com a leitura. Essa teoria sofre críticas por não considerar o texto como uma construção social. Colocar o leitor e suas impressões pessoais no foco é possibilitar que o significado seja ignorado e relegado à segundo plano, pois pode-se ler e interpretar somente aquilo que se deseja, conforme a necessidade pessoal de cada leitor.

Já o terceiro grupo considera que o leitor e o texto são igualmente importantes no processo de leitura, no qual há uma interação, um diálogo entre os dois que acontece dentro de uma atividade social, assim como ressalta Cosson (2016, p. 40) “aprender a ler é mais do que adquirir uma habilidade, e ser leitor vai além de possuir um hábito ou atividade regular. Aprender a ler e ser leitor são práticas sociais que medeiam e transformam as relações humanas.”. Desta forma, aprender a ler não deve ser pautado apenas em decodificação, algo que mais cedo ou mais tarde vai acontecer naturalmente, mas ler vai além, é uma construção contínua de significados, e ser um leitor perpassa simples ações humanas, ser leitor é trazer relevância para as experiências do cotidiano de cada um.

Sendo assim, essa leitura e sua compreensão acontecem por três etapas: *antecipação*, *decifração* e *interpretação*. A primeira, a *antecipação*, diz respeito às operações que o leitor faz antes de começar a leitura, antes de adentrar no texto, como por exemplo, os objetivos com aquela leitura, a maneira de ler, o número de páginas, a capa do livro, o título. A segunda etapa é a *decifração*, é o momento de adentrar no texto através das letras e palavras, decifrando o código linguístico. A terceira etapa trata-se da *interpretação*, é o momento de o leitor processar as inferências que faz no texto com o seu conhecimento de mundo. De igual maneira, há nesse

aspecto, um diálogo entre leitor, texto e comunidade, no qual o limite é dado no contexto em que se está inserido.

Cosson (2016) destaca que o processo de leitura só está completo se passar por essas três etapas, em vista disso, sua proposta de sequência básica de letramento literário é pautada nelas. Após essa definição, o autor explana sobre a metodologia para aplicar a sequência, que está dividida em três perspectivas:

- Oficinas: o aluno constrói na prática o seu conhecimento, é intercalada entre leitura e escrita, a ludicidade também está presente.
- Andaime: o docente e o aluno dividem a construção do conhecimento, o professor deve auxiliar nas atividades que possibilitem a autonomia do estudante, envolvendo pesquisas e elaboração de projetos.
- Portfólio: o aluno e o professor podem registrar as atividades realizadas para verificar o crescimento, comparando o progresso desde o início das atividades.

Após definir o processo de leitura adotado e quais estratégias serão usadas para aplicação, Cosson (2016) nos apresenta os quatro passos para a realização da sua sequência básica do letramento literário. As quais são:

- Motivação: consiste no momento de preparação do aluno para adentrar no texto literário, nesse ínterim é interessante que haja uma construção de uma situação em que os alunos possam responder a questões que levem reflexões sobre o tema a ser abordado na leitura. Uma boa motivação resultará em um bom encontro entre leitor e o texto.
- Introdução: é o momento de apresentar a obra e o autor/autora, porém essa biografia deve ser breve. Devemos também chamar a atenção dos discentes para os elementos paratextuais, como capa, contracapa, orelha, prefácio, essas são ações relevantes a serem realizadas.
- Leitura: consiste na etapa essencial da sequência básica. Deve haver acompanhamento por parte do professor para auxiliar os estudantes em momentos necessários, mas não policiamento.
- Interpretação: é nesse passo onde acontecem as inferências sobre a leitura para a construir os sentidos, que é dividido em dois momentos: decifração, no qual trata-se da compreensão geral do texto lido; e momento exterior: que é a materialização da interpretação, por meio de compartilhamento de conhecimento com os colegas e professor, pautada no registro das interpretações obtidas.

Dessa maneira, a proposta de Cosson (2016, p. 120) visa a “formação de um leitor cuja competência ultrapasse a mera decodificação dos textos, de um leitor que se apropria de forma autônoma das obras e do próprio processo da leitura, de um leitor literário, enfim”. Com isso, percebemos que um dos focos da proposta de Cosson (2016) é a formação de leitores e de estudantes capazes de refletir e dialogar com o texto e com o contexto social em que estão inseridos de forma crítica e autônoma.

A par disso, a proposta de sequência básica de letramento literário exposta por Cosson (2016) parece-nos bastante adequada para contribuir com o letramento literário dos nossos alunos e atende bem à demanda da nossa escola. Logo, para a realização desse estudo escolhemos o gênero conto, sobre o qual discorreremos no próximo capítulo.

3 O GÊNERO CONTO

A perspectiva de abordagem deste trabalho optou por utilizar em suas oficinas textos que pertencessem ao gênero conto, presentes na coletânea “Histórias à brasileira”, volume 4, de Ana Maria Machado (2010), justamente por se tratarem de narrativas curtas e com temáticas tradicionais, que foram recontadas resgatando as características da cultura e do folclore brasileiros, buscando desta maneira criar uma atmosfera de encantamento com os alunos do sexto ano, trazendo assuntos que pudessem atrair seus interesses para a leitura literária, por se tratar de um gênero que envolve a atenção e sensações dos leitores, acaba funcionando como porta de entrada de interesse para outros gêneros literários.

Quem nunca ouviu falar de histórias contadas e recontadas por familiares, principalmente os mais antigos, como avós, bisavós, vizinhos e amigos, ao longo de gerações e gerações? Sentar-se com conhecidos numa calçada ou na sala de casa para ouvir “os causos” da infância dos seus antepassados? Em algum momento da vida, todo nós contamos e ouvimos histórias. Como corrobora Gotlib (2004)

Aliás, sob o signo da convivência, a história sempre reuniu pessoas que contam e que ouvem: em sociedades primitivas, sacerdotes e seus discípulos, para transmissão dos mitos e ritos da tribo; nos nossos tempos, em volta da mesa, à hora das refeições, pessoas trazem notícias, trocam idéias e... contam casos (GOTLIB, 2004, p. 5).

Em concordância com essa concepção, por se tratar de algo que muitos alunos já têm contato antes mesmo de começarem a frequentar a escola, o conto pode ser o começo do

interesse pelos textos literários. Sabemos que se originaram na literatura oral. Talvez, por isso, foi mais facilmente difundido, porque o homem enquanto ser social sempre buscou conhecer e compreender a origem das coisas, dos seres, e dos fenômenos da natureza, criando dessa forma os mitos e lendas que conhecemos até hoje, nos quais sempre buscavam trazer uma explicação para a existência desses seres na terra.

Por causa disso, grande parte desses contos populares parece ser originária da mitologia antiga, mesmo sendo impossível determinar quando e como surgiram, assim como pontua Gotlib (2004, p. 5) “embora o início do *contar estória* seja impossível de se localizar e permaneça como hipótese que nos leva aos tempos remotíssimos, ainda não marcados pela tradição escrita, há fases de evolução dos *modos* de se contarem estórias.”. Seguindo esse pensamento, não podemos confirmar local ou data do surgimento dessa tradição de “contar estórias”. O que sabemos é que diante da necessidade nata de conhecer a si próprio e ao mundo que o cerca, o homem sempre contou estórias, e passava-as de geração em geração, conforme a sociedade e a cultura que estivesse inserido, sempre buscando traçar morais, ensinamentos ou reflexões, o que antes começou oralmente, tomou forma e materialidade em textos escritos. Assim destaca Gotlib (2004)

Para alguns, os contos egípcios – *Os contos dos mágicos* – são os mais antigos: devem ter aparecido por volta de 4.000 anos antes de Cristo. Enumerar as fases da evolução do conto seria percorrer a nossa própria história, a história de nossa cultura, detectando os momentos da escrita que a representam. O da estória de Caim e Abel, da *Bíblia*, por exemplo. Ou os textos literários do mundo clássico greco-latino: as várias estórias que existem na *Ilíada* e na *Odisséia*, de Homero. E chegam os contos do Oriente: a *Panchatantra* (VI a.C.), em sânscrito, ganha tradução árabe (VII d.C.) e inglesa (XVI d.C.); e as *Mil e uma noites* circulam da Pérsia (século X) para o Egito (século XII) e para toda a Europa (século XVIII) (GOTLIB, 2004, p. 5).

Dessa maneira, traçar uma linha do tempo ou buscar respostas concretas sobre o surgimento desses contos não é nosso foco de pesquisa, mas sim fazer com que os estudantes se interessem por enredos que fazem e sempre fizeram parte da história humana. Acreditamos que partindo de textos e temas populares o interesse pela leitura seja despertado de forma mais eficaz. Na próxima seção discorreremos sobre a importância do conto e literatura populares para o letramento literário.

3.1 O CONTO POPULAR NO LETRAMENTO LITERÁRIO

A escolha desse gênero para a pesquisa realizada com os estudantes do sexto ano, deu-se pelo motivo de os contos terem a capacidade de despertar a curiosidade deles, pois muitas vezes envolve o mundo fantasioso, contextos mágicos e diferentes da realidade já vivenciada por eles. Sob essa visão, os alunos sentem-se ávidos a conhecer e viver a leitura de forma mais significativa. Assim, o contato com o texto literário torna-se um momento desafiador e interessante para os alunos, possibilitando que posteriormente outros tipos de textos literários sejam inseridos em sua vida, não só escolar, mas também social.

Neste momento, percebe-se que escolher contos populares tem sua relevância, uma vez que parte do pressuposto de que já é algo explorado oralmente na vida desses estudantes, o “contar histórias” é uma atividade presente em muitas famílias. Alunos que em algum momento da vida já tiveram contato com contos maravilhosos, contos de fadas, histórias de trancoso (como é falado no Nordeste do país), ficam propensos a se interessarem mais rapidamente por esse tipo de texto. Seu caráter narrativo nos possibilita a interação maior entre aquele que fala, narra, e aquele que ouve, o leitor.

O desafio encontra-se em traçar como esse gênero é caracterizado, o que faz uma obra ser um conto ou não? Para isso, Gotlib (2004) explana que há algumas direções teóricas em relação ao conto, há aqueles que o concebem como uma teoria específica, e outros que a negam, associando apenas à teoria da narrativa. Daí surgem questionamentos: se o conto teria mesmo características específicas de um gênero, e quais seriam os limites existentes em relação a essas características de um gênero para um tipo narrativo.

Essas dúvidas proporcionaram que estudiosos buscassem as respostas, se é que elas existem de maneira clara como alguns desejam encontrar, alguns livros então dividiram-se em: procurar uma forma e regra sobre o conto, ou revoltar-se contra essas mesmas regras, ou aceitar a liberdade da forma. Seguindo essa ideia, a caracterização exata sobre conto torna-se um desafio até os dias atuais, seja para os professores de língua portuguesa, seja para os educandos que estão entrando em contato com o gênero, como salienta Gotlib (2004, p. 11) “daí o conto ter como características justamente esta possibilidade de ser fluido, móvel, de ser entendido por todos, de se renovar nas suas transmissões, sem se desmanchar: caracterizam-no, pois, a *mobilidade*, a *generalidade*, a *pluralidade*.” Dessa maneira, engessá-lo, buscando traçar nomenclaturas ou formas não seria justo diante da grandeza de tais textos.

No entanto, tornar essas características algo imóvel e obrigatório é inviável para o estudo do Conto, justamente por conta de sua mobilidade e pluralidade, já mencionadas anteriormente, porém é possível perceber alguns traços marcantes e recorrentes em textos que recebem esta classificação. Para sintetizar essa tentativa de caracterização do conto popular, traçaremos

algumas, tais como: 1) sempre é um texto ficcional, não existe obrigação de relação com a realidade do mundo em que vivemos; 2) muitas das vezes trazem elementos maravilhosos, tais como forças sobrenaturais, feitiços, monstros, encantos, poções, objetos mágicos, dentre outros; 3) não costumam acontecer em um tempo determinado da História; 4) os personagens muitas vezes são indeterminados, não possuem nomes ou definições; 5) a passagem do tempo como percebemos não é notada ou vista como essencial.

Vale pontuar que o elemento da *moral* não aparece destacado e explícito nos contos, diferentemente do que ocorre com a fábula, a moral está na forma como os personagens encaram determinada situação e quais ensinamentos retiram daquele momento, não é algo que esteja claramente definido, cabe ao leitor inferir quais reflexões resultará daquelas ações. E traçar essas reflexões vai depender também da cultura e sociedade em que o indivíduo esteja inserido.

Desta maneira, o conto é o resultado de um trabalho de um autor que tenta reproduzir uma realidade de forma literária e não literal, sem preocupar-se com a veracidade dos fatos. São textos que possuem brevidade, costumam ser concisos, usam de estratégias para falar aquilo que é essencial, sem muitos “rodeios”, para que assim possam despertar no leitor certo encantamento. Com ensinamentos presentes em cada ação dos personagens e no desenrolar da história. Talvez por esse motivo os contos continuem encantando gerações ao longo dos anos, sejam eles orais, tradicionais ou modernos. Por isso, acreditamos que trazer esses textos para serem trabalhados em sala de aula proporcionará aos estudantes uma relação mais próxima com as narrativas populares, possibilitando um letramento literário mais significativo, visto a popularidade já conhecida de tal gênero.

3.2 CONTRIBUIÇÕES DE LUÍS DA CÂMARA CASCU DO

Para realizar essa pesquisa precisamos conhecer um pouco sobre a Literatura Oral no Brasil e suas contribuições importantes para o ensino de literatura no país, e não podemos esquecer de considerar as essenciais colaborações de Luís da Câmara Cascudo, ao desempenhar o papel de um dos mais importantes pesquisadores das manifestações culturais brasileiras.

Cascudo nasceu em Natal, Rio Grande do Norte, no dia 30 de dezembro de 1898, aos vinte anos iniciou-se no jornalismo, através do jornal A imprensa, localizado em sua cidade natal e que tinha seu pai como proprietário. Nessa mesma época, Cascudo iniciou sua faculdade de medicina, na Bahia, desde então dividiu seus afazeres entre ser estudante e colaborar com as publicações do jornal. Em 1921, lançou-se como escritor, com a obra Alma Patrícia. Cascudo

tinha um grande apreço pelo mundo das letras, por isso que decidiu abandonar o curso de Medicina na Bahia e ingressar em Direito, na cidade de Recife. Concluiu seu curso de Direito no ano de 1928, e resolveu voltar de vez ao Nordeste, mas sua família enfrentava grandes problemas financeiros. Por este motivo Cascudo resolveu ingressar no magistério, tornando-se professor no Atheneu Norte-rio-grandense.

Não dá para explicar um número exato de obras que o autor tenha criado, mas estima-se, entre livros publicados e inéditos, que a soma ultrapasse os 150 títulos. Por esse motivo, podemos perceber a vastidão e variedade das criações de Cascudo, o que acaba dificultando a determinação precisa de suas teorias e metodologias, no entanto, é considerado no Brasil, o último grande pesquisador no campo da cultura popular, título que sempre trouxe bastante orgulho para ele

“A cultura popular é a criança que continua em nós, em nossa formação cultural e social. Tudo numa paralela: de um lado, as superstições, os mitos e as histórias que nossa mãe nos contou, de outro o que aprendemos na escola, no dia-a-dia da cidade, as viagens e as máquinas. A cultura primitiva prolonga-se na cultura geral e nunca desaparecerá” (CASCUDO, 1972a, p.5).

Muitos de seus estudos estiveram voltados para o folclore brasileiro, buscando e conhecendo diversas manifestações culturais, para que assim pudesse registrá-las em seus escritos, além de realizar o levantamento de diversos contos populares pelo país afora. Com o intuito de não permitir que essa parte de nossa cultura fosse esquecida, assim como diz na introdução de sua obra *Literatura Oral do Brasil*, com 2ª edição datada de 1978, que “voltava carregado de folhetos de cantadores, centos de versos na memória, lembrança dos romances reeditados há tantos cem anos, vivos no espírito de milhões de homens e jamais citados nas histórias registadoras das atividades literárias do Brasil.”. Além, de realizar o levantamento e registro de diversas estórias e causos espalhados pelo país, conseguiu fazer com que esse traço de nossa cultura não morresse.

Cascudo (1972b) afirma que seu interesse por essa temática surgiu desde sua infância no Nordeste: “Menino, fui com minha mãe para o sertão [...] Não estudei a vida sertaneja há mais de meio século, vivi-a integralmente. Todos os motivos de pesquisa foram inicialmente formas de existência natural, assombrações, alimentos, festas, soluções psicológicas” (CASCUDO, 1972b, p.6).

Essas experiências no sertão possibilitaram que ele estreitasse seu interesse e curiosidade sobre o folclore e a cultura popular de modo geral, algo que o acompanhou por toda

a vida. Além de importante pesquisador da cultura popular brasileira desempenhou as funções de etnógrafo, etnólogo, antropólogo, historiador, romancista, poeta, contribuindo e engrandecendo ainda mais a cultura do país, vindo a falecer aos 87 anos, no ano de 1986, em sua cidade Natal.

Por isso, trazer e abordar em sala de aula textos que em sua origem busquem reviver a cultura do Brasil é de extrema importância para uma aprendizagem mais significativa dentro do Letramento Literário. Iremos buscar em suas pesquisas o texto na sua forma original, tal qual como Luís da Câmara encontrou em seus achados, e compará-los com uma versão mais moderna, para que assim os estudantes possam reconhecer a importância dos estudos desses contos, e percebam que embora o tempo passe e as gerações mudem, as boas contribuições para a literatura e para o aprendizado continuam trazendo bons frutos.

3.3 A LITERATURA DE ANA MARIA MACHADO

Para elaborarmos as sequências básicas e os estudos em Letramento Literário optamos por trabalhar com dois contos já conhecidos popularmente, porém recontados de forma bastante brasileira pela escritora carioca Ana Maria Machado, que é uma das mais importantes autoras de obras na literatura infantil.

Ana Maria nasceu em 24 de dezembro de 1941, em Santa Tereza, na cidade do Rio de Janeiro, foi pintora, jornalista, formou-se em Letras e lecionou em escolas e Universidades. Mas é na arte de escrever que ela desempenha seus maiores sonhos há mais de quarenta anos, passando de cem livros publicados no país e traduzidos para diversas outras nações.

Seu discurso é conhecido pelos resgates de fatos históricos, que buscam trazer reflexões sobre nossas condições enquanto sujeitos na sociedade, na tentativa de despertar no leitor uma consciência crítica e indagações sobre o desempenho de seus papéis sociais, identificando em suas inspirações e nas obras um viés ideológico. Tal posicionamento sempre ficou claro durante toda sua formação pessoal, e está evidenciado em sua fala presente na obra *Ponto de Fuga*, ao declarar que

...se eu tivesse que resumir ainda mais este resumo do trabalho que apresentei em Sevilha, diria simplesmente que se deve ler o que tem valor artístico, ler criticamente e ler em quantidade. Conviver criticamente com o ideológico. Para tanto, porém, é necessário estar consciente de que essa expressão pressupõe o exercício permanente da razão, do pensamento (MACHADO, 2016, p.17).

Outro ponto que merece destaque é o desempenho de suas personagens femininas, sempre retratadas com força e personalidade, talvez por acreditar em uma literatura feita por e para mulheres, Ana Maria declara que após ser bastante questionada sobre a existência de uma escrita feminina, começou a refletir sobre tais indagações, na qual chegou à conclusão que: “hoje acredito que sim, com toda certeza existe essa escrita feminina. Se falo como mulher, ando como mulher, sinto como mulher, sem dúvida olho o mundo e escrevo como mulher.” (MACHADO,2016, p.18).

Ana possui uma narrativa permeada de ideologias, retrata de forma singular os fatos históricos ocorridos em nossa sociedade, mas invés de trazer uma linguagem rebuscada, ela opta por uma forma simples, uma maneira que escrever a todos, independentemente da idade ou classe social.

Por tamanha maestria no âmbito da escrita lhes foram conferidos diversos prêmios e homenagens, nos quais podemos destacar: três prêmios Jabutis, que é o mais tradicional prêmio literário do Brasil. No ano de 2000, recebeu a Medalha Hans Christian Andersen, maior prêmio da literatura infanto-juvenil mundial, na Holanda recebeu o prêmio Príncipe Claus, em 2012 foi agraciada com o Ibero-americano SM de Literatura Infantojuvenil, além do Prêmio Bienal de SP, João de Barros, O Melhor para o Jovem, Otavio de Faria. Também teve menções na APPLE (Association Por la Promotion Du Livre pour Enfants), suas premiações também foram a Genebra com o Instituto Jean Piaget, e aos Estados unidos com o prêmio Americas Award.

Em 2003, foi a primeira autora com obras destinadas ao público infantil a ser eleita para ocupar a cadeira número um na Academia Brasileira de Letras. Dez anos mais tarde, foi a segunda mulher a ocupar o cargo de presidente da Academia Brasileira de Letras, no biênio 2012-2013.

Portanto, o que mais nos chamou atenção para trabalharmos seus textos em sala é a maneira como os fatos históricos de nossa sociedade são resgatados e recontados pela autora, com uma linguagem simples, direta, e que consegue prender e surpreender o leitor. E os contos escolhidos para abordarmos em sala de aula, traz justamente, tudo que a obra de Ana Maria nos propõe: personagens fortes e com personalidades traçadas de forma que inspiram, linguagem simples e que encanta, além disso, ideologias que fazem com que o leitor saia de sua zona de conforto, comece a refletir mais criticamente sobre seu papel social e as suas relações interpessoais.

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

4.1 TIPO DE PESQUISA

Realizar pesquisas é uma atividade que deve ser encarada com bastante relevância, uma vez que é através delas que podemos iniciar uma mudança em nossa realidade, a partir do momento que percebemos a necessidade de uma maior intervenção dentro da nossa prática profissional. Como pontua Gil

Pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema (GIL, 2002, p.17).

Dessa forma, pesquisar consiste em buscar respostas para os problemas e questionamentos que até então nos inquieta. É uma atividade constante de elaboração de conhecimentos, que deveria permear a vida profissional de todos.

Nesse contexto, o presente trabalho foi motivado pela inquietação e constatação por parte da pesquisadora de que no ambiente escolar, a leitura do texto literário, ainda não é valorizada como deveria, e que muitas vezes é subestimada ou relegada a segundo plano, utilizada como pretexto para análises que não envolvem a essência da leitura literária.

Assim, ao optarmos por esse tipo de trabalho, temos a visão de que a pesquisa e a ação devem caminhar juntas, para que uma intervenção tenha êxito, ela precisa estar pautada em pesquisas sólidas sobre o assunto. Thiollent (1986, p. 14) fortalece essa noção quando afirma que a pesquisa-ação é “um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores (...) estão envolvidos do modo cooperativo ou participativo”.

Sendo assim, nosso trabalho será constituído por uma investigação de natureza qualitativa com o foco na pesquisa-ação, pois através das atividades e questionários aplicados poderemos descrever as impressões obtidas, as opiniões e pontos de vista levantados pelos envolvidos neste estudo, possibilitando dessa forma, intervir de forma mais objetiva ao longo da pesquisa.

Assim, como também pontua Bortoni-Ricardo (2008, p. 34), a pesquisa com viés qualitativo “procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto. [...]”. O pesquisador parte de um interesse específico que foi percebido dentro de contexto em que ele

está inserido, buscando identificar e perceber como os atores sociais envolvidos nesse processo o percebem, ou seja, como serão feitas essas interpretações.

Vale destacar que realizaremos o trabalho em um contexto social concreto, no qual a pesquisadora estará em constante contato com os participantes, observando e registrando as hipóteses levantadas, para posteriormente realizar uma análise detalhada, sempre buscando manter a imparcialidade sobre as impressões obtidas, e considerando a heterogeneidade do ambiente escolar, de suas peculiaridades, respeitando dessa forma, o processo natural de ensino-aprendizagem.

Diante disso, a escolha da pesquisa-ação no ambiente escolar se aplica muito bem, pois ao agir e investigar sobre uma determinada situação, o professor-pesquisador pode descrevê-la e avaliar as mudanças importantes a serem feitas, resultando na melhoria da sua prática docente ao longo de todo o processo. Assim como afirma Tripp (2005, p. 445), quando nos diz que pesquisa-ação é o conjunto de “estratégias para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos”.

Corroborar, dessa maneira, com a ideia de que encaminhar uma pesquisa por esse viés é bastante eficaz, pois se tratando de relações humanas, a observação fica em primeiro plano. Daremos importância às anotações, aos registros em diários de leitura fornecidos pelos alunos, e com as observações realizadas cotidianamente no campo de pesquisa, poderemos analisar de forma mais sistemática aquilo que observamos, buscando traçar estratégias mais eficazes e realizar mudanças para melhorar nossa prática docente.

4.1.1 A Instituição escolar

A pesquisa será realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental do Jatobá, situada no bairro de mesmo nome, no município de Maracanáu-CE, a escola foi fundada em 06 de julho de 1991, pelo então prefeito Júlio César Costa Lima. A instituição encontra-se em uma área circunjacente com o município de Fortaleza, então muitos alunos residem em Fortaleza. A instituição funciona nos turnos manhã e tarde, o turno matutino com três turmas de 6º ano, quatro turmas de 8º ano e um 7º ano; já no turno vespertino, temos quatro turmas de 9º ano e quatro de 7º ano. Cada turma possui no máximo 35 alunos matriculados, uma média de 560 estudantes, no qual 95% deles recebem auxílio financeiro do Governo Federal, como o Bolsa Família.

A escola possui uma boa estrutura física, com oito salas de aula amplas, com quatro ventiladores cada, o teto é forrado, porém ainda não há possibilidade financeira de instalar aparelhos de ar-condicionado.

Há também um laboratório de informática que divide espaço com a sala de leitura, pois ainda não há um espaço destinado somente para utilização da biblioteca, há projetos para ampliar o espaço. Esse laboratório possui aparelho de ar-condicionado e alguns computadores para uso em pesquisa por parte dos estudantes, dois projetores integrados com lousa digital e dois projetores comuns, que podem ser levados para sala de aula, caso algum professor necessite.

A sala de informática possui uma professora lotada especificamente para realizar as atividades do local, porém devido à demanda de faltas não programadas de professores, a regente precisa dividir suas atividades entre atender no laboratório e atender às turmas quando um professor falta, vale ressaltar que sempre que possível a professora tenta encaixar essas atividades dentro da programação do próprio laboratório, utilizando com os alunos os recursos digitais disponíveis.

A sala de leitura, mencionada anteriormente, divide espaço com o laboratório de informática, atualmente não possui um profissional lotado no espaço e destinado a realizar as atividades da sala de leitura. O professor que precisar, pode direcionar-se até o espaço, escolher os livros que necessita e levar para serem trabalhados em sala de aula. Infelizmente, o acervo ainda não é suficiente, não há exemplares o bastante de cada obra que nos possibilite trabalhar com os 35 alunos simultaneamente. Ainda não há um projeto de leitura consolidado na escola, cada professor trabalha em sua sala da maneira que achar mais viável, e realiza apresentações e culminâncias em sala de aula conforme orientações da SME. Quando há algum evento na escola, essa apresentação pode se estender para o público. Com esta pesquisa, tal realidade tem a possibilidade de mudar, uma vez que poderá ser consolidado um projeto de leitura em concordância com os demais professores, além de tornar o empréstimo de livros uma atividade corriqueira na instituição.

Ainda sobre o espaço físico, a escola possui uma sala para professores, uma sala para a gestão, uma sala com armários dos funcionários, uma secretaria, quatro banheiros (um para professores, dois para os alunos, e um com acessibilidade para alunos ou professores/funcionários), possui uma cozinha com dispensa, um pátio amplo e coberto, além da quadra poliesportiva coberta, com dois vestiários e três chuveiros em cada.

Como recursos humanos, a escola conta com um núcleo gestor composto por três professoras especialistas, uma exerce a função de coordenadora pedagógica, outra

coordenadora financeira, e a gestora geral. O quadro de professores é composto por vinte e um professores graduados em suas áreas específicas, todos possuem graduação em licenciatura, a maioria possui especialização, e uma docente está com o mestrado em andamento. A escola conta ainda com uma secretária, uma professora readaptada de apoio na secretaria, e uma professora responsável pela coordenação do Programa Novo Mais Educação. Há nove funcionários que realizam os serviços gerais: duas cozinheiras, um porteiro, dois vigias, quatro cuidam da limpeza. E conta ainda com os serviços de três cuidadoras de alunos com necessidades de atendimento especial.

A escola desenvolve alguns importantes projetos, tais como: o Projeto Novo Mais Educação, de iniciativa do Governo Federal; a Feira de Ciências, no mês de setembro; o Afroart, no mês de novembro, os dois últimos são de iniciativa municipal; o show de talentos, que ocorre no mês de junho; a gincana, que geralmente ocorre no 2º semestre; e o interclasse esportivo, dividido em dois momentos ao longo do ano. Esses últimos projetos são idealizações e realizações da própria instituição escolar, sob orientação dos professores das disciplinas.

Sobre o PPP – Projeto Político Pedagógico, sua última atualização foi em 2019, e participaram desse momento, todos os seguimentos da escola: gestão, professores, funcionários, pais. O documento é pautado em efetivar uma gestão democrática, possibilitando a interação entre todos os segmentos da escola, favorecendo um clima harmonioso de trabalho, com o objetivo de melhorar o processo de ensino aprendizagem e diminuir por completo a evasão escolar. Para isso, são necessárias estratégias claras em união com a família dos educandos. Além disso, possibilitar um apoio pedagógico intenso com os professores, traçando metodologias e análises de conteúdos que possam ajudar no desempenho das atividades, em prol de ampliar as habilidades leitoras dos alunos e conseqüentemente, suas competências de compreensão sobre aquilo que leem.

Atualmente, a escola possui IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) de 5,9 no 9º ano, resultado obtido em 2017. Vale ressaltar que o Ideb é calculado com base no aprendizado dos alunos em português e matemática (Prova Brasil) e no fluxo escolar, considerando a taxa de aprovação. A escola ultrapassou a meta estipulada pelo município.

Mesmo diante de um resultado satisfatório no IDEB, ainda precisamos avançar muito nas práticas de leitura em salas de aula, principalmente da leitura do texto literário, além de inserir uma rotina leitora na vida escolar dos discentes. Dessa forma, nossos alunos poderão ingressar no ensino médio com um nível de leitura mais eficiente, crítico e autônomo.

4.1.2 Participantes da pesquisa

A pesquisa é direcionada a uma turma de 6º ano, da Escola Municipal de Ensino Fundamental do Jatobá, localizada na cidade de Maracanaú-CE. A turma é formada por 35 alunos: 19 do sexo feminino e 16 do masculino. Eles possuem idade entre 10 e 12 anos, portanto é uma turma considerada dentro da faixa etária recomendada para aquele ano e não há repetentes. A escola está situada em uma área limítrofe entre três municípios: Caucaia, Maracanaú e Fortaleza, sendo a cidade de Caucaia um pouco mais distante. Porém, há alunos oriundos das redes de ensino desses três municípios, alguns concluíram o ensino fundamental I em Fortaleza ou Caucaia, sendo a grande maioria oriundos da própria rede municipal de Maracanaú. Todos são vindos de família com baixo poder aquisitivo.

Desses 35 alunos, todos já foram alfabetizados, mas muitos ainda se encontram com a leitura e escrita insatisfatórias, possuem dificuldades principalmente em realizar inferências e identificar informações mais implícitas nos textos. Em relação à escrita, ainda persistem alguns desvios medianos em relação à ortografia e pontuação. E quando se trata de produção textual, existem dificuldades na coesão e coerências dos textos. Sendo assim, é cada vez mais necessário focarmos em atividades de letramento com o intuito de avançarmos nas práticas de leitura e escrita desses alunos, com o objetivo de torná-los cada vez mais autônomos dentro do processo de ensino e aprendizagem.

A partir do próximo ponto, serão relatadas em primeira pessoa do singular, as experiências pessoais, leitoras e profissionais da professora responsável pela presente pesquisa.

4.1.3 A Professora Pesquisadora: leitora e educadora

Nasci em Fortaleza/CE, em 1992, sempre estudei em escolas públicas, consideravam-me uma menina bastante interessada nos estudos e curiosa, o mundo das letras sempre me fascinou mais que o dos números. Meu primeiro contato com a literatura foi por intermédio de minha mãe, Maria Das Dores, que mesmo não tendo oportunidade de concluir seus estudos básicos, sempre comprava livros com fábulas e contos clássicos para mim. Até mesmo antes de eu começar a ler, eu já possuía algumas dessas obras em casa, costumava passar horas e horas do meu dia olhando as imagens do livro e criando várias narrativas com a minha imaginação, a curiosidade em saber o que estava escrito ali me motivava a aprender a ler o quanto antes. Mesmo meu pai lendo e contando as histórias para mim, eu sentia que não era o suficiente, eu

queria desvendar aquelas letras sozinha, por mim mesma. Aprendi a ler, e aos seis anos eu já lia aqueles livros, várias vezes ao dia.

Como vim de uma família humilde, não dava para meus pais comprarem sempre novos livros, com novas histórias, então eu as reinventava na minha cabeça e no papel. Foi assim que aos 8 anos ganhei o 1º lugar em um concurso de redação da escola, algo simples, mas que para mim teve bastante significado. A partir disso, não parei de ler, as narrativas dos contos, fábulas e crônicas sempre foram os meus prediletos. Ajudaram a traçar muitas das características que eu considero importantes em um ser humano.

A faculdade de Letras nunca foi uma opção para mim, na verdade eu não sabia que existia uma graduação que estudava o mundo da literatura e da linguística, a única certeza que eu tinha é que iria cursar uma faculdade um dia, pois naquela época eu já “sonhava alto”.

Durante o ensino médio conheci uma professora que despertava cada dia mais meu fascínio pela leitura, Ana Márcia Julião, que inclusive hoje é minha colega de trabalho, com a qual compartilho conhecimentos diariamente. Quando presenciei suas primeiras aulas, fiquei simplesmente encantada com seu jeito de ler e de explicar a literatura, de como aquelas palavras se tornavam tão simples quando ela as pronunciava, eram aulas que eu não conseguia desviar a atenção, logo eu, que adorava conversar com todos. Aquelas aulas me prendiam. E eu queria ser como aquela professora, queria que algum dia alguém se prendesse às minhas palavras daquela forma.

No dia da inscrição do Vestibular, eu optei por Letras-Licenciatura, até esse dia, eu desejava cursar Jornalismo. Ao final do meu ensino médio, em 2008, com 16 anos, tentei os vestibulares na UFC (Universidade Federal do Ceará) e na UECE (Universidade Estadual do Ceará). Não passei nesses vestibulares, fiquei desestimulada, resolvi desistir e começar a focar no mercado de trabalho, mas meus pais não deixaram, continuaram insistindo em meus estudos.

Em 2009, meus pais fizeram minha inscrição em um cursinho pré-vestibular popular, era difícil pagar as passagens e mensalidade ao mesmo tempo, mas com a ajuda do programa social do Governo Federal, o Bolsa Família, isso foi possível. Minha avó, Dona Geralda, me presenteou com as apostilas do curso. Como eu sabia dos sacrifícios que meus pais faziam para eu estar ali, eu tinha que passar no vestibular o quanto antes. No meio do ano de 2009, fui aprovada no vestibular na UECE. Foi um dos momentos mais felizes da minha vida. Esses meses no cursinho foi primordial para meu crescimento, lembro-me que eu sempre estava pegando livros emprestados na biblioteca, e a maioria deles eram de literatura, mesmo sabendo que um vestibular me aguardava e que eu deveria focar mais nas matérias exatas, que eram o meu ponto fraco. Eu não conseguia ficar sem ler um romance ou um livro de contos. Nesse

cursinho, além de me proporcionar a chance de passar no vestibular, também tive o presente de conhecer meu primeiro e único namorado, Danilo, que hoje é meu esposo.

Durante a graduação sempre me encantei por todas as disciplinas, não poderia ter escolhido outro curso, não seria feliz do mesmo modo. Conheci meus melhores amigos, que até hoje estão presentes em minha vida. Tive a oportunidade de saber mais sobre os estudos linguísticos, algo que para mim era uma grande novidade. As cadeiras de literatura eram as que me deixavam mais à vontade, eu sabia que ali eu poderia estar livre para imaginar e ler o que eu tinha mais afinidade, afinal, todas as histórias me encantavam.

Dois anos após o início da faculdade eu consegui um estágio remunerado pela Prefeitura Municipal de Fortaleza. Integraria à equipe do Simbe (Sistema Municipal de Bibliotecas Escolares), minha função, juntamente com colegas da Pedagogia e da Biblioteconomia, era de acompanhar o desenvolvimento das atividades das bibliotecas da rede municipal, além de organizar acervos e formações para os professores regentes. Meu caminho, mais uma vez, estava em consonância com a leitura.

Em 2012, começaram meus estágios supervisionados, e naquele momento fui inserida nas escolas públicas para poder vivenciar de perto tudo o que me aguardava. No começo fiquei um tanto assustada com aquela rotina de professora, até aquele momento, eu estava do outro lado: era aluna. Mas, logo todos os medos foram passando, e com a ajuda de professores maravilhosos que surgiram nesse caminho, pude me sentir mais confortável durante todo o processo.

No ano de 2013, iniciei como professora temporária no Governo do Estado do Ceará, lecionando para o Ensino Médio. Desde os estágios supervisionados, essa foi minha experiência mais significativa, minha primeira experiência como professora regente das minhas turmas, em que lecionei por quase 3 anos. Em 2015, fui aprovada no concurso público da Prefeitura Municipal de Maracanaú, para lecionar no Ensino Fundamental, outro desafio em minha vida, pois a mudança de Ensino Médio para o Fundamental foi gigante. Hoje, se tiver que escolher, opto por continuar no Ensino Fundamental, creio que tenho um trabalho árduo e bastante significativo para realizar com as crianças.

No ano de 2016, realizei minha especialização em Gestão Escolar e práticas pedagógicas. Na época tive os planos de tentar uma seleção para gestores, que acabei desistindo. A especialização foi importante para eu entender um pouco do outro lado, de como a gestão de uma escola se organiza e dos entraves existentes, foi um conhecimento bastante válido.

Cursar um mestrado, seja ele acadêmico ou profissional, sempre me pareceu um sonho utópico, eu precisava trabalhar e me dedicar integralmente a um mestrado, isso não cabia nos

meus planos. Em 2015, tive conhecimento da proposta do PROFLETRAS, um mestrado que alinha pesquisa e prática e conseqüentemente nos faz repensar nossa trajetória em sala de aula, nos ajuda a aprimorar cada vez mais nossas teorias, para resultar em práticas mais significativas para a vida dos estudantes do ensino público.

Foi então, que em 2018, tentei a prova pela segunda vez e fui aprovada. O mestrado tem me proporcionado a oportunidade de aprender mais enquanto pesquisadora, para poder melhorar minha prática docente. As pesquisas realizadas e estudadas ao longo do curso nos fazem repensar e enxergar com outros olhos nossos alunos e nossa realidade escolar, possibilitando que busquemos estratégias que consigam melhorar a aprendizagem dessas crianças e jovens.

4.2 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS PARA GERAÇÃO DE DADOS

Para podermos gerar os dados da presente pesquisa, optamos por utilizar instrumentos básicos, mas que possibilitam uma boa análise do que foi observado e trabalhado ao longo do estudo. São eles: anotações de campo, questionários, rodas de conversas e diários de leitura dos alunos.

As anotações são importantes, uma vez que a professora-pesquisadora poderá registrar as observações que fizer ao longo da realização das oficinas, sobre as impressões e reações dos alunos em cada etapa realizada, assim podendo entender melhor o contexto e as interpretações dos discentes.

Os questionários deverão ser aplicados no começo das oficinas, questionando sobre os gostos de leitura dos alunos e sobre as expectativas que eles possuem com aqueles estudos, podendo desta forma diagnosticar sobre quais os anseios desses estudantes sobre a literatura. A aplicação dos questionários deve continuar ao longo do processo para ajudar a analisar e verificar o progresso dos estudos.

As rodas de conversa é uma estratégia interessante, pois se tratando de alunos do 6º ano é importante incentivarmos a atividade oral, pois com as leituras dos contos eles se sentirão à vontade para comentar com os colegas e interagirem com a professora.

Por fim, os diários de leitura são instrumentos que nos possibilitarão registrar de forma mais sistemática as observações e comentários dos alunos ao longo das oficinas, e iremos comparar com as respostas iniciais, com o intuito de verificar o progresso deles ao longo do letramento literário, ou ainda, mudar alguma estratégia que não esteja agradando-os.

4.2.1 Categorias para análise de dados

Para realizarmos nossa proposta de Letramento Literário optamos por nos fundamentar em Cosson (2016), utilizamos sua Sequência Básica, que consiste em quatro passos:

1 – Motivação: consiste no momento de preparação do aluno para adentrar no texto literário. Nesse ínterim é interessante que haja uma construção de uma situação em que os alunos possam responder a questões que levantem reflexões sobre o tema a ser abordado na leitura, deve haver espaço para que os discentes se posicionem sobre a leitura, e assim possam iniciar uma construção de imagens interpretativas sobre o que irão ler (COSSON, 2016, p. 52). Vale ressaltar que esse momento não deve ser demasiado longo, não ultrapassando uma aula, e pode ser realizado por meio da leitura, da oralidade e da escrita.

2 – Introdução: é o momento de apresentar a obra e o autor/autora, porém essa biografia deve ser breve, pois muito provavelmente algum aluno já ouviu falar sobre a obra ou sobre o escritor, e isso acabará ajudando para que essa etapa não seja longa. Durante a introdução é necessário fornecer informações básicas sobre o autor/autora, sobre a obra e sua importância, e justificar para a turma qual o motivo dessa escolha (COSSON, 2016, p. 60). Devemos também chamar a atenção dos discentes para os elementos paratextuais; como capa, contracapa, orelha, prefácio, essas são ações relevantes a serem realizadas.

3 – Leitura: consiste na etapa essencial da sequência básica. Cosson (2016) ressalta que a leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista, no entanto, não devemos confundir com policiamento, o docente não deve vigiar o aluno, mas estar disponível para eventuais dúvidas que possam surgir durante a leitura (COSSON, 2016, p. 62). O autor ainda propõe que caso o livro seja extenso, o momento de leitura pode ocorrer em sala, em casa ou na biblioteca, porém deve-se trabalhar com os intervalos de leitura, ou seja, com momentos de reflexão acerca da obra e realizar paradas, no qual se pode desenvolver atividades específicas sobre um capítulo, ou até mesmo introduzindo outros textos que tenham intertextualidade com a obra. No momento dos intervalos, o docente poderá observar as dificuldades enfrentadas pelos alunos e buscar intervenções adequadas.

4 – Interpretação: é o momento de entretimento dos enunciados, que constituem as inferências, para chegar à construção dos sentidos do texto, dentro de um diálogo que envolve o autor, o leitor e a comunidade (COSSON, 2016). O autor explica que as interpretações acontecem em dois momentos: um interior (que perpassa pela decifração, que considera

questões íntimas, levando em conta a história do leitor e do aluno, as suas relações familiares e tudo que constitui o seu conhecimento de mundo e de leitura). O outro momento é o exterior (quando de fato acontece a materialização da interpretação feita pelos alunos, como um ato de construção dos sentidos em uma determinada comunidade, por meio do compartilhamento da interpretação com os colegas e com o professor). Vale destacar, que as atividades de interpretação devem ter como princípio a externalização da leitura, isto é, o seu registro.

Cosson (2016) também sugere que durante o processo da sequência básica possamos trabalhar com **Intervalos**, que consistem em fazer algumas pausas durante a leitura da obra, para realizar alguns ajustes em relação a desconhecimento de vocabulário, de contexto ou de conteúdo, que de alguma forma possam dificultar o entendimento dos alunos durante a leitura. Nesse momento, também é viável recorrer a outros gêneros textuais que contemplem a temática do livro que os alunos estão lendo ou textos do mesmo gênero que se está trabalhando.

Diante dos objetivos traçados com a pesquisa, acreditamos que a sequência básica será o primeiro passo desses alunos na inserção de uma prática de Letramento Literário. Dessa forma, consideramos uma estratégia viável e aplicável dentro do contexto em que estamos inseridos. Vale ressaltar, que conforme a necessidade e heterogeneidade da turma, essas categorias podem sofrer alterações.

4.2.2 O Corpus Literário

Para pormos em prática nossa pesquisa, optamos por trabalhar com contos de origem popular que trouxessem temas sobre valores humanos, tais como: a coragem, o amor ao próximo, a sinceridade, a honestidade, a resiliência, a humildade, e, a sabedoria. Dessa forma, podendo dialogar com as experiências dos estudantes e com a visão de mundo que eles trazem, a fim de levantarmos discussões saudáveis sobre esses temas, buscando a formação de leitores críticos.

Sendo assim, optamos por abordar em nossas oficinas dois contos populares presentes no livro *Histórias à Brasileira* de Ana Maria Machado. Essa coleção consiste em quatro volumes, com dez histórias tradicionais recontadas ao estilo brasileiro pela escritora carioca. Escolhemos o volume 4, por ser o mais atual, com publicação no ano de 2010. Encontramos dentro desse volume contos populares bastante conhecidos, tais como “*A onça, o veado e o macaco*”, “*A lenda da Vitória-Régia*”, “*O jabuti e o jacaré*” dentre outros. No entanto, para nossa sequência básica escolhemos os contos “*A princesa de Bambulúá*” e “*Adivinha, Adivinhão*”.

Esses contos escolhidos também estão presentes na antologia produzida por Luís da Câmara Cascudo, em sua obra intitulada *Contos Tradicionais do Brasil* (2014), com publicação inicial em 1946, no qual nos traz diversos “causos” que o autor ouviu de pessoas simples em seu estado natal, reuniu esses contos e os dividiu em alguns temas, como: encantamento, religiosos, etiológicos, adivinhação, dentre outros.

O conto “*A princesa de Bambuluá*”, resgatado por Câmara Cascudo, narra a história de João, um rapaz amarelo, que ao parar numa gruta para descansar é surpreendido pelo rosto de uma princesa encantada. Então, é feito um desafio ao rapaz; ele teria que desencantá-la, passar por difíceis provas de coragem e persistência, desafiando a morte. O rapaz conquista o coração da jovem e com grande determinação parte em uma perigosa jornada para cumprir sua promessa de casar-se com a linda Princesa de Bambuluá. Já o conto “*Adivinha, Adivinhão*”, nos traz as aventuras de um rapaz esperto que ganhou o favor do rei de uma região, ao se passar por adivinho e descobrir quem era o criminoso que roubou a tão valiosa coroa real.

O que diferencia essas narrativas tradicionais, da forma como Ana Maria Machado reconta, é a maneira peculiar de estendê-las, incluindo mais situações que acabam prendendo a atenção do leitor, além de trazer personagens femininas mais empoderadas e com voz ativa, o que nos faz refletir sobre o papel da mulher em nossa sociedade. Ao narrar as histórias, inserindo elementos típicos da cultura e natureza brasileiras, a autora faz com que o leitor se identifique mais aproximadamente com aquilo que lê, enxergando a pluralidade cultural de nossa terra. Dessa forma, facilitando, uma representatividade e interesse pelos temas trazidos, sendo assim, além de ler e se encantar com os caminhos que suas narrativas seguem, também nos traz reflexões importantes sobre o papel social que desempenhamos.

4.2.3 Etapas da Sequência Básica na pesquisa

O Livro de Ana Maria Machado escolhido para ser trabalhado nessa pesquisa é composto por 10 contos, no qual escolhemos dois, para realizar as sequências e comparar com os elementos encontrados nos contos tradicionais de Luís da Câmara Cascudo. Dessa forma, em cada etapa da sequência realizaremos a leitura dos dois contos – o tradicional e o moderno – para podermos verificar as semelhanças e diferenças nos textos lidos.

Sendo assim, utilizaremos como base as categorias que compõem a sequência básica propostas por Cosson (2016), pois acreditamos que essa proposta é o ideal para a série de ensino que estamos lidando, e como é uma forma de inserção inicial ao letramento literário,

consideramos ser um tipo de sequência que dará conta dos nossos objetivos. Vale lembrar que na sequência proposta por Cosson, temos os seguintes momentos: *motivação, introdução, leitura, intervalo, interpretação*. No entanto, tivemos que realizar uma adaptação à proposta do autor, acrescentando as seguintes categorias: diagnóstico e feedback, conforme especificamos a seguir:

Diagnóstico do leitor	Nesse momento, iremos aplicar um questionário relacionado à prática de leitura: sobre os tipos de leituras que costuma realizar, quais livros já leu, etc., e quais as expectativas sobre as aulas de leitura na escola.
Motivação	A motivação é a preparação para a leitura, é um momento essencial durante o letramento literário, pois é aqui que os objetivos podem começar a ter êxito ou não. Essa motivação precisa ser instigante, despertar a curiosidade do aluno, principalmente por se tratar dos anos iniciais do ensino fundamental. Portanto, é importante realizar uma boa motivação.
Introdução	Essa etapa não deve se prolongar muito para não ficar enfadonha para os alunos, com o risco de perderem o interesse na leitura. Nesse momento, explicamos sobre a obra e a autora, explanando sobre os motivos que nos fizeram escolhê-la para abordar em sala, comentamos também sobre os aspectos físicos do livro.
Leitura	Esse é o momento mais importante do letramento literário, pois é aqui que há a interação do leitor com o texto, através de um contexto. O professor aplica as estratégias de leitura e analisa como anda a evolução dos alunos, caso considere necessário também poderá intervir com atividades ou outras estratégias que sejam relevantes ao objetivo da pesquisa.
Intervalo	Essa etapa pode acontecer na medida que o professor considerar importante, para verificar algumas dúvidas dos alunos em relação ao vocabulário ou até sobre o contexto da

	obra. Sanar essas dúvidas é essencial para que o próximo passo aconteça de forma exitosa.
Interpretação	É na interpretação que podemos verificar se de fato os objetivos das estratégias foram alcançados, no qual os alunos construirão suas compreensões sobre aquilo que leram, e quais significados trouxeram para si. Essa etapa será materializada com produções artísticas dos alunos, anotações em diários de leitura em seus portfólios, pelas impressões obtidas com as rodas de conversas nas aulas, dramatizações sobre os contos, além de poderem exibir as leituras no pátio da escola através de uma culminância, caso os alunos sintam-se à vontade para tal atividade.
Feedback	Essa etapa será materializada nos diários de leitura dos estudantes, no qual eles registrarão sobre as primeiras impressões que tiveram com as aulas, e como essas impressões foram se modificando, ou não, ao longo da realização das oficinas de leitura. Nesse momento eles poderão contar o que acharam mais interessante e o que gostariam de mudar nas estratégias. Vale ressaltar que os registros feitos nos cadernos serão realizados ao longo de todas as atividades, os alunos serão instigados a escrever como em um diário. Ao final, essas anotações comporão um livro que trará os relatos dos alunos.

Desta maneira, o passo da *Interpretação* proposto por Cosson acontecerá em todas as etapas, pois uma vez que os alunos escrevem e registram suas impressões sobre os textos lidos e sobre as aulas, acabam realizando uma interpretação também, o que resulta em um processo mais autônomo e real para os estudantes.

5 EXECUÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Para realizar a análise dos dados obtidos por este trabalho, utilizamos como base os objetivos específicos da pesquisa: 1) promover o gosto pela leitura literária nos alunos do sexto ano do ensino fundamental; 2) propor uma intervenção didática, utilizando estratégias para o ensino da literatura, para que os alunos desenvolvam uma leitura crítica dos textos literários.

Para isso, utilizamos as respostas obtidas no primeiro questionário e, também, os registros realizados pelos alunos em seus diários de leitura e em suas interações orais, além dos questionários aplicados durante todas as oficinas.

Ressaltamos que é crucial sempre estimular os alunos a participarem das aulas, a usarem sua oralidade durante as oficinas, buscando aprofundar o letramento literários desses estudantes, pensando e reformulando estratégias, a partir de suas respostas orais e dos seus registros realizados.

5.1 DIÁLOGO INICIAL E DIAGNÓSTICO

A proposta inicial é de que aconteça uma aula expositiva com o suporte de slides com o intuito de explicar sobre a realização da pesquisa e da sua relevância para o aprendizado dos alunos. Nessa aula, também deve ser mostrado quais serão as oficinas e quais motivos levaram a pesquisadora a escolher aquela turma para realizá-las.

Também será importante explanarmos aos alunos que posteriormente teremos outro momento explicando melhor sobre os textos que serão lidos. Outra recomendação é a de que eles não podem faltar à aula, pois será um momento bastante interessante, no qual irão apreciar bastante, deixando uma espécie de suspense no ar. Assim, espera-se que os alunos se motivem a participarem das aulas seguintes.

Logo após esse momento, os alunos devem responder a um questionário sobre suas vidas de leitores, no qual contém as seguintes perguntas:

Questionário do leitor
1. Você gosta de ler?
2. Que tipos de leituras você mais gosta?
3. Justifique sua resposta ao item anterior.
4. Quantos livros você leu no ano passado?
5. Esse ano você já leu algum livro? Qual/Quais?
6. Na sua casa tem quantos livros?
7. O que você espera com as oficinas?

8. Escreva um pouco sobre sua vida de leitor.

Espera-se com essas perguntas poder levantar um perfil da turma escolhida para a pesquisa. Será importante também, incentivar para que todos os 35 alunos respondam ao questionário de maneira séria e que não deixem nenhuma pergunta em branco, para dessa forma obter um diagnóstico mais completo.

5.1.2 Oficina 01: Motivação para as oficinas e para a leitura de textos literários

Esse primeiro momento é primordial para despertar o interesse dos alunos para as leituras e oficinas que irão ocorrer em sala, visto que uma motivação bem elaborada pode ser a responsável pelo êxito na sequência de estudos. Vale destacar que esse momento não deve ser demasiadamente longo, assim como afirma Cosson (2016) “uma motivação longa tende a dispersar o aluno em lugar de centralizar sua atenção em um ponto específico que será o texto literário”. Portanto, para obter essa atenção, consideramos que seja importante não somente otimizar o tempo, mas também mantermos uma proximidade com a realidade dos alunos, realizar uma motivação que seja compreensível e simples para eles, mas que ao mesmo tempo seja significativa para o aprendizado.

Vale destacar que a proposta foi organizada para ser aplicada em aulas de Língua Portuguesa com duração de 55 minutos (hora-aula).



Motivação para as oficinas e para a leitura de textos literários	
Duração:	55 minutos (Uma hora-aula)
Objetivo:	Explicar sobre a pesquisa e as oficinas, motivar o aluno para a importância da leitura de textos literários.
Conteúdo:	Leitura

Competência:	1.Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
Habilidades:	BNCC (EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.
Procedimentos e métodos:	<p>Antes de falar sobre o conteúdo abordado na motivação consideramos relevante orientar sobre a ornamentação da sala para esse momento. Como o objeto da pesquisa são os contos populares tradicionais resolvemos propor que na sala de aula sejam expostos diversos elementos que façam referência a esses contos, muitos deles já conhecidos por nossos alunos. Na classe expor desde personagens conhecidos por todos – como animais falantes e protagonistas de histórias, princesas, príncipes e objetos encantados – até frases de efeito usadas em contos tradicionais. Com isso, pretendemos despertar o interesse dos estudantes por meio do lúdico e da curiosidade, elementos instigadores para a idade e nível de compreensão que eles possuem.</p> <p>Durante esse momento de encantamento dos alunos com a ornamentação da sala é importante que a professora realize perguntas instigadoras, e que motive a resposta oral dos estudantes, tais como:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O que vocês perceberam de diferente na decoração da sala? 2. Dos elementos presentes aqui, quais vocês já conhecem? 3. De onde conhecem? 4. O que esses elementos ou personagens têm em comum? 5. O que vocês acham que iremos estudar nas oficinas? 6. Vocês acham que será um momento interessante? Por quê? 7. O que vocês perceberam de diferente na decoração da sala? 8. Dos elementos presentes aqui, quais vocês já conheciam? 9. De onde conhecem? 10. O que esses elementos ou personagens têm em comum?

11. O que vocês acham que iremos estudar nas oficinas?

12. Vocês acham que será um momento interessante? Por quê?

É importante que a professora anote as respostas orais dos alunos em seu caderno de campo, o máximo que puder para realizar análises posteriores. Após esse momento de instigação, deve-se exibir um vídeo de autoria do jornalista e pesquisador Rogério Nogueira, que se encontra na plataforma digital YouTube, trata-se de uma série de vídeos feitos pelo jornalista, que reúne pessoas do interior do Ceará para contar lendas rurais. O vídeo exibido tem como protagonista dona Alzira Gomes, que narra a história do Lobisomem de forma detalhista e tão real que chega a encantar.

Figura 1 – Histórias de Lobisomem



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=LAFM_SWzj90. Acesso em: 15/03/2020.

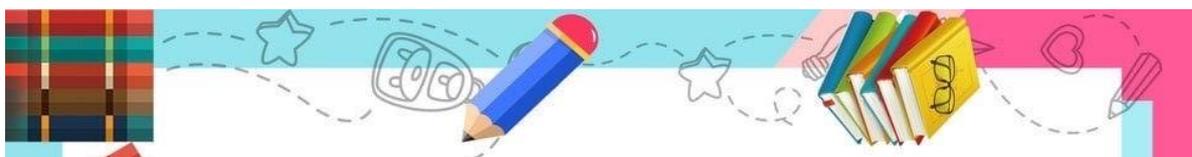
Nesse momento, a professora deve explicar que serão estudados contos populares durante as oficinas que serão realizadas com a participação deles. Vale destacar, que exibição do vídeo é bastante interessante, pois traz uma contadora de histórias real, que fala da forma como muitos alunos entendem, com uma linguagem aproximada das vivências deles. Essa identificação é importante para que o interesse dos alunos continue vivo ao longo das oficinas.

Nesse momento a professora entregará a cada aluno um caderno pequeno, e explica que eles deverão utilizá-lo durante as oficinas e registrar tudo que

	acharem interessante, como em um diário. E ainda, que devem colorir e ornamentar o caderno da forma que acharem melhor, e cuidar dele com bastante atenção e carinho, pois será uma forma de analisar toda a evolução dos estudos feitos. Explicar-lhes também que irá chamar esses cadernos de Diários de Leitura. Logo após, os estudantes devem ser motivados a escreverem em seus diários sobre o que acharam do encontro, sobre suas impressões que tiveram ao longo da aula e expectativas futuras.
Recursos didáticos utilizados:	Projektor, notebook, caixa de som, material gráfico para ornamentação da sala, cadernos para anotações, canetas coloridas, giz de cera, lápis de cor, colas coloridas.
Avaliação:	A avaliação ocorrerá conforme a participação dos alunos. Vale ressaltar que essa avaliação não é somativa, mas sim qualitativa, com o intuito de instigar mais ainda o interesse dos alunos.

5.1.3 Oficina 02: Antigamente, bem antigamente em Bambuluá.

Essa oficina foi composta por três etapas da sequência proposta por Cosson (2016): Motivação, Introdução e início da Leitura. A continuação da etapa de Leitura e a interpretação ocorrerá na oficina seguinte.



Antigamente, bem antigamente em Bambuluá	
Duração:	110 minutos (Duas horas-aulas)
Objetivo:	Apresentar aos alunos o livro e autores que serão abordados nas aulas. Motivar os estudantes para a leitura do texto “A princesa de Bambuluá”.
Conteúdo:	Leitura
Competência:	9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às

	dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.
Habilidades:	BNCC(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infanto-juvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.
Procedimentos e métodos:	<p>O primeiro momento será de <i>Motivação</i> ao texto literário e levará em torno de 15 minutos. Para isso, a sala terá os livros que serão utilizados espalhados pelas carteiras, formando grupos, a ornamentação da sala será com elementos que remetem ao conto que será lido. Ao entrar em sala os alunos serão orientados a andarem pelo ambiente e olharem as imagens expostas, também serão questionados sobre o que acham que irá acontecer, através de algumas perguntas, tais como:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O que vocês perceberam de diferente na sala? 2. O que será que iremos fazer hoje? 3. Que tipo de história está nos aguardando? <p>É importante que a professora solicite que os alunos justifiquem as suas respostas. Tudo deve ser registrado pela professora em seu caderno de campo.</p> <p>Após esse momento, os estudantes serão convidados a sentarem-se em grupos já formados pelas carteiras, eles devem se sentir à vontade para ficarem nos grupos que desejarem, sem se preocuparem com o mapeamento de sala, porém cada grupo deve conter no máximo cinco integrantes, para que assim fique viável uma melhor organização.</p> <p>Logo após essas explicações, a professora irá entregar a cada aluno a letra impressa da canção “Bambuluá” e pedirá que cada um leia a letra em silêncio.</p>

Bambuluá, basta sonhar
 Que rapidinho você chega lá
 Bambuluá, basta sonhar
 Que a aventura já vai começar
 Misture todas as cores
 A mágica está pelo ar
 O tagat de vários sabores
 Agora imagine o lugar
 Bambuluá, basta sonhar
 Que rapidinho você chega lá
 Bambuluá, basta sonhar
 Que a aventura já vai começar
 No mundo de um sonhohoca
 Não pode faltar diversão
 Lá no chafariz de pipoca
 A chuva não chega no chão
 "Cidade boa, em cada esquina uma alegria
 No planeta da magia que estás em Bambuluá
 No arco íris do jardim dos pensamentos na curva
 Que faz o vento ter um mapa do lugar"
 Bambuluá, basta sonhar
 Que rapidinho você chega lá
 Bambuluá, basta sonhar
 Que a aventura já vai começar
 Se você quer alegria
 Já sabe aonde encontrar
 Convide os melhores amigos
 venha correndo pra Bambuluá!

Autoria: Lenine, participação de Angélica.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V56gRdCTG3E>. Acesso em: 16/03/2020.

Após a leitura da letra, a professora coloca a canção para ser ouvida pelos alunos. Em seguida realizará alguns questionamentos e solicita

que os estudantes registrem suas respostas em seus diários de leitura, logo depois deverá instigá-los a compartilharem oralmente suas respostas com os colegas.

- 1. Que lugar essa canção retrata?**
- 2. Como é esse lugar? Descreva-o.**
- 3. Você gostaria de visitar esse local? Por quê?**
- 4. Como você imagina que são as pessoas que vivem lá?**
- 5. Você gostaria de conhecer uma história sobre esse lugar encantado? Justifique sua resposta.**

Acabado o momento de *Motivação*, deve-se iniciar a *Introdução*, no qual os alunos serão orientados a pegarem os livros, folhearem e observarem seus detalhes, a professora perguntará o que eles acharam de diferente e interessante no livro, se alguns deles já viram ou leram algum parecido.

É interessante que a docente mostre os detalhes e chame atenção dos alunos para as ilustrações e títulos dos contos no sumário. Posteriormente, serão exibidos slides com as imagens e biografias da autora Ana Maria Machado e do escritor Luís da Câmara Cascudo. Os estudantes serão questionados se já leram algo da escritora, ou se já ouviram alguns daqueles contos em outros momentos.

Deverá haver também uma breve explicação sobre a importância do escritor Câmara Cascudo e a relevância dos seus estudos para a produção literária de Ana Maria Machado. Destacamos, que essa etapa não deve ser muito longa, 15 minutos são suficientes.

Ao final, a professora deve perguntar se os alunos desconfiam de qual texto será o primeiro a ser trabalhado nas oficinas. Espera-se que os estudantes comentem que será o conto “A princesa de Bambulúá”, por conta da canção que leram e ouviram anteriormente.

Logo após podem iniciar a leitura do conto de autoria de Ana Maria Machado. Esse momento pode ser intercalado entre leitura silenciosa e

	<p>leitura em voz alta, de forma voluntária cada aluno lê um parágrafo do conto, a professora também pode envolver-se na leitura e participar.</p> <p>Após esse momento, os alunos irão ler também o conto em sua forma tradicional, de autoria de Luís da Câmara Cascudo. É importante que a professora comente que os alunos irão ler o mesmo texto duas vezes, para observarem as semelhanças e diferenças existentes entre os dois.</p> <p>Muito provavelmente duas aulas não serão suficientes para lerem os dois textos, então os alunos serão orientados a continuarem a leitura em suas casas e anotarem as dúvidas que surgirem, seja em relação ao vocabulário utilizado, seja em relação ao contexto do enredo. Também, devem ser orientados a anotarem as semelhanças e diferenças que perceberam ao ler os dois textos, e enfatizar que tudo que eles observarem é válido.</p> <p>No encontro seguinte, a leitura continuará e daremos início a próxima etapa: a <i>Interpretação</i>.</p>
Recursos didáticos utilizados:	Livros, Caixa de som, notebook, projetor, material gráfico, cadernos de anotações.
Avaliação:	Participação dos alunos nas atividades.

5.1.4 Oficina 03: A chavinha de ouro



A chavinha de ouro	
Duração:	110 minutos (Duas horas-aulas)
Objetivo:	<p>Envolver-se em práticas de leitura literária.</p> <p>Analisar as referências explícitas e implícitas entre textos.</p>
Conteúdo:	Leitura e interpretação do conto “A princesa de Bambulú”.
Competência:	9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e

	<p>outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.</p>
Habilidades:	<p>BNCC (EF67LP27) Analisar, entre os textos literários e entre estes e outras manifestações artísticas (como cinema, teatro, música, artes visuais e midiáticas), referências explícitas ou implícitas a outros textos, quanto aos temas, personagens e recursos literários e semióticos.</p> <p>BNCC (EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infanto-juvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.</p>
Procedimentos e métodos:	<p>Nesse encontro iremos focar em sanar as dúvidas que possam ter surgido durante a leitura. Dúvidas em relação ao vocabulário utilizado ou ao contexto do enredo devem ser explicadas da melhor maneira possível, pois desta forma os alunos conseguirão compreender melhor aquilo que estão lendo.</p> <p>A professora deve verificar se todos realizaram as leituras em casa. Como sabemos da possibilidade de algum não ter concluído a leitura, é recomendável que a professora realize mais uma leitura em sala com os alunos, somente de um dos textos. E questione qual passagem do texto foi mais interessante, o que eles consideraram da leitura. A professora deve perguntar também quais diferenças os alunos perceberam em relação aos dois textos.</p> <p>Depois dessa arguição oral, a professora entregará uma atividade de interpretação escrita aos alunos, e solicitará que eles tentem responder sozinhos, sem interferência dos colegas.</p> <p>Essa atividade estará reproduzida em um papel dourado em forma de chave, fazendo referência à chavinha de ouro citada no conto.</p>

As perguntas presentes são as seguintes:

1. Qual seria a sua reação se entrasse em uma gruta e visse um rosto flutuante de uma mulher?

2. No início do conto de Ana Maria Machado há a seguinte expressão: “Antigamente, bem antigamente”. Qual efeito de sentido é provocado pelo uso dessa expressão?

3. Pontue as principais características do herói da história:

Físicas/Psicológicas

4. Na seguinte passagem do conto moderno, a princesa fala sobre sua chavinha de ouro: “se eu perdesse a chavinha de ouro do meu cofre de joias e encomendasse outra feiosa e nova para abrir mas, antes de experimentá-la, encontrasse a velha, verdadeira e querida, o que deveria fazer? Com qual deveria ficar? Com a sobressalente, só porque tinha sido encomendada?”. Quais reflexões podemos extrair dessas palavras?

5. Ao final do conto de Ana Maria Machado, a princesa dá uma resposta ao seu pretendente arranjado por sua família. Releia esse trecho e responda:

a) o que essa atitude revela em relação à personalidade da princesa?

b) no conto tradicional a resposta da princesa foi a mesma? O que você percebeu de diferente nessas respostas?

6. Quais as principais diferenças que você percebeu entre a versão tradicional e a versão moderna do conto, em relação:

a) à linguagem;

b) às atitudes dos personagens;

c) ao enredo;

	<p>7. Qual das duas versões você achou mais interessante? Justifique sua resposta.</p> <p>8. Qual passagem do conto você gostaria de destacar e por quê?</p> <p>9. Quais lições você aprendeu após a leitura dos contos?</p> <p>10. Imagine que você tem o poder de modificar alguns acontecimentos dentro do conto, o que você mudaria? E por quê?</p>
Recursos didáticos utilizados:	Livro, material gráfico, pincel para quadro branco, cadernos de anotações.
Avaliação:	A avaliação acontecerá por meio da participação dos alunos.

5.1.5 Oficina 04: Adivinha, Adivinhão. Arriscando a sorte então!

Essa oficina foi composta por três etapas da sequência proposta por Cosson (2016): Motivação, Introdução e início da Leitura. A continuação da etapa de Leitura e a interpretação ocorrerão na oficina seguinte.

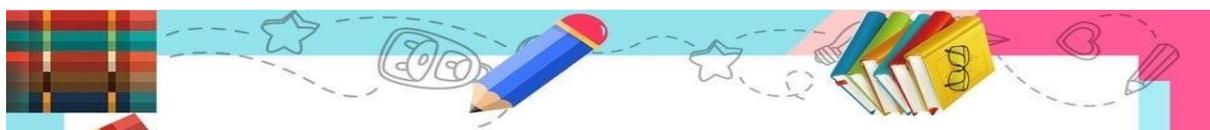


Adivinha, Adivinhão. Arriscando a sorte então!	
Duração:	110 minutos (Duas horas-aulas)
Objetivo:	Envolver-se em práticas de leitura literária.
Conteúdo:	Motivação e leitura do conto “Adivinha, Adivinhão”.

Competência:	9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.
Habilidades:	BNCC(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infanto-juvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.
Procedimentos e métodos:	<p>Nesse encontro daremos início à abordagem do conto “Adivinha, adivinhão”. Para isso, iremos ornamentar a sala com diversos cartazes que contenham adivinhações populares, o famoso “o que é? O que é?.”</p> <p>Então, orientaremos que os alunos andem pela sala e observem as adivinhações que estão nos cartazes. A professora motivará os alunos a escolherem um cartaz e pensarem sobre a resposta daquela adivinhação. Cada aluno participará desse momento de forma voluntária, enquanto isso, a professora deve registrar em seu caderno quais as reações dos alunos, e quais as impressões que eles tiveram nesse primeiro momento. Após isso, fará os seguintes questionamentos aos alunos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Vocês gostam de adivinhações? Por quê? 2. Vocês costumam ter dificuldade em decifrar as adivinhações? 3. Vocês gostariam de conhecer um homem que tirou a sorte grande depois de uma adivinhação? <p>Nesse momento os alunos serão convidados a iniciarem a leitura do conto, começando pela versão Moderna de Ana Maria Machado. Primeiramente, uma leitura silenciosa, depois iremos ler cada parágrafo, um aluno por vez,</p>

	<p>em voz alta, somente aqueles que se sentirem confortáveis para tal atividade. Mas, é importante que a professora motive para que todos participem.</p> <p>Após a leitura dos primeiros parágrafos a professora deverá fazer alguns questionamentos orais tais como:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Será mesmo que esse homem é um adivinhão de verdade? • Será que ele está fingindo ou realmente tem esse dom? O que vocês acham? <p>Vale ressaltar que esses momentos de instigação são bastante importantes para manterem a atenção dos alunos ativa. As observações apontadas pelos alunos devem ser registradas no caderno de campo da professora e nos diários de leitura dos estudantes.</p> <p>Após a leitura do conto moderno os alunos irão iniciar a leitura do conto tradicional, na versão de Câmara Cascudo. Provavelmente, a leitura deverá ser prosseguida em casa, dessa forma, os alunos são orientados a anotarem dúvidas que surgirem para serem sanadas no próximo encontro.</p>
Recursos didáticos utilizados:	Livro, material gráfico, cartazes para ornamentação, cadernos de anotações.
Avaliação:	A avaliação acontecerá por meio da participação dos alunos.

5.1.6 Oficina 05: O roubo da coroa do rei



O roubo da coroa do Rei	
Duração:	110 minutos (Duas horas-aulas)
Objetivo:	Envolver-se em práticas de leitura literária.
Conteúdo:	Leitura e interpretação do conto “Adivinha, Adivinhão”.

Competência:	9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.
Habilidades:	BNCC(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infanto-juvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.
Procedimentos e métodos:	<p>Nesse encontro acontecerá a etapa de interpretação sobre o conto. Antes de iniciar, a professora deve sanar novamente quaisquer dúvidas que tenham surgido sobre a leitura do texto. Também é bom averiguar se todos realizaram a leitura do conto e se sabem realmente do que se trata o enredo. Após esse momento, a professora deve organizar os alunos em equipes, de no máximo, cinco integrantes.</p> <p>Cada equipe receberá um jogo de tabuleiro - esse jogo pode ser confeccionado pela professora através de aplicativos de formatação, como o CANVA, ou até mesmo no Word. Porém, será interessante também que os alunos possam participar dessa confecção, cada um organizando as partes e etapas do jogo, fazendo com que se interessem mais ainda pela dinâmica.</p> <p>O jogo é composto por figuras que remetem a elementos presentes no conto lido e com algumas adivinhações de nível simples. O propósito do jogo é</p>

chegar até um baú mágico, que irá conter perguntas relacionadas a compreensão da história lida.

Vale ressaltar que para avançar no caminho, os alunos precisam jogar os dados e acertar as adivinhações que aparecem para só então terem acesso ao baú e, conseqüentemente, às perguntas sobre o texto. Para cada adivinhação errada, eles voltam uma casa. Todas essas instruções estarão registradas em cartas, que serão entregues para cada responsável da equipe, que chamaremos de **mestre**, nas quais deverão ser lidas em voz alta para todos da equipe.

O mestre auxiliará a professora durante o jogo, quando algum integrante da equipe chegar até o baú mágico a professora disponibilizará a carta com as perguntas de interpretação. A docente deve estipular um tempo necessário para que os estudantes registrem suas respostas em seus diários de leitura. É um momento de descontração, e ao final da brincadeira as equipes irão receber um mimo da professora, que fica a seu critério. Dessa forma, o momento da interpretação além de significativo também fica divertido.

Como cada equipe é composta por 4 integrantes e cada um irá jogar os dados, então é necessário que em cada caminho existam quatro adivinhações, para que assim todos possam participar e que sobre perguntas caso alguém não avance no jogo.

Segue sugestões de instruções, adivinhações e perguntas presentes no jogo:

INSTRUÇÕES

O objetivo deste jogo é chegar ao baú mágico do rei, dentro dele há informações importantes sobre o texto que vocês acabaram de ler. Mas não pense que será fácil! Em cada caminho você terá que responder algumas adivinhações que o senhor Adivinhão separou para a gente! Quer saber como?

1º passo: jogue o dado que o mestre te entregou, conforme o número que sair você andará na trilha do tabuleiro.

2º passo: chegando ao local, o mestre do jogo irá solicitar que você escolha uma das 4 cartas que ele possui.

3º passo: após escolher a carta, leia em voz alta a sua adivinhação e responda o mais rápido possível.

4º passo: se acertar a adivinhação, você avança no jogo, se errar, você terá que ficar UMA rodada sem jogar.

Não vale ter ajuda dos colegas, tá?

Tá curioso? Então, vamos nessa!

As instruções devem ser lidas em voz alta pelo mestre do jogo.

ADIVINHAÇÕES	ADIVINHAÇÕES
O que é, o que é? Dá muitas voltas e não sai do lugar.	O que é, o que é? Corre a casa inteira e depois vai dormir num canto.
O que é, o que é? Tem cabeça e tem dente, não é bicho e nem é gente.	O que é, o que é? Tem pernas, mas não anda; tem braços, mas não abraça.
O que é, o que é? Anda com os pés na cabeça.	O que é, o que é? Caminha sem pés, voa sem asas e pousa onde quiser.
O que é, o que é? Tem no meio do ovo.	O que é, o que é? Céu que não possui estrelas.
O que é, o que é? Todo mês tem, menos abril.	O que é, o que é? Tem uma perna longa, uma curta e anda sem parar.
O que é, o que é? Pode passar diante do sol sem fazer sombra.	O que é, o que é? Quanto mais se tira mais se tem.
O que é, o que é? Feito para andar e não anda.	O que é, o que é? É verde e não é planta, fala e não é gente.
O que é, o que é? Quanto mais se tira mais se aumenta.	O que é, o que é? Corre em volta do pasto inteiro sem se mexer.

	O que é, o que é? Fica cheio durante o dia e vazio durante a noite.	O que é, o que é? Não tem olhos, mas pisca; não tem boca, mas comanda.
	O que é, o que é? Fica no início da rua, no fim do mar e no meio da cara.	O que é, o que é? A areia disse para o mar.
	O que é, o que é? O tomate foi fazer no banco.	O que é, o que é? É meu, mas meus amigos usam mais do que eu.
	O que é, o que é? Tem 5 dedos, mas não tem unha.	O que é, o que é? A fechadura disse para a chave.
	O que é, o que é? Anda com a barriga para trás.	O que é, o que é? O pé mais rápido.
	O que é, o que é? Tem mais de dez cabeças e não sabe pensar.	O que é, o que é? Trabalha tempo dobrado, sempre de noite e de dia. Se teima em ficar parado, só com uma corda andaria.
	O que é, o que é? Enche uma casa, mas não enche uma mão.	O que é, o que é? De dia fica no céu e à noite fica na água.
	O que é, o que é? Nasce a socos e morre a facadas.	O que é, o que é? Dá um pulo e se veste de noiva.
	O que é, o que é? Quanto maior menos se vê.	O que é, o que é? Uma minhoca com sono.
	O que é, o que é? O bicho que anda com as patas.	O que é, o que é? Destroí tudo com três letras.
	O que é, o que é? Entra na água e não se molha.	O que é, o que é? Nasce grande e morre pequeno.
	O que é, o que é? Num instante se quebra quando se diz o nome dele.	O que é, o que é? O lugar que todos podem se sentar, menos você.
	O que é, o que é? Cai de pé e corre deitado.	O que é, o que é? Eles são dois vizinhos, mas um não vai à casa do outro e os dois não se veem por causa de um morrinho.
	O que é, o que é? Quando a gente fica em pé, ele fica deitado, e quando a gente deita, ele fica em pé.	O que é, o que é? É do tamanho de uma bolota, mas enche a casa até a porta.
	O que é, o que é? Tem coroa, mas não é rei; tem espinho, mas não é peixe.	O que é, o que é? É irmã da minha tia e não é minha tia.
	O que é, o que é? De dia tem quatro pés e de noite tem seis.	O que é, o que é? Todas as mães têm. Sem ele não tem pão. Some no inverno e aparece no verão.
	O que é, o que é? Anda deitado e dorme em pé.	O que é, o que é? Nós matamos quando está nos matando.

O que é, o que é? Quanto mais se perde mais se tem.	O que é, o que é? Tem coroa, mas não é rei; tem raiz, mas não é planta.
O que é, o que é? Nunca passa e sempre está na frente.	O que é, o que é? Pode ser aberto, mas nunca fechado.
O que é, o que é? Tem dentes e não come.	O que é, o que é? Compram para comer, mas nunca comem.
O que é, o que é? Tem oito letras e tirando metade ainda ficam oito.	O que é, o que é? Não tem vida, mas pode morrer.
O que é, o que é? Tem um palmo de pescoço, tem barriga e não tem osso.	O que é, o que é? Todo nariz tem na ponta.
O que é, o que é? Quebra quando se fala.	O que é, o que é? Tem barba e não é bode, tem dente e não morde?
O que é o que é? Voa sem ter asas e chora sem ter olhos.	O que é, o que é? Quando mais quente está, mais fresco é.
O que é, o que é? É surdo e mudo, mas conta tudo.	O que é, o que é? Ele morre queimado, ela morre cantando.
O que é, o que é? Sobe quando a chuva desce.	O que é, o que é? Cai, mas não se machuca.

Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/adivinhas/>. Acesso em: 20/03/2020.

Cada caminho do jogo deverá conter quatro cartas com UMA adivinhação em cada uma delas. As cartas ficarão com o mestre do jogo, juntamente com o gabarito.

É importante que a professora fique observando as equipes durante todo o processo.

PERGUNTAS

1. Após a leitura do conto você considera que esse homem é mesmo um adivinho? Justifique sua resposta.
2. Qual foi a artimanha que o homem utilizou para descobrir quem roubou a coroa do rei?
3. Depois de ler os dois contos, na versão tradicional e na versão moderna, qual você considerou mais interessante na hora da leitura e por quê?

	<p>4. Quais ensinamentos você poderia citar com a leitura dessa história?</p> <p>5. Agora é com você: escolha a versão que você achou mais interessante do conto lido em sala. Depois escolha um momento dessa história que você considera que poderia modificar. Reescreva esse trecho que você escolheu da maneira que achar melhor.</p>
Recursos didáticos utilizados:	Livro, material gráfico, pincel para quadro branco, cadernos de anotações.
Avaliação:	A avaliação acontecerá por meio da participação dos alunos.

5.1.7 Oficina 06: Um conto me disse.

Essa última oficina será uma culminância com o objetivo de expor para a comunidade escolar os produtos e análises que os alunos realizaram durante todos os encontros. Para isso, fica como sugestão organizar um momento especial para que ocorra o evento, como por exemplo, uma manhã de autógrafos com todos os alunos participantes. Na qual será descrita abaixo:



CULMINÂNCIA: UM CONTO ME DISSE	
Duração:	55 minutos (Uma hora-aula)
Objetivo:	Expor oralmente as experiências vividas durante a aplicação das oficinas. Reunir familiares e comunidade escolar para prestigiar os trabalhos desenvolvidos pelos alunos.
Conteúdo:	Apresentação Oral. Exposição dos trabalhos.
Competência:	9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às

	<p>dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.</p>
<p>Habilidades:</p>	<p>BNCC (EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.</p> <p>BNCC (EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, <i>slams</i>, canais de <i>booktubers</i>, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros. Quando possível, tecendo comentários de ordem estética e afetiva, justificando as apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, <i>blogs</i> e redes sociais, utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, <i>vlogs</i> e <i>podcasts</i> culturais (literatura, cinema, teatro, música), <i>playlists</i> comentadas, <i>fanfics</i>, <i>fanzines</i>, <i>e-zines</i>, <i>fanvídeos</i>, <i>fanclipes</i>, <i>posts</i> em <i>fanpages</i>, <i>trailer</i> honesto, vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs.</p>
<p>Procedimentos e métodos:</p>	<p>Nesse encontro, os alunos irão expor suas experiências durante a realização das oficinas. A professora ornamentará a sala de aula de uma maneira que fique organizada e propícia a receber a comunidade escolar para visitação. Nas paredes ficarão expostas frases dos alunos que foram ditas durante as conversas e leituras realizadas, juntamente com fotos dos estudantes em momentos de aprendizado.</p> <p>Antes desse último encontro, os próprios alunos confeccionarão os convites para esse momento especial, que eles consideram ser uma manhã de prestígio e gala, com todos vestidos a caráter para a ocasião. Os pais ou responsáveis poderão ser convidados a comparecer.</p> <p>Os alunos ficarão divididos em grupos para facilitar a exposição do que irão falar. Cada aluno deve contar, em poucos minutos, o que achou da</p>

	<p>experiência desenvolvida em sala, o que aprendeu, o que sentiu e o que vai levar como aprendizado para a vida com aqueles momentos.</p> <p>Ao final, os estudantes autografarão o livrinho que eles produziram. Esse livro deve ser um apanhado dos relatos que eles fizeram ao longo das oficinas, cada aluno terá um texto seu exposto no livro. A esse momento demos o nome de “manhã de autógrafos”.</p> <p>Vale ressaltar que o livro produzido terá exemplares deixados na biblioteca da escola e cada estudante poderá levar o seu para casa como lembrança.</p>
Recursos didáticos utilizados:	Papel colorido e cartolinas, fitas adesivas, fotografias dos estudantes, material gráfica para ornamentação, projetor, caixa de som.
Avaliação:	A avaliação acontecerá por meio da participação dos alunos.

5.2 RESULTADOS E DIVULGAÇÃO DOS ESTUDOS

Os resultados da presente pesquisa serão divulgados para os participantes envolvidos no estudo e para a gestão da Escola Municipal de Ensino Fundamental do Jatobá, e apresentados à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, ao Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, sob forma de apresentação e defesa de dissertação de mestrado. Espera-se que os participantes, logo após o período de análise e oficinas, consigam aprimorar suas habilidades leitoras, principalmente em relação ao texto literário, para que assim consigam ler de forma mais autônoma e crítica. Além do mais, proporcionar que esses estudantes percebam a importância de seus papéis enquanto sujeitos inseridos na sociedade, vivenciando práticas mais significativas no que se refere à leitura.

Vale ressaltar que diante do cenário atual, em que não só o Brasil, mas o mundo inteiro, encontram-se em meio a uma Pandemia do Novo Coronavírus que se alastrou em nosso país oficialmente no começo do ano de 2020. Tivemos que nos readaptar, não só no âmbito pessoal de cada um, mas também na vida profissional e acadêmica. Por esse motivo, tivemos que elaborar oficinas de caráter propositivo, visto que as aulas presenciais ficaram suspensas por todo o país. Alguns estados estão voltando aos poucos à retomada das aulas, porém, o Estado

do Ceará, local de aplicação da pesquisa, ainda encontra-se com as aulas presenciais suspensas na rede pública de ensino.

Por causa disso, as oficinas foram propostas de forma que possam auxiliar o professor na elaboração de suas atividades, com o intuito de tornar as aulas de leitura mais significativas, tanto para o aluno quanto para o educador. Devemos destacar ainda que a possibilidade de uma aplicabilidade à distância não está descartada, tendo em vista que podemos adaptar as proposições das oficinas para o formato que for mais viável, sendo presencial ou remoto, as oficinas conseguem ser aplicadas de forma exitosa e trarão bons resultados à prática leitora dos alunos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, com viés propositivo, teve como finalidade elaborar uma proposta de oficinas pautada na sequência básica de Cosson (2016), tendo o foco em ampliar o Letramento Literário dos alunos de uma turma do 6º ano do ensino fundamental. Nossa busca foi por dois objetivos principais: promover o gosto pela leitura literária nos alunos do sexto ano do ensino fundamental e propor uma intervenção didática, utilizando estratégias para o ensino da literatura, para que os alunos desenvolvam uma leitura crítica dos textos literários. Para atingir tais objetivos optamos pelo gênero conto, com o qual planejamos e elaboramos as oficinas.

A escolha por tal gênero aconteceu porque durante as aulas de leitura, a professora pesquisadora detectou que os alunos tinham um perfil que mostrava constante encantamento com tais narrativas, sempre perguntando sobre os textos e mostrando-se curiosos com a abordagem em sala. Talvez, tal encantamento surja com mais facilidade ao olhar das crianças porque o conto não tem obrigação com a realidade vivida, nesse espaço podemos deixar a imaginação fruir, como afirma Gotlib

Há textos que têm intenção de registrar com mais fidelidade a realidade nossa. Mas a questão não é tão simples assim. Trata-se de registrar *qual* realidade nossa? a nossa cotidiana, do dia-a-dia? ou a nossa fantasiada? Ou ainda: a realidade *contada* literariamente, justamente por isto, por usar recursos *literários* segundo as intenções do autor, sejam estas as de conseguir maior ou menor fidelidade, não seria já uma invenção? não seria já produto de um autor que as elabora enquanto tal? (GOTLIB, 2004, p. 8)

Diante da face lúdica que o conto pode nos apresentar foi que surgiu o interesse de abordá-lo nas oficinas dessa pesquisa, acreditamos que dessa forma será mais prazeroso a aplicação da sequência básica, as atividades propostas foram pensadas com o intuito dos alunos se sentirem livres para esboçarem suas ideias e interpretações em relação aos textos, além de expressarem-se através da arte que eles poderiam produzir durante as aulas.

Outro ponto importante é que o estudo dos contos nas oficinas poderá contribuir com a intertextualidade dos discentes, uma vez que eles terão que reconhecer o diálogo existente entre a versão mais arcaica do texto e a versão contemporânea, além de analisar o contexto e a linguagem que ambos utilizam, isso se torna essencial para a ampliação da compreensão leitora e conhecimento de mundo dos alunos.

Entendemos que construir uma comunidade leitora e inserir com mais efetividade o letramento literário nas aulas de língua portuguesa, exige que o profissional se debruce em estratégias que ganhem o interesse do alunado, tendo em vista que as crianças e os adolescentes de nossa era são considerados nativos digitais, em que são atraídos para a leitura que está disponível nos aparatos tecnológicos de avançada geração. Assim, cabe ao professor lançar-se com métodos em sala de aula que também desperte a atenção do discente para a leitura de textos de nossa literatura brasileira. Nesse sentido, a proposta deste trabalho, propõe-se como uma alternativa para isso.

Mesmo que encontremos muita resistência por parte dos alunos em querer usufruir mais dos meios da tecnologia digital, que dispõe de infinitas possibilidades atrativas, devemos tentar alinhar essas novas descobertas técnicas com o mundo mágico da leitura literária. Percebemos que isso também se tornou rotina com a recente inserção, cada vez mais ampla das aulas remotas, devido ao contexto pandêmico em que vivemos, o que se não for bem direcionado, pode contribuir para o aumento da apatia por parte dos alunos ao que se refere ao ensino da leitura. Além disso, muitos educadores não se sentem confortáveis em trabalhar o texto literário em sala de aula, não por falta de interesse, mas muitas vezes por falta de conhecimento. E este desafio atualmente acaba se tornando duplo: trabalhar o texto literário em sala e trabalhar com o texto de forma remota, buscando êxito nas duas maneiras.

Sabemos que para enfrentar tais desafios, não devemos nos deter somente nos conhecimentos sobre os estudos literários que a academia nos proporciona. Além disso, nesse novo cenário, que exige estarmos sempre habilitados com os aparatos tecnológicos, o educador sente-se na obrigação de se moldar, um caminho que muitas vezes é bastante solitário.

Temos convicção de que somente o docente ou a escola não vão conseguir transformar essa realidade sozinhos, é necessário um apoio mais amplo de todas as instâncias governamentais, com mais investimentos na educação, continuidade e ampliação de políticas públicas voltadas à leitura.

Após nossos estudos podemos assegurar que a temática sobre o letramento literário é complexa, principalmente se não tivermos base desses conhecimentos e uma formação continuada que possa ampliar nossa visão, enquanto mediadores de leitura, pois isto é essencial para que possamos formar novos leitores, críticos e com autonomia. Por esse motivo, nossa pesquisa tem o intuito, por mais humilde que seja, de contribuir para que professores e professoras consigam ampliar mais os seus conhecimentos sobre os estudos do letramento.

Vale ressaltar que nossa proposta de caráter propositivo está respaldada pela resolução 0003/2020 de 02 de junho de 2020, do Conselho Nacional do Programa de Mestrado

Profissional em Letras (PROFLETRAS). Tal intervenção, ao trazer oficinas baseadas na proposta de Sequência Básica de Cosson (2016) de forma clara, objetiva e lúdica, contribui de maneira positiva com a abordagem do texto literário em sala de aula, para que possamos dar mais subsídios para as atividades desses profissionais. Deixamos nossa sequência de atividades com o desejo de que ela seja aplicada e ampliada pelos docentes, e que façam as adaptações que acharem necessárias, conforme a realidade de cada um, principalmente agora em um contexto de aulas com o sistema híbrido. Nossas oficinas facilmente conseguirão ser readaptadas para aulas remotas, ou como o educador desejar.

Portanto, esperamos que com os estudos desenvolvidos durante nossa pesquisa e com a proposta de letramento literário que elaboramos com afinho e muito carinho, os educadores que tiverem acesso a este estudo, consigam desenvolver, ampliar e aplicar seus conhecimentos sobre o tema, de forma bastante exitosa. Além de poder contribuir com a formação de seus discentes, tornando-os leitores assíduos, questionadores de suas realidades, indivíduos que se reconheçam como sujeitos protagonistas dentro da sociedade em que estão inseridos, e que possam vivenciar esses papéis sociais com criticidade e autonomia.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, R.M.S.; BATISTA-SANTOS, D. V. **As estratégias de leitura na formação e no desenvolvimento de acadêmicos indígenas**. Travessias, Cascavel, v. 11, n. 3, p. 20-38, dezembro, 2017. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/16922>. Acesso em: 25 de jan. 2020.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília; MEC/SEF, 1998. 144p.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: 13 dez 2019.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- CÂNDIDO, A. Direitos Humanos e literatura. In: A.C.R. Fester (Org.) **Direitos Humanos E...** Cjp/Ed. Brasiliense. 1989.
- CÂNDIDO, A. **Vários escritos** 6 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.
- CAGLIARI, Luís Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. São Paulo: Global, 2012.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos tradicionais do Brasil**. São Paulo: Global, 2014.
- CASCUDO, Luís da Câmara. O folclore está vivo. [abr. 1972]. Entrevistador: Dailor Varela. VEJA, São Paulo, p.3-5, edição 189, 19 abr. 1972a.
- COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**. São Paulo: Global, 2003.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2016.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.
- COSSON, Rildo. “Letramento Literário” In: _____. **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**, Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento-literario>>. Acesso em: 21 jan. 2020.
- DALVI, Maria Amélia. **Literatura na escola: proposta didático-metodológica**. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita. **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2002.

GOTLIB, Nádya Batellla. **Teoria do conto**. 10 ed. São Paulo: Ática, 2004.

IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) Disponível em: <<https://www.qedu.org.br/escola/63104-emef-jatoba/ideb>>. Acesso em: 23 mar. 2020.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL (org.). **Retratos da leitura no Brasil**. 5. ed. Brasil: IBOPE Inteligência, 2020. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/apresentacao/>. Acesso em: 15 março 2021.

JOUVE, V. **Por que estudar literatura?** Tradução de Marcos Bagno; Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

MACHADO, Ana Maria. **Histórias à brasileira: A donzela guerreira e outras**. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.

MACHADO, Ana Maria. A princesa de Bambuluá. *In: Histórias à brasileira: A donzela guerreira e outras*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.

MACHADO, Ana Maria. Adivinha, adivinhão. *In: Histórias à brasileira: A donzela guerreira e outras*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.

MACHADO, Ana Maria. **Ponto de fuga: conversa sobre livros**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MARIA, Luzia de. **O que é conto**. São Paulo/SP: Brasiliense, 2004. 135 p. ISBN 85-11-01135-8.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura**. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2013.

KOCH, Igedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2011.

PAIVA, Aparecida, EVANGELISTA, Aracy, PAULINO, Graça, VERSIANI, Zélia (orgs). **Literatura e letramento - Espaços, Suportes e Interfaces - O Jogo do Livro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PAGANINI, M; DALAI, R. **Histórias bem-contadas: contos da tradição popular brasileira: manual do professor**. 1. ed. – Londrina: Madrepérola, 2018.

ROJO, Roxane. **Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 127 p.

SOARES. M. B. **Letramento, um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.

SOARES, M. **Letramento e Alfabetização: as muitas facetas**. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 25, p. 5-17, abril de 2004. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>> Acesso em: 20 de jan. 2020.

SOARES, M. **Leitura e democracia cultural**. In. PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (Orgs.) Democratizando a leitura: pesquisas e práticas. Belo Horizonte: Ceale; Autentica, 2008.

SOARES, M. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2014.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Trad. Claudia Schilling. 6. Ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SILVA, Ezequiel T. da. **A Produção de Leitura na Escola, Pesquisas e Propostas**. São Paulo: Ática, 2004.

TFOUNI, L. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo, Cortez: 2005.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986.

TZVETAN, Todorov. **A literatura em perigo**. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010. 96 p.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em:<<https://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>> Acesso em: 25 de fev. 2020.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

ANEXOS

Anexo A - CONTOS TRABALHADOS NAS OFICINAS

A PRINCESA DE BAMBULUÁ

Ana Maria Machado

Antigamente, bem antigamente, quando não havia automóveis nem trens, se as pessoas queriam viajar por terra, iam a pé ou a cavalo, andando ou cavalgando por estradas de terra. Ou então viajavam em carroças, carros de boi, charretes, carruagens, diligências e outros veículos puxados por animais. Isso levava muito tempo. Se a viagem fosse longa, nem sempre encontravam hotéis, pensões, estalagens ou tabernas à beira da estrada quando a noite chegava. Muitas vezes, era preciso dormir ao lar livre, junto a uma fogueira, debaixo de uma árvore. Ou procurar um monte de feno. Com sorte, uma gruta que protegesse do frio e da chuva.

Esta história começa num lugar assim. Uma caverna grande numa pedreira ao lado da estrada que ligava duas cidades de um reino. Não era muito funda, mas tinha o pé-direito alto, e o chão era liso, bem plano. Parecia mesmo um bom pouso para se pernoitar.

Apesar de ser uma gruta bastante jeitosa, tinha uma fama horrível. Todo mundo dizia que era mal-assombrada. Por isso, a maioria dos viajantes preferia se desviar da caverna, rodeando a serra onde ficava a pedreira. Contavam que, quando alguém dormia por lá, uma voz chorosa pedia socorro:

— Por favor, ajude a desencantar a princesa do Bambuluá!

Alguns viajantes fortes e corajosos bem que haviam tentado. Mas se meteram em alguma situação tão perigosa que nem queriam falar nisso. Só saíram correndo, espantados e tremendo, cobertos de sangue. Nenhum deles parou ou voltou para contar o que tinha acontecido. E o lugar seguia com sua fama de ameaçador e misterioso.

Um dia, veio pela estrada um viajante magrelo e fracote. Vinha andando havia muitos dias. Estava tão faminto e cansado que nem aguentava mais andar. Sabia que aquela gruta era mal-assombrada, mas já não tinha forças para se desviar dela. Achou que podia dormir por ali, apesar dos perigos misteriosos. Pensou que, se não entrasse na caverna, não iria lhe acontecer nada.

Sentou-se numa pedra em frente à entrada, respirou fundo, tirou as botinas, as meias, esticou os dedos dos pés. Ia se preparando para tirar o casaco e enrolá-lo para fazer um travesseirinho quando ouviu uma voz suave que vinha lá de dentro da gruta:

— Por favor, ajude a desencantar a princesa do Bambuluá!

Olhou e viu lá dentro o rosto de uma moça linda. Só o rosto, solto no meio da parede de pedra, pedindo:

— Por favor, ajude a desencantar a princesa de Bambuluá! Será que você consegue?

Ele foi sincero:

— Pode ser que sim, pode ser que não. Até posso tentar. Mas, cansado do jeito que estou, não consigo nada. Primeiro tenho que comer, beber e dormir. Depois, quem sabe?

— Então entre — disse a voz.

Ele entrou na gruta, viu uma tina com água morna e clarinha para tomar banho. E uma cadeira com uma muda de roupa em cima. E uma mesa posta, com comida farta, água e café. Bebeu, tomou banho, comeu. Depois, reparou que havia uma rede armada num canto. Deitou-se e dormiu.

Quando acordou, já era de tarde e sol estava quase se pondo. Na mesa, novamente havia bebida fresca e comida quentinha. O magrelo achou aquilo ótimo. Não estava acostumando com essas mordomias. Tronou a comer e beber. Em seguida, apareceu de novo o rosto da moça bonita e de voz doce, que lhe disse:

— Quer mesmo me ajudar?

— Vou tentar.

— Então vou lhe dizer o que você terá de fazer. Está vendo aquela árvore no alto da serra? Vá para lá. À meia-noite, deite-se debaixo dela. Não se levante para nada, aconteça o que acontecer. Se ficar muito difícil, role morro abaixo e, quando chegar aqui, estará a salvo.

O rapaz depressa entendeu que, para estar lá antes da meia-noite, ia precisar começar logo a subir a montanha que se erguia por cima da gruta. Despediu-se da aparição e tomou seu caminho.

Chegou no alto do ponto antes da meia-noite. Mal tinha se deitado debaixo da árvore, reparou que havia três sujeitos encapuzados e enrolados numas capas escuras ali ao lado, conversando:

— Há muito tempo que não aparece por aqui nenhum valentão querendo se meter a nos enfrentar.

— Deve ter sido porque os outros contaram sobre a coça que levaram...

Começaram a rir. Nisso, um deles esbarrou com o pé no viajante deitado no chão:

— Oba! Hoje tem alguém! Vamos mostrar nossa força a ele!

— Surra! Surra! Surra! — gritaram os outros dois.

Na mesma hora, tiraram das capas uns porretes e começaram a bater no rapaz, que continuava deitado, como a voz do rosto recomendava. Os vultos avançaram sobre ele, dando-lhe pontapés e o empurrando. Mas ele deu um jeito de chegar até à beirada do morro e sair rolando.

Os sujeitos vieram atrás, zombando dele:

— Mas que fracote! Como é que pesou que podia nos enfrentar?

— Um magrelinho à toa!... Achou que ia se dar bem quando todos os fortes fracassaram?

— Seu ossudo! Vamos lhe partir todo o esqueleto!

Os homens gritavam, e ele rolava, sem se levantar, por cima de plantas e pedregulhos, espinhos e galhos secos. Os sujeitos corriam atrás, sempre ameaçando. Vieram assim até chegar à entrada da gruta. No mesmo instante, os mascarados desapareceram, e ele viu, lá dentro da caverna, o rosto e também o colo da moça. Uma terça parte dela já tinha desencantado.

Todo machucado, o viajante ouviu sua voz doce:

— Vamos tratar de você. Descanse quantos dias precisar.

Ele fechou os olhos e dormiu. Quando acordou, estava na rede. Ao lado, a mesa posta para ele comer e beber. Serviu-se e dormiu mais. Isso se repetiu por dois ou três dias.

Depois desse tempo, a princesa do Bambuluá apareceu de novo — com seu terço do corpo desencantado.

— Quer ir desencantar mais um pedaço de mim? Eles vão te bater mais ainda...

— Quero tentar — respondeu o magrelo.

Ele foi, e aconteceu tudo igualzinho. Quando os vultos perceberam que havia alguém deitado debaixo da árvore, começaram a lhe dar pontapés. E, quando viram que era o mesmo fracote ossudo da outra vez, ficaram com muita raiva e foram ainda mais brutos.

Mas ele não reclamou. Nem gemeu. Só tratou de rolar o mais depressa que podia, por cima das plantas e pedregulhos, espinhos e galhos secos, até chegar à entrada da gruta. Na mesma hora, os malfeitores sumiram.

E ele viu, lá dentro da caverna, que mais uma terça parte da moça tinha desencantado. Agora só faltavam as pernas. E cada vez ela lhe parecia mais linda e elegante.

Dessa vez, o rapaz estava tão machucado que foram precisos uns dez dias para ele se recuperar. O tempo todo a princesa cuidava dele. Até que ela perguntou:

— Quer ir desencantar o último pedaço de mim? Eles devem estar com muita raiva. Ninguém até hoje conseguiu ir duas vezes até lá, quanto mais três. Vão te bater mais ainda...

— Não custa nada tentar — respondeu o magrelo. — Se ninguém chegou até aqui e eu consegui, é mais uma razão para eu não desistir.

Dessa vez, os três fantasmas que assombravam a árvore ficaram mesmo furiosos. Tinham se preparado, levaram um monte de espetos, pedras, cacos de vidro. O rapaz ficou parecendo um paliteiro, e nem conseguia rolar, porque a cada volta se espetava mais. Mas mesmo assim, devargazinho, foi tentando.

Quando o dia raiou, ainda não tinha conseguido rolar até a entrada da gruta. Mas já estava bem perto, só que tão machucado que nem podia sair do lugar.

Com a luz do sol, os fantasmas sumiram e a princesa saiu da caverna. Vinha toda desencantada, correndo em sua direção. Linda e feliz. Começou a tratar dele ali mesmo, e o ajudou a entrar na gruta.

Durante um mês, ainda ficaram por lá, muito amigos. A princesa cuidou do magrelo até ele ficar bem bom — e menos fracote. Até que um dia ela revelou:

— Eu quero casar com você.

— Eu também quero casar com você — disse ele —, mas nem vou me meter a propor uma coisa dessas, porque não tenho sangue real.

— Não faz mal. Mesmo que não seja príncipe, você é um homem bom, corajoso, bonito. E não é gabola nem metido a besta. Pode perfeitamente ser meu marido. É só se preparar...

— Como assim? Já não desencantei você? Ainda precisa de mais preparativo?

— Eu antes de ir ao meu Reino do Bambuluá fazer uma porção de coisas que interrompi porque estava encantada. Enquanto isso, vou deixar você na casa de uma velha professora, muito sábia, numa cidade aqui perto. Quero que você estude bastante e se prepare para um dia poder ser um bom rei. Daqui a cinco anos, eu venho uma vez por ano, para matarmos a saudade. Mas só poderei ficar poucas horas. Quero que você me espere, sem se esquecer de mim.

— Prometo — garantiu ele. — Eu não vou me esquecer de você nunca, nem deixar de amá-la. Só vou sentir muita saudade.

— Se algum dia a saudade apertar tanto que você ache que não vai aguentar, experimente afrouxar assim a saudade, está vendo? Soltando um pouco este cordãozinho encantado — disse a princesa.

E amarrou uns fiozinhos transparentes em volta do pulso dele. Depois, deixou o magrelo na casa da velha professora e foi para Bambuluá.

No mesmo dia, ele começou a estudar tudo o que podia.

Era tão inteligente e tão bom aluno que a mestra ficou impressionada. E era também bonito, tinha boa índole, uma alma nobre. Um partidão.

Ora, a mulher tinha três filhas, prendadas e bonitas. Era difícil arranjar para elas noivos à altura. Ela não podia perder a oportunidade de segurar um rapaz como aquele — que caíra do

céu em sua casa, pensava. A princesa do Bambuluá tinha muitas outras escolhas, não lhe faltariam príncipes, duques e marqueses. Talvez ela até se esquecesse do moço...

Mas, por via das dúvidas, no dia em que a princesa viria a fazer sua primeira visita anual, a professora botou um pouco de erva dormideira no copo de vinho do magrelo.

Quando o navio da noiva chegou, ele dormia a sono alto. Chamaram e sacudiram o rapaz, mas não houve meio de acordá-lo. E dali a poucas horas a princesa já teve de embarcar de novo, e os dois não se falaram.

Assim que ele acordou e soube do ocorrido, ficou tristíssimo. Como podia ter deixado uma coisa daquelas acontecer? Para compensar, estudou mais. Já havia aprendido quase tudo o que a professora tinha para lhe ensinar.

Mas era curioso e sempre descobria mais coisas para aprender. E aprendia com todo mundo. Andava na beira do cais e perguntava aos marinheiros como eram as terras distantes e como se navegava. Passeava pelo campo e aprendia com os lavradores como se plantava, adubava, podava e colhi. Ia às oficinas dos artesões e observava como eles trabalhavam. Nas lojas, reparava nas mercadorias vendidas, no jeito que tinham os comerciantes para negociar. Cada vez mais coisas.

Também tinha muito bom coração.

Um dia, viu uns moleques maltratarem um gato, amarrando latas velhas no rabo dele. Foi até lá, ralhou com eles, salvou o animal. Para agradecer, o gato começou a lhe ensinar a língua dos bichos de pelo. No fim de algum tempo, o rapaz já a entendia perfeitamente.

Noutro dia, viu que um cardume de aletrias tinha ficado preso perto da praia por um banco de areia que encostava numa pedra e formava uma poça salgada. Como a maré baixando, logo iam morrer. Rapidamente, o magrelo cavou com as mãos até fazer um canal e soltou os peixinhos. Para agradecer, eles passaram a vir todo dia até a beira-mar e lhe ensinaram a língua dos peixes.

De outra vez, soltou um passarinho que caíra numa arapuca. Com ele, em pouco tempo já estava entendendo e falando a língua dos pássaros.

Era inteligente, aprendia rápido. E só pensava em sua princesa.

Acontece, porém, que a moça tinha ficado muito chateada por ele estar dormindo justamente no dia da sua vinda, um encontro combinado havia tanto tempo. Ficou desconfiada. Achou que o rapaz devia estar vivendo uma vida de farra, saindo toda noite para dançar, beber, jogar e se divertir com outras moças, e que era por isso que não conseguia acordar de dia.

No dia seguinte, na data combinada, a professora tornou a dar a ele vinho com erva dormideira. Outra vez, ele caiu num sono profundo. Não havia quem o acordasse. Vendo aquilo, a princesa perguntou à dona da casa:

— É sempre assim?

— É — respondeu a mulher: — Não estuda nada, toda noite vai a uma festa, volta tarde, bebe muito, sai para jogar, vive com más companhias...

A princesa ficou decepcionada e furiosa. Foi embora sem conseguir falar com ele.

Quando acordou, o magrelo ficou desapontado. Não conseguia entender como aquele desencontro podia ter se repetido.

No terceiro ano, ele decidiu que iria ao encontro de sua amada, em vez de ficar em casa, se arriscando a cair no sono. Foi esperar no porto o navio da princesa, desde a véspera do dia marcado. Não comeu e não bebeu nada. Só ficou parado, olhando o mar.

A professora teve medo de que seu plano falhasse.

Mas, dessa vez, a princesa não veio.

— Ela é ingrata, enroladora, promete e não cumpre — disse a mulher. — Não é como minhas filhas, prendadas, moças de palavra...

O rapaz não quis saber de conversa. Achou aquela história muito esquisita e ficou preocupado. Resolveu que não ia esperar mais.

Iria pra Bambuluá.

Só que ninguém sabia onde ficava esse reino. E que bem que estudara. Olhou em todos os mapas, procurou nos livros. Nem sinal de Bambuluá.

Pensou em que informar no mercado, onde aos sábados se reunia gente que vinha de todo canto. Perguntou a todo mundo que encontrou, ninguém soube dizer. Quando já estava indo embora, ouviu que o chamavam:

— Magreeeeeelo...Magreeeeeelo...

Olhou em volta, não viu ninguém. Só os carneirinhos num curral, à espera de serem vendidos. De lá é que vinha o chamado:

— Méééééé...Méééééé...

Como o rapaz sabia a língua dos bichos de pelo, entendeu que, na verdade, eles estavam chamando:

— Magreeeeeelo...Magreeeeeelo...

Quando ele se aproximou, começaram todos a falar ao mesmo tempo:

— Bambuluá não é deste reino...

— Não fica nesta terra...

— Mas um pescador que passou aqui para comprar queijo disse um nome parecido com esse.

— Parece que fica do outro lado do mar...

O rapaz agradeceu e foi até o porto, onde os pescadores guardavam seus barcos. Perguntou a eles e a todos os marinheiros. Alguns até já tinham ouvido aquele nome. Mas ninguém tinha ideia de onde ficava Bambuluá.

Ele cansou e saiu andando pela praia. Acabou sentando numa pedra junto ao mar e viu um cardume de sardinhas. Como falava a língua dos peixes, resolveu se dirigir a eles:

— Vocês sabem onde fica Bambuluá?

Nenhum sabia. Mas uma sardinha perguntou:

— Por que você quer saber?

O magrelo contou toda a história da princesa que ele desencantou, do encontro que tinha com ela, do sono misterioso que o impediu de vê-la, da informação que o carneiro lhe havia dado. E um dos peixes prometeu:

— Vamos ver o que a gente consegue descobrir. Venha nos encontrar neste mesmo lugar, na maré alta da próxima lua nova.

No dia marcado, o rapaz estava lá. Apareceu um peixe enorme, que abriu sua bocarra para fora d'água e disse:

— Eu sou o Rei dos Peixes. Meus súditos me contaram da sua procura, e resolvi ajudá-lo. Nós mesmo não sabemos de nada. Mas uma gaivota que costumava pousar no mastro de um navio fantasma disse que uma noite ouviu umas almas do outro mundo conversando. E elas falaram nesse lugar. Disseram que é um reino encantado onde ninguém consegue ir.

O magrelo desanimou. Mas o peixe continuou:

— Só que a gaivota não acredita. Ficou dizendo que não existe lugar no mundo onde um pássaro não possa ir. É só achar o pássaro centro para levar a pessoa lá.

Muito educado, o rapaz agradeceu. E resolveu procurar o Rei dos Pássaros, para saber logo de uma vez como poderia chegar a Bambuluá.

Andou, andou, andou, subiu morros cada vez mais altos e próximos das nuvens. Acabou chegando a uma casinha onde morava um velho muito velho, que o recebeu muito bem. Contou sua história, e o velho disse:

— Eu sou o Príncipe dos Pássaros, mas nunca ouvi falar desse lugar. Vou perguntar aos meus soldados.

Bateu um sininho de bronze, e começou a aparecer passarinho de tudo quanto era lado. De todo tipo e cor. Coleiros, curiós, pintassilgos, pintarroxos, saíras, beija-flores, pardais, gaturamos. Nenhum tinha ouvido falar no Reino de Bambuluá.

— Descanse aqui esta noite — sugeriu o velho — Amanhã eu lhe ensino o caminho para a casa do meu pai. Ele, que é o Rei dos Pássaros, talvez possa ajudar você.

No dia seguinte, deu um mapa ao magrelo, que partiu, subindo morros ainda mais altos. Andou três dias e três noites até encontrar uma casinha numa encosta. Lá morava um velho ainda mais velho, revelho, requetevelho mesmo, que ouviu sua história e disse:

— Eu sou o Rei dos Pássaros, mas nunca ouvi falar desse lugar. Vou perguntar aos meus soldados.

Bateu um sino de prata, e começou a aparecer pássaro de tudo quando era lado. Nem grandes nem pequenos, mas de todo tipo e cor. Papagaios, periquitos, tucanos, anus. Nenhum tinha ouvido falar no Reino do Bambuluá.

— Descanse aqui esta noite — sugeriu o velho — Amanhã eu lhe ensino o caminho para a casa do meu pai. Ele, que é o Imperador dos Pássaros, poderá ajudá-lo.

No dia seguinte, explicou o caminho ao magrelo, que partiu, subindo morros ainda mais altos. Andou sete dias e sete noites até encontrar uma casinha muito alva, encarapitada no pico de uma montanha. Lá morava o velho mais velho, mais firinfinfelho que der para imaginar.

Depois de ouvir a história do rapaz e dizer que era o Imperador dos Pássaros e que ia chamar seus soldados, bateu um sinão de ouro. Apareceu cada passarão! Alguns eram tão pesados que vinham correndo, nem conseguiam voar. Emas, seriemas, avestruzes, gaviões, corujas, condores, falcões, mutuns, cisnes. Nenhum tinha ouvido falar no Reino de Bambuluá.

O rapaz desanimou. Não tinha mais a quem recorrer. Não sabia o que fazer. De repente, reparou que um urubu velho e sem penas ficara por ali num canto, todo encolhido, tremendo de frio. Sentiu pena do bicho, tirou o casado para enrolá-lo. A ave agradeceu e contou:

— Quando eu era moço, meu território de pastagens era o Reino de Bambuluá. Eu sei onde fica. Mas é para lá do inferno, tem que passar por cima de toda a quentura. Se você tiver coragem, eu te levo. É só montar nas minhas costas e fechar os olhos.

— Mas você está doente, velho, sem penas. Não pode viajar assim — disse o magrelo. — Primeiro temos eu tratar de você.

Durante uma semana, ficou por ali, cuidando do velho firinfinfelho e do velho urubu firinfinfelhíssimo, agasalhando os dois, dando comida.

Quando o bicho ficou bom, ele e o rapaz foram embora.

Montado nas costas da ave, o magrelo sentiu toda a quentura dos infernos. Voaram por muito tempo até que o urubu começou a dar voltas e descer. Finalmente, pousou e disse:

— Pode abrir os olhos.

Estavam em Bambuluá. E era um lugar lindo, fresquinho, com muitas árvores e campos, riachos cristalinos, flores, passarinhos, borboletas. Bem perto, havia um belo palácio, todo enfeitado. Uma porção de gente bem-vestida vinha chegando, andando em direção ao palácio e à cidade em volta.

— Que movimentação é essa? — perguntou o rapaz a uma moça que passava, carregando uma cesta de flores e uma sacola.

— É que vai haver uma grande festa amanhã no palácio do rei, porque a princesa vai se casar. Eu sou criada dela e vim buscar umas flores para enfeitar a igreja. E este instrumento aqui na sacola é um violino que o maestro real mandou afinar para ser tocado na cerimônia.

— A princesa vai casar? E com quem?

— Com o príncipe de Bumdalelê! Um sujeito muito importante.

“E muito metido a besta, se acha melhor do que todo mundo, até do que a princesa”, pensou ela. Mas só pensou. Não disse nada. Não tinha de dar palpite sobre o noivo da patroa.

A resposta dela também fez o viajante pensar. Um príncipe... Então ele não tinha mesmo chance nenhuma. Afinal de contas, era só um sujeitinho comum, fracote e magrelo. Ainda por cima, fizera feio e dormira nos dois encontros que devia ter tido com sua amada. Merecia mesmo ser castigado e perder a princesa.

Ficou muito triste, desanimado. Com vontade de chorar, sentou-se numa pedra. Sem sentir, começou a brincar com os dedos em volta do cordão encantado que a princesa lhe dera e ainda estava em seu pulso, como uma pulseirinha. O bracelete foi afrouxando, e ele viu que eram umas cordas de violino. Foi interrompido pela voz da criada.

— E você? Quem é? — perguntava a moça, que tinha achado aquele estranho muito bonito.

— Sou um homem que está morrendo de tristeza — disse ele.

— Morrendo? Ah, não morre, não... O que eu posso fazer para ajudar?

— Meu último desejo é tocar esse violino que você está levando.

A criada hesitou, mas abriu a sacola, pegou o instrumento e deu a ele.

O rapaz trocou as cordas pelas do cordãozinho encantado e começou a tocar. Queria que fosse uma música bem triste, mas não conseguiu. Saía do violino um som tão alegrinho, uma canção tão animadinha, que a criada começou a marcar o ritmo com os pés, estalar os dedos, requebrar as cadeiras, e dali a pouco se pôs a dançar. Num instante, duas camponesas que

vinham do poço com jarros d'água na cabeça também largaram suas cargas e fizeram o mesmo. Uns homens que passavam se juntaram a elas. Um velho que chegava com um carro de boi parou para ouvir e entrou no bailado. Desandou a aparecer cada vez mais gente, e todos dançavam sem parar.

No palácio, quando viram que a criada estava demorando, mandaram outra buscá-la. Essa também ficou dançando. E mais outra, e outra, e outra. Com todas acontecia a mesma coisa. Atrás delas vieram os empregados do castelo. E os chefes deles. E depois os fidalgos. E o rei, e a rainha. Todos dançando.

Até que o rapaz parou de tocar.

Maravilhado com aquela música, o rei exigiu que no dia seguinte ele fosse tocar na festa do casamento.

— Sinto muito, mas não posso, Majestade. Por mais que o convite me honre. Até gostaria muito, mas não tenho instrumento. Este violino é emprestado, só as cordas são minhas — explicou o violinista, já tirando as cordas encantadas para enrolar e guardar de novo.

— Não seja por isso. Venha, e eu lhe arrumo um violino.

Quando todos voltaram, contaram à princesa sobre o maravilhoso músico que haviam encontrado. Um sujeito fracote, magrelo, maltrapilho, e que nem mesmo tinha seu próprio instrumento, só as cordas. Mas que era capaz de tocar melodias divinas num violino emprestado. Ninguém conseguia resistir, todos saíam dançando.

Ela logo desconfiou que era o seu querido magrelo, com as cordas encantadas que tinha lhe deixado. E imaginou que, se ele conseguiria chegar a um lugar tão longo e impossível como era o Reino de Bambuluá, devia ser porque gostava mesmo dela e estava determinado a encontrá-la. Saía à sua procura com a mesma coragem e firmeza eu havia mostrado lá na gruta, no começo da história, quando enfrentou as surras e as almas do outro mundo para desencantá-la.

Ordenou que a criada fosse procurá-lo e levasse roupas novas e magníficas para ele vestir quando viesse ao palácio. E mandou dizer ao rapaz que, ao chegar, ele não entrasse no salão principal, mas esperasse pela princesa numa antessala.

No dia seguinte, quando já estavam todos reunidos, prontos para a cerimônia, só faltava a música. O rei reclamou:

— Soube que o violinista está no palácio há muito tempo, os guardas do portão confirmaram. Como é que ele não aparece?

— Deve estar enchendo a pança em algum canto... — comentou o noivo.

— Ou enchendo a cara, com tanto vinho em suas adegas. Essa gentinha é assim, não pode ver uma festança. Basta alguém estender a mão para ajudar, e eles já ficam folgados, querem logo o braço todo.

A princesa interrompeu:

— A culpa é minha. Fui eu que ordenei que ele não entrasse no salão enquanto eu não mandasse chamá-lo. Porque antes queria fazer uma consulta a meus pais, diante de toda a corte.

— Pois então faça — disse o rei —, para começarmos logo com a festa.

E a princesa perguntou:

— Se eu perdesse a chavinha de ouro do meu cofre de joias e encomendasse outra feiosa e nova para abrir mas, antes de experimentá-la, encontrasse a velha, verdadeira e querida, o que deveria fazer? Com qual deveria ficar? Com a sobressalente, só porque havia sido encomendada?

— Com a velha, claro, a verdadeira — respondeu o rei.

Todos concordaram.

A princesa do Bambuluá foi então buscar o músico e o trouxe pela mão, elegante como um príncipe e disse:

— Pois aqui está meu noivo e velho amigo, o rapaz que enfrentou perigos terríveis para me desencantar e depois chegar até o nosso reino. Está há anos estudando e se preparando para esta função. O senhor príncipe do Bumbalelê que me desculpe e volte para sei Reino Bombaleão, onde pode começar a estudar bastante para um dia ser um rei tão sábio e justo como meu pai. Mas com outra princesa e em outro lugar. Este já está ocupado.

Todos os convidados e empregados bateram palmas, até mesmo porque achavam aquele tal de Bumbalelê antipático e metido a besta. O rei e a rainha, que sabiam da história do desencantamento, ficaram muito felizes. Aproveitaram que a festa estava pronta para abençoar o casamento desejado por todos.

E viveram felizes para sempre. Ou quase sempre, o que já é muito bom.

ADIVINHA, ADIVINHÃO

Ana Maria Machado

Era uma vez um homem que não se incomodava em trabalhar mas sempre ganhara pouco e andava muito preocupado com isso. Estava ficando velho, e a vida não melhorava. Achou que precisava experimentar alguma coisa diferente. Resolveu arriscar a sorte em outras terras. Não sabia muito bem o que poderia fazer, mas saiu de casa com sua trouxinha, na esperança de que as coisas mudassem.

Logo na primeira aldeia por onde passou, alguém lhe perguntou o que levava na trouxa:
— Adivinhe — respondeu ele.

Não queria dizer que ali dentro só tinha um paletó velho e umas coisas sem importância. E também achava que aquilo não era da conta de ninguém.

— Eu, hein?! — estranhou o outro. — Não sou adivinho...

E acrescentou:

— Se fosse, já estava rico, porque andava aí pelas feiras adivinhando as coisas e ganhando muito dinheiro.

Até que podia ser uma ideia, pensou o homem. Valia a pena experimentar, quem sabe? Era só fazer as coisas benfeitas.

E começou a se apresentar em todas as feiras da região com um cartaz onde estava escrito: ADIVINHÃO. Parava em algum canto, pendurava o cartaz, sentava embaixo e esperava os fregueses.

Como era esperto, logo viu que não podia fazer adivinhações muito exatas, porque, se adivinhasse errado, ia perder os fregueses. Tinha que deixar o sujeito interpretar como quisesse. Então, se alguém lhe perguntar o que devia fazer para que tudo desse certo numa situação determinada, ele dizia coisas assim:

— É importante saber seguir a voz do coração...

Desse modo, se as consequências da decisão não fossem boas, ele não ficaria com má fama. Sempre podia dizer que a pessoa não soubera ouvir seu próprio coração.

E foi treinando bem esse tipo de resposta. Se alguém lhe pedia orientação para fazer um negócio, ele fingia que adivinhava o futuro. Mas sempre de um jeito que podia levar mais de uma interpretação.

Por exemplo, se um fazendeiro lhe perguntava: “Devo comprar as terras e o gado do meu vizinho?”, ele respondia algo assim: “Uma grande riqueza se aproxima de alguém...”

Com “alguém”, o adivinho podia estar se referindo ao fazendeiro, se este comprasse as terras e o gado, ou a vizinho, se este não os vendesse. Cada um entendia como queria, e as coisas que ele dizia nunca o comprometiam. Assim, o homem criou fama de ser um grande adivinho, muito sábio, capaz de dar ótimos conselhos.

Essa fama aos poucos foi se espalhando e correndo por todo o reino. Chegou aos ouvidos do rei, que mandou emissários à procura do tal adivinhão.

Ao encontrá-lo, os enviados do rei comunicaram:

— Sua Majestade está precisando resolver um problema muito sério, e ordenou que nós levássemos o senhor à sua presença. Se conseguir ajudá-lo, será muito bem recompensado. Mas, se fracassar, será preso, porque não passa de um vigarista.

O homem ficou muito assustado, mas não tinha como se negar a acompanhá-los. Bem que tentou:

— Mas eu não tenho nem trajes para entrar num palácio. Não tenho dinheiro para me hospedar numa estalagem cara como são as da cidade. Tenho compromissos com outras feiras, onde estão à minha espera...

Os homens não estavam para discussão:

— Sua Majestade já imaginava isso. Mandou que trouxéssemos uma muda de roupa para o senhor, e esperássemos o senhor montar e nos acompanhar. E convidou o senhor para se hospedar no palácio.

Não tinha remédio. O jeito era seguir com eles. E, pelo caminho, ele foi rezando.

— Ai, valei-me, meu são Francisco, protetor dos pobres...

Ao chegar ao palácio, lhe serviram uma farta ceia e depois o levaram para um quarto com uma cama bem macia. Dava até vontade de ficar ali para sempre. Mas antes ele precisava adivinhar. E, se sua adivinhação não desse certo, ia ser preso.

No dia seguinte, o rei o chamou para uma audiência. Ficou a sós com ele numa sala, mandou trancar tudo para que ninguém ouvisse a conversa e explicou:

— Estamos com um problema sério. Estão desaparecendo muitas coisas neste palácio, sem que ninguém consiga descobrir o que acontece. Eu sei que há uma verdadeira quadrilha de ladrões agindo por aqui, mas não sei quem são. Quando ouvi falar nos seus dons extraordinários, logo me animei. Será que o senhor consegue adivinhar?

Quase tremendo de medo, o homem respondeu:

— Não sei, Majestade. Mas posso tentar. Porém, preciso de um prazo.

Pensava em ficar uns dias por ali, comendo bem e dormindo no macio, e depois daria um jeito de fugir.

— Pois então lhe dou um mês. Trinta dias. Nem mais uma hora. Se no fim desse prazo os ladrões não tiverem sido descobertos e postos na prisão, o castigo vai recair sobre a sua cabeça! Eles são muito astuciosos.

Trinta dias. Quem sabe ele não conseguia? De qualquer modo, não tinha escolha. Ia ficar. E rezou de novo:

— Ai, valei-me, meu são Francisco, protetor dos pobres.

Logo na primeira noite, quando um criado lhe servia o café depois do jantar no quarto, o falso adivinho pensou que, bem ou mal, mesmo não tendo descoberto coisa nenhuma, conseguira atravessar um dia inteiro sem problemas, comendo do bom e do melhor, faltavam só vinte e nove dias. Suspirou e exclamou em voz alta:

— Bom, esse primeiro está no papo!

Ouvindo aquilo, o criado levou um susto. Ele era um dos ladrões, e achou que o adivinho o tinha descoberto.

Saiu dali e foi contar aos outros, muito preocupado. Escolheu um dos cúmplices e lhe fez uma proposta:

— Não volto mais lá. Amanhã vai você em meu lugar.

No dia seguinte, o outro foi. Serviu o jantar e o café. O adivinho estava calado e absorto, aproveitando a mordomia, mas pensando em como ia sair daquela situação. Agora só faltavam vinte e oito dias. Na hora que o criado já se retirava do quarto, tendo deixado uma jarra de água fresca para o caso de o hóspede sentir sede durante a noite, ouviu o adivinho suspirar e exclamar:

— Com esse, lá se vai mais um...

Pronto, tinha sido descoberto também! Pelo menos foi o que ele achou. Morrendo de medo, o ladrão se jogou de joelhos aos pés do adivinho:

— Perdão, perdão! Eu confesso, mas me ajude. Por favor, adivinhe meu futuro. Que vai ser de mim? Que posso fazer para me livrar do castigo?

O homem não era adivinho, mas de bobo não tinha nada. Logo entendeu tudo e respondeu:

— Se você estiver mesmo arrependido, contar quem são seus cúmplices e amanhã confirmar tudo diante de Sua Majestade, sua pena será mais branda. Se não fizer isso, vai passar o resto da vida na cadeia.

Sem demora, o criado entregou os outros ladrões, disse como eles agiam e jurou repetir tudo diante do rei.

No outro dia, feliz da vida, o adivinho contou ao rei que já tinha descoberto quem eram os ladrões.

— Tão rápido assim? Tem certeza?

— Tenho. Hoje à tarde um deles vai lhe confessar.

— Mantenho a recompensa prometida - disse o rei. Mas vou lhe dar algo a mais pela rapidez. O que deseja?

— Peço apenas que o ladrão arrependido receba uma punição mais branda e não fique preso por toda a vida como os outros.

O rei concordou, e tudo aconteceu como previsto. A não ser por uma coisa. Quando o criado deu ao rei os nomes dos cúmplices, o adivinho reparou que faltaram dois. Justamente o nome do primeiro-ministro e o de um conselheiro. Na véspera, o ladrão começara por eles. Tinha dito até que eram os chefes. Mas agora os deixava de fora. Na verdade, fora ameaçado e ficara com medo.

Não precisava ser um grande adivinho para chegar a essa conclusão. Era só não ser bobo.

Os acusados foram todos presos. O criado que denunciou foi expulso do reino, com ordens para não voltar nunca mais. O adivinho foi convidado para completar o mês por ali, comendo do bom e do melhor e dormindo no macio, como hóspede real. E os chefes dos ladrões continuaram no palácio.

Mas eram dois bandidos mesmo e estavam furiosos. Resolveram se vingar, com um golpe audacioso. Roubaram a coroa do rei e a esconderam no meio das roupas velhas, dentro da trouxinha do adivinho.

A sorte foi que o homem descobriu antes que dessem o alarme. Foi correndo chamar o rei e mostrou:

— Veja só, Majestade. Alguém fez isso para se vingar de mim.

— Você é capaz de adivinhar quem foi?

— Adivinho, sim. Para dizer a verdade, já adivinhei. Tenho certeza. Mas não posso provar. Foram o primeiro-ministro e um conselheiro, que eram os chefes daquela quadrilha, mas ameaçaram o criado e ele não contou.

O rei ficou horrorizado. Imediatamente decidiu prendê-los.

— Desculpe, Majestade, mas acho que podemos esperar um pouquinho. Tenho um plano para provar que foram os dois. Com provas, não adianta eles negarem. Vão ser

desmoralizados. Todo mundo vai ficar sabendo. E ninguém jamais poderá dizer que Vossa Majestade cometeu uma injustiça.

Explicou sua ideia, e o rei concordou.

O adivinho então mandou reunir os moradores do palácio numa sala onde havia uma mesa. Em cima da mesa, um caldeirão de ferro com um galo dentro. Depois contou que ia cobrir o caldeirão com uma toalha e que todos os presentes, um por um deviam acariciar as costas daquele galo mágico. Disse que, quando o ladrão tocasse na ave, ela adivinharia e cantaria de um jeito especial. Assim, seria possível descobrir o culpado.

Fez-se uma fila comprida, reunindo todo mundo que morava e trabalhava no palácio. Cada um punha a mão no caldeirão, enquanto o adivinho dançava em volta, fazia umas piruetas, dava uns saltinhos e cantava:

*Adivinha, adivinhão,
qual é a mão do ladrão!*

Às vezes o galo cantava, às vezes não. Ninguém conseguia saber se em alguma daquelas vezes ele cantara de um jeito especial. Depois que todos passaram pela mesa, o adivinho mandou que mostrassem a palma da mão. Todas estavam sujas de fuligem preta. Só o primeiro-ministro e o conselheiro não tinham se sujado.

— São esses os ladrões! - apontou o adivinho.

— Bem que você adivinhou... - comentou o rei.

E ordenou

— Levem-nos já para a prisão! Imediatamente!

Não era possível duvidar. Como o rei explicou à corte e à criadagem ali reunidas, antes da cerimônia o adivinho tinha esfregado as costas do galo na tigna do caldeirão — que é aquela sujeira bem preta que fica do lado de fora das panelas quando se cozinha em fogão a lenha. E, como os dois culpados não quiseram correr o risco de que o galo cantasse para denunciá-los, haviam sido os únicos a não encostar a mão no bicho.

Muito feliz, o rei convidou o adivinho para ficar morando para sempre no palácio, no bem-bom para o resto da vida, adivinhando as coisas para ele.

— Majestade, bem que eu gostaria — disse o homem. — Mas não posso. Na verdade, eu não sou mesmo um grande adivinho. Meus poderes eram fraquinhos e já se acabaram. Gastou tudinho... Não está certo eu ficar aqui enganando alguém. Ainda mais um rei como Vossa Majestade.

— Então fique como meu conselheiro.

O homem quase aceitou. Era muito bom poder ter a garantia de comer do bom e do melhor e dormir em cama macia. Mas ele pensou também num palácio tinha seus problemas. Pelo jeito, era cheio de gente fazendo coisas que viver às escondidas, falando dos outros, se metendo numa intrigalhada danada. E ele já estava sentindo saudade de andar livre pelo mundo, indo para onde quisesse quando bem entendesse, de feira em feira. E disse isso ao rei.

— Tudo bem. Então lhe dou uma boa recompensa, e você vai embora. Mas de vez em quando apareça para me visitar e passar uns dias aqui. Como meu hóspede e amigo

E, dessa vez, até o rei podia adivinhar que o homem ia aceitar.

A PRINCESA DE BAMBULUÁ

Câmara Cascudo

Havia na estrada que liga duas cidades importantes uma grande pedra com uma prata espaçosa, onde costumavam os viajantes pernoitar quando surpreendidos pela noite naquele deserto. Era muito frequentada a paragem, mas começou a aparecer uma viagem e os viajantes preferiam fazer uma curva a ter de passar pela pedra da margem do caminho. Contavam que os homens eram acordados por uma voz celestial dizendo:

— Quem quer desencantar a princesa de Bambuluá? - Viam apenas o rosto de

uma moça bonita como um anjo. Só o rosto. E ora esse rosto que pedia socorro. Muitos homens corajosos aceitaram o encargo, mas desistiram das provas e fugiram espavoridos e molhados de sangue. O lugar foi ficando abandonado cada vez mais. Raramente passava uma criatura humana e assim mesmo bem depressa, olho no pé, olho no mato.

Numa tarde apareceu por ali um rapaz amarelo, franzino, muito cansado e faminto e se sentou na laje sem saber o que fazer de sua vida. Surgiu o rosto da moça encantada e perguntou se ele era capaz de desencantar a princesa de Bambuluá

— Sou — disse o amarelo —: sou homem para enfrentar o perigo, mas quero comer, beber e descansar primeiro...

— Ente para a gruta - dose o resto. O amarelo, que se chamava Joio, entrou e encontrou uma mesa cheia de comida variada e gostosa, uma boa rede armada e um banho morno preparado.

João tomou o banho, mudou a roupa, comeu e deitou-se na rede. O rosto reapareceu dizendo:

— Hoje à meia-noite vai até aquela árvore que fica no alto do sema e deita-te no chão. Haja o que houver, não te levantes, não grites, não te defendas e apenas poderás rolar até aqui onde fie arás a salvamento.

João cumpriu à risca. Perto da meia-noite foi até a árvore que ficava bem longe da gruta e deitou-se. Logo depois viu três vultos mascarados, cobertos com umas capas escuras conversando.

— Ha tempos que não tropeço com gente deitada aqui - dizia um. Outro comentava:

— Deve ter sido a custa de pau que ficamos livres — Um deles bateu com o pé em João gritou:

— Aqui está um embrulho. Vamos empurrá-lo! Chega o pau nele!

As pancadas, pontapés, choveram sobre João que suportou calado e, apenas dando um jeito no corpo, começou a rolar, a rolar por cima de pedras, espinhos, galhos secos, debaixo da saraivada de golpes, dos três empuçados. Rolou, rolou, rolou, até que encostou na gruta. Imediatamente as figuras sumiram-se e João pôde sossegar, todo roxo de pancadas. A princesa de Bambuluá apareceu, já desencantada numa terça parte do corpo. Mandou preparar todo conforto para o amarelo que passou o resto da noite e o dia seguinte tomando coragem para a segunda prova.

Na noite escolhida os três encapuzados surraram brutalmente o pobre rapaz que não deu a menor demonstração de estar sentindo maus-tratos. Rolou, rolou, rolou até a gruta e os três carrascos desapareceram. João ficou recebendo curativos nas feridas e alimentando-se convenientemente até recobrar suas forças. Finalmente, na terceira noite, as provas foram cruéis. Os três fantasmas, furiosos pela insistência do candidato, moeram-no de pancadas e sacudiram-no dentro de um barreiro cheio de cacos de vidro e espinhos. João ficou picotado como um paliteiro. Ao romper da madrugada os três algozes fugiram como sombras. A princesa de Bambuluá estava desencanta da inteiramente, dos pés à cabeça, bonita como os amores. Tratou de João e pôde curá-lo em quinze dias. Viajaram então para a cidade vizinha e ali chegando a princesa hospedou-se na casa de uma velha professora, rica e sábia, que a recebeu como ela merecia. A princesa disse à João:

— Vou embarcar amanhã para o reinado de Bambuluá e voltarei uma vez por ano para ver você. E preciso que o meu noivo estude a língua dos pássaros e tudo quanto seja necessário para um homem importante. No fim de cinco anos creio que já estará você preparado para acompanhar-me ao reinado do meu Pai e casar comigo. Não se esqueça de mim e lembre-se que minha visita anual durará apenas algumas horas. Estude muito. No outro dia a princesa tomou o navio e foi embora para Bambuluá deixando João na casa da professora velha

que tinha duas filhas lindas. Começou o rapaz estudar tudo, especialmente a língua dos pássaros, fazendo progressos todos os dias. A velha ensinava com afinco e como ia gostando do moço pensou que seria melhor casá-lo com uma de suas filhas do que educá-lo para a princesa de Bambuluá que bem podia escolher outro noivo com facilidade.

Quando chegou o dia da princesa fazer a primeira visita, a professora preparou uma festa, mas ofereceu a João um copo de vinho misturado com dormideira. O rapaz bebeu e caiu como morto, dormindo profundamente. A princesa de Bambuluá chegou, abraçou todos e não conseguiu falar com o noivo porque este dormia a sono solto. Pela tarde a princesa voltou para o navio e seguiu viagem.

João acordou e ficou muito triste com o sucedido, mas continuou estudando cada vez mais. No outro ano, no dia em que a princesa voltaria a visitá-lo, a professora tornou a fazê-lo dormir com o vinho misturado com dormideira. A princesa olhou muito o noivo, mas não pôde despertá-lo. Assim se passaram os cinco anos. A princesa de Bambuluá estava certa de que João não a queria, não estudara coisa alguma, vivendo nas festas. Tudo isso era dito pela professora velha. Na data da princesa vir, João, desconfiado, ficou de sobreaviso, mas a princesa não veio. A professora disse que a princesa de Bambuluá era uma ingrata e que João devia casar-se com uma de suas filhas, moças prendadas e bonitas. João recusou, arrumou o que possuía e partiu.

Caminhou pela praia do mar muitos dias. Numa tarde deparou uma casa solitária e bateu palmas, chamando o dono. Depois de muito bater, ouviu uma voz macia, muito baixa, mandando que ele entrasse. João penetrou até a cozinha e viu um velhinho encarquilhado junto do fogo. Parecia ter mais de cem anos. Tratou João muito bem e o moço contou sua história. O velhinho disse:

— Eu sou o Príncipe dos Pássaros. Pode ser que algum dos meus soldados saiba onde fica o reinado de Bambuluá. Vou chamá-los...

Agarrou um tamborzinho e começou a bater, a bater, a bater. O céu ficou escuro de pássaros, de todos os tipos, cores e figuras que desciam para a casa, entrando pelas portas e janelas e cercando o velho com todo respeito. Assim que viam o rapaz partiam de bico aberto contra ele, julgando-o inimigo do Príncipe. O velhinho sossegava-os com um gesto. A todos o Príncipe dos Pássaros perguntou o caminho para o reinado de Bambuluá. Ninguém sabia.

— Durma hoje aqui e vá amanhã perguntar ao meu Pai, o Rei dos Pássaros, onde fica o reinado de Bambuluá.

João agradeceu muito ao velhinho e seguiu jornada na manhã seguinte. Andou três dias e três noites. Avistou uma casinha na encosta de um morro. Subiu, bateu palmas e encontrou

um velho, tão velho, que estava encolhido, encorujado, junto do fogo. Quase não falava. Recebeu-o muito bem, deu-lhe que comer e ouviu a história. Depois falou:

— Vou ver se os meus soldados sabem alguma coisa... - Pôs na boca um apito de prata e apitou, apitou, apitou. Emas, nambus, jacus, tamatiões, todos os pássaros grandes, que correm mais do que voam, compareceram, precipitando se contra João porque pensavam que ele quisesse ofender ao Rei dos Pássaros. O velho-velhinho aquietava-os com a mão. Perguntou a todos e nenhum soube onde ficava o reinado de Bambuluá.

— Durma hoje aqui e amanhã procure meu Pai, o Imperador dos Pássaros. Esse deve saber...

João agradeceu muito, dormiu e continuou sua peregrinação na manhã seguinte. Andou, andou, andou. No quarto dia de viagem viu uma casinha no alto de uma serra, lá em cima, muito alvinha. Subiu com dificuldade e bateu palmas um tempo sem fim. Finalmente entrou e deparou um velho, velho, velho, tão velho que vivia dentro de uma cabaça, enrolado em pasta de algodão e suspenso em cima do fogo. Recebeu João muito bem, deu-lhe que comer e beber, mostrou uma rede armada, ouviu sua história e prometeu auxiliá-lo. Tirou da cabaça uma gaita de perna de ema e soprou um som fininho, fininho, por alguns minutos.

Assim que ele acabou, ouviu-se um barulho de asas e o céu ficou preto, preto, preto, de urubus, aos milhares e milhares, cobrindo tudo. Rodearam a casa e foram entrando e saudando o velho como a um Imperador. Queriam matar a João, mas o Imperador fazia um gesto e os urubus obedeciam. Nenhum conhecia o caminho para o reinado de Bambuluá. O Imperador mandou-os embora e virou-se para um urubu velho que estava dormindo num canto, tão velho que não tinha mais penas e sim os canhões. O urubu ouviu a pergunta e respondeu, estirando as asas enormes:

— Saiba o meu imperial senhor que o reinado de Bambuluá era os meus pastos. Fui muito lá. Fica depois do Inferno. Passa-se por cima, na quentura do fogo do Diabo. Logo na descida está uma campina que olhos maus não podem ver, cheia de palácios bonitos, com muita gente agradável. É aí o reinado de Bambuluá.

O Imperador dos Pássaros disse a João que fosse comprar um boi de cinco eras, matasse, cortasse carne, tripas, bofe oração, fígado, rins, quebrasse os ossos e trouxesse tudo para o urubu velho comer. Dentro de três dias estaria pronto para a viagem.

João comprou o boi de cinco eras, fez tudo quanto lhe ordenaram e colocou o montão de comida na frente do urubu velho que começou a comer sem parar, dia e noite. Ia comendo, comendo, e os canhões se abriam em penas e o urubu ia ficando empenado novamente. Dois dias depois já estava pronto e deu uns voos, experimentando as asas e as forças.

O Imperador dos Pássaros explicou a João que montasse o urubu, segurando dois cotos de penas como se fossem fueiros, e cruzasse os pés por debaixo da asa. Fechasse os olhos, só abrindo quando o urubu parasse. Havia de sentir um vento muito quente e o urubu faria muitas voltas. Era na ocasião em que passariam por cima das bocas do Inferno. João seguiu tudo direitinho e o urubu voou alto, alto, alto, empinando acima das nuvens. Depois de horas, desceu como um raio e começou a fazer curvas, como que recuando e o rapaz sentia um calor tão forte que lhe dava a impressão de estar pisando em brasas assopradas.

Bruscamente o urubu voou mais alto e desceu rápido pisando em terra. João abriu os olhos e viu que estava uma campina verde, com água corrente e perto de muitas casas bonitas. No cimo de um morro estava um palácio que era uma babilônia de grande.

O urubu despediu-se e voou. O rapaz veio andando, andando, até que alcançou as primeiras casas. Na janela de uma dessas estava uma velha muito simpática que lhe perguntou quem era e o que estava fazendo no reinado de Bambuluá. João escondeu umas partes e contou outras, e a velha mandou-o entrar e acomodar-se com sua pequena bagagem.

O rapaz estava com fome, mas a velha nada tinha que lhe oferecer. Era uma antiga criada do palácio do Rei. Este lhe dera aquela casinha, roupa e mandava todos os dias abundante tabuleiro de comida vinda da cozinha real. Pediu que João tivesse paciência e esperasse pelo meio-dia, hora em que o almoço havia de chegar.

Para distrair-se, João abriu a bruaca, tirou um violino e substituiu as cordas comuns por umas cordas encantadas que a princesa lhe havia dado. Música tocada nessas cordas fazia toda a gente dançar. João afinou o instrumento e começou a tocar uma música tão sacudida, tão feiticeira, tão requebrada, que a velha se peneirou toda e saiu dançando pelo meio da sala. Os homens que iam passando na rua paravam para ouvir e entravam forte no bailado, balançando o corpo e sapateando como uns danados. Tanta gente passasse e ouvisse como entrava para a casa e ficava perdida no meio da dança. Ao meio-dia chegou a empregada do palácio e do meio da rua se vinha desmanchando no compasso, equilibrando o tabuleiro. Arriou-o na mesa e pulou como uma maluca.

No palácio notaram a demora da criada e mandaram outra buscá-la. Esta o que fez foi aderir ao baile com todas as forças do corpo. Mandaram uma segunda, terceira, quarta e quinta e todas se misturaram com os dançarinos, saracoteando. Finalmente a rainha, com algumas damas, veio pessoalmente verificar em que tanta criada estava entretida. Nem andou meio caminho e já ficou bulindo com os pés e, rainha e damas, largaram-se no folguedo como umas desesperadas.

O Rei, vendo que o palácio estava deserto e a fome o apertava sem que o almoço aparecesse, saiu com os fidalgos à procura daquele mistério. Não escapou. Voou para o brinquedo como gato aos bofes. Dançaram, dançaram, dançaram. Até que o João parou o violino e todo mundo ficou mais morto do que vivo. O Rei então disse:

— Amanhã ofereço uma festa no palácio porque depois de amanhã vai casar minha filha. Você será o tocador. Não deixe de ir senão mando cortar-lhe a cabeça.

Dispersaram todos. A princesa não deixara seu aposento e quando as criadas contaram a história do baile, ficou surpreendida e desconfiou que fosse o músico, o seu antigo noivo, que a desencantara e a quem dera as cordas mágicas e fizera educar. Enviou uma criada de confiança e, quando se convenceu de que era mesmo João, mandou-o chamar e tudo combinou para a festa próxima.

O noivo oficial andava todo orgulhoso, bebendo ares, sem enxergar ninguém, porque ia casar com a filha do Rei. No dia da festa, quando o salão real ficou que não cabia uma cabeça de alfinete, a princesa saiu, bonita como uma estrela do céu, e disse, em alto e bom som:

— Rei meu Pai Rainha minha mãe, meus senhores e senhoras! Se eu perdesse a chave da minha mala e mandasse comprar outra para abrir, e antes de servir-me da nova encontrasse a velha, que deveria fazer?

Todos responderam:

— Use a velha, Princesa, não se deixam amores velhos pelos novos.

— Pois — concluiu a princesa —, aqui está meu noivo antigo, que sofreu por mim os maus-tratos, desencantando-me e estudando para ser digno do posto, vindo até aqui só para ver-me.

E entrando, saiu trazendo João pela mão, todo bem-vestido, com joia no dedo que parecia mesmo um príncipe.

Todos os convidados bateram palmas e o Rei e a Rainha abençoaram o casamento que se realizou no outro dia, com tanta festa que não teve fim.

Eu estava lá e vi tudo e trouxe um boião de doce, mas na ladeira do Escorrega escorreguei caí e quebrou-se tudo...

Francisco Ildefonso (Chico Preto). Praia de Areia Preta, Natal, Rio G. do Norte.

ADIVINHA, ADIVINHÃO

Câmara Cascudo

Era uma vez um homem muito sabido mas infeliz nos negócios. Já estava ficando velho e continuava pobre como Job. Pensou muito em melhorar sua vida e resolveu sair pelo mundo dizendo-se adivinhão. Dito e feito. Arranjou uma trouxa com a roupa e largou-se. Depois de muito andar chegou ao palácio de um rei e pediu licença para dormir. Quando estava ceando o rei lhe disse que o palácio estava cheio de ladrões astuciosos. Vaio homem e se oferece para descobrir tudo ficando um mês na cela beleza. O rei aceitou. No outro dia o homem passou do bom e do melhor e não descobriu cousa nenhuma. Na hora de cear, quando o criado trazia o café, o adivinho exclamou, referindo-se ao dia que passara:

— Um está visto! O criado ficou branco de medo porque era justamente um dos larápios.

No dia seguinte veio outro criado ao anoitecer e o adivinhão repetiu:

— O segundo está aqui!

O criado, também gatuno, empalideceu e atirou-se de joelhos, confessando tudo e dando o nome do terceiro cúmplice. Foram presos e o rei ficou satisfeito com as habilidades do adivinho.

Dias depois roubaram a coroa do rei e este prometeu uma riqueza a quem adivinhasse o ladrão. O adivinho reuniu todos os criados numa sala e cobriu um galo com uma toalha. Depois explicou que todos deviam passar a mão nas costas do galo. O ladrão havia de ser denunciado pelo canto do galo. Todos os criados passaram a mão. O adivinho, cada vez que alguém ia meter o braço debaixo da toalha, fazia umas piruetas e dizia, alto:

Adivinha, adivinhão,

A mão do ladrão!

Todos acabaram de fazer o serviço e o adivinho mandou que mostrassem a palma da mão. Dois homens estavam com as mãos limpas e os demais sujos de fuligem.

— Prendam estes dois que são os ladrões da coroa!

Os homens foram presos e eram eles mesmos. A coroa foi achada. O adivinho explicou a manobra. O galo estava coberto de tigna de panela, emporcalhando a mão de quem lhe tocasse nas costas. Os dois ladrões não quiseram arriscar a sorte e por isso fingiram apenas que o faziam, ficando com as mãos limpas.

O rei deu muito dinheiro ao adivinhão e este voltou rico para sua cidade.

Benvenuta de Araújo, Natal, Rio G. do Norte.